

unesp



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL: IMPLICAÇÕES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

CLÁUDIO SILVÉRIO DA SILVA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade

**Rio Claro
Junho - 2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

**A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL: IMPLICAÇÕES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

CLÁUDIO SILVÉRIO DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade

**Rio Claro
Junho - 2011**

796
S586e

Silva, Cláudio Silvério da
A Educação Física Adaptada no contexto da formação
profissional: implicações curriculares para os cursos de
Educação Física / Cláudio Silvério da Silva. - Rio Claro :
[s.n.], 2011
133 f. : il., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Alexandre Janotta Drigo

1. Educação física. 2. Currículo. 3. Formação inicial. 4.
Disciplina curricular. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS DE RIO CLARO

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: A Educação Física adaptada no contexto da formação profissional: Implicações curriculares para os cursos de Educação Física

AUTOR: CLAUDIO SILVERIO DA SILVA

ORIENTADOR: Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM CIENCIAS DA MOTRICIDADE, Área: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO
Faculdade de Americana / Americana / SP

Profa. Dra. MARLI NABEIRO
Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências de Bauru

Prof. Dr. GLAUCO NUNES SOUTO RAMOS
Departamento de Educação Física da Ufscar - São Carlos/SP

Data da realização: 03 de junho de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me ajudar a persistir com fé para chegar neste momento tão importante da minha vida. A minha esposa Adriana que com muita compreensão me auxiliou nos momentos de dificuldade e se alegrou nas conquistas. Aos meus pais e irmãos que sempre me incentivaram. Aos meus amigos de pós pela amizade, apoio e incentivo, e ao Fábio pelas hospedagens na república. Aos grupos de estudos e seus componentes: NEPEF da UNESP de Rio Claro e NEPATEC da UNESP de Bauru. Aos membros da banca examinadora Prof^a Dra. Marli Nabeiro e Prof^o Dr. Glauco Nunes Souto Ramos pelas contribuições ao trabalho. Ao meu orientador Prof^o Dr. Alexandre Janotta Drigo pela competência, dedicação, sensibilidade e caráter inestimável e sua esposa Prof^a Me. Juliana Cesana pelo apoio e hospitalidade.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo averiguar como a disciplina curricular Educação Física Adaptada ou similar tem se apresentado nos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e Esporte nas três Universidades públicas estaduais do estado de São Paulo, e se faz interação com as outras disciplinas do currículo. A pesquisa é de cunho qualitativo e utilizou como técnicas de coleta de dados o levantamento de fonte documental via internet através de consulta ao portal do Ministério da Educação (MEC): no link: <http://emec.mec.gov.br/> e a entrevista do tipo semi estruturada. Os documentos coletados foram: grades curriculares e conteúdos programáticos da disciplina. Nas análises dos documentos disponibilizados tanto das Instituições públicas como das privadas constatamos que, quanto à nomenclatura, a disciplina tem se apresentado com nomenclaturas semelhantes em algumas IES privadas, e de forma distinta em IES privadas e públicas dentro da proposta licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte. Em relação às análises das entrevistas com os professores, foi possível analisar a caracterização da disciplina com uma nomenclatura que a identifica e uma falta de consenso quanto aos conteúdos ministrados e relatos mais consensuais quanto às estratégias de ensino, com ênfase na extensão universitária. Na questão do currículo se verificou que há uma ausência de interação entre a disciplina e as demais. Quanto à formação, intervenção e preparação para o mercado de trabalho os participantes apresentaram uma preocupação com a necessidade de se preparar o aluno com perfis diversificados. Dentro deste contexto, consideramos que há a necessidade de pensar na absorção do conteúdo prático nos estágios supervisionados, em cursos de formação de pós graduação e cursos semelhantes à residência médica. Constatamos que a disciplina não faz interação com outras disciplinas por conta das configurações curriculares existentes nos cursos de Educação Física no Brasil do tipo mosaico, e que precisa ser repensado. Diante destas considerações emergiu das análises dos resultados que há uma formação direcionada para pesquisadores e uma voltada à profissão. Para tanto, indicamos que é necessário haver fóruns de discussão na área de EFA para a formação profissional e intervenção.

Palavras chave: Educação Física; Formação profissional; Educação Física Adaptada

ABSTRACT

This study aimed to find out how the Adapted Physical Education curriculum subject or similar has appeared in undergraduate and graduate / undergraduate degree in Physical Education and Sport in the three public state universities of São Paulo, and makes interaction with other disciplines the curriculum. The research is of qualitative character and used as techniques to collect the survey data source document via the Internet by consulting the website of the Ministry of Education (MEC): the link: <http://emec.mec.gov.br/> and semi structured interview. The documents were collected: curricula and syllabus of the course. In the analysis of documents provided much of the public and private institutions found that, as the nomenclature, the discipline has performed with similar classifications in some private institutions, and differently in public and private institutions within the proposed undergraduate and graduate / undergraduate degree in Physical Education and Sport. Regarding the analysis of interviews with teachers, we could analyze the characterization of the discipline with a nomenclature that identifies and a lack of consensus on the content taught and the mainstream reports about the strategies of education, with emphasis on the university extension. In the matter of the curriculum was found that there is a lack of interaction between the discipline and others. As for training, intervention and preparation for the labor market participants had a concern with the need to prepare students with diverse profiles. Within this context, we consider that there is a need to think of practical content in the absorption of supervised training, training courses and graduate courses similar to medical residency. We found that the discipline does not interact with other disciplines because of the settings in the existing curriculum of physical education courses in Brazil mosaic-like, and what needs to be rethought. Given these considerations emerged from the analysis of the results that there is a directed training for researchers and focused on a profession. To this end, we indicate that there must be discussion forums on EFA area for training and intervention.

Keywords: Physical Education; Vocational training; Adapted Physical Education

LISTA DE QUADROS

	Página
QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DOCENTE.....	44
QUADRO 2 – CARACTERIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS.....	45
QUADRO 3 – PARECERES DOS DOUTORES AO ROTEIRO DA ENTREVISTA....	47
QUADRO 4 – INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR CADASTRADAS NO MEC COM CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO	50
QUADRO 5 – CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS.....	51
QUADRO 6 – ANÁLISE DA QUESTÃO 1.....	55
QUADRO 7 – ANÁLISE DA QUESTÃO 2.....	60
QUADRO 8 – ANÁLISE DA QUESTÃO 3.....	62
QUADRO 9 – ANÁLISE DA QUESTÃO 4.....	64
QUADRO 10 – ANÁLISE DA QUESTÃO 5.....	65
QUADRO 11 – ANÁLISE DA QUESTÃO 6.....	67
QUADRO 12 – ANÁLISE DA QUESTÃO 7.....	68

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	1
O Problema de estudo.....	1
Questão a investigar	6
Objetivos	7
Justificativa.....	8
A organização do estudo.....	10
CAPÍTULO I - AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E SUAS TERMINOLOGIAS....	12
CAPÍTULO II – A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E SUA HISTÓRIA NA SOCIEDADE	16
2.1- O esporte adaptado e as pessoas com deficiências	20
CAPÍTULO III – CURRÍCULO E AS TEORIAS CURRICULARES E A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	26
3.1 - A Educação Física Adaptada nos currículos dos cursos de Educação Física no Brasil.	30
CAPÍTULO IV- A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROFISSÃO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA COMO UMA ESPECIALIDADE.	35

CAPÍTULO V – CAMINHO METODOLÓGICO	40
5.1 – A fonte documental.....	41
5.2 – As entrevistas.....	42
5.3 - Critérios de seleção das IES e dos participantes da pesquisa.....	43
5.4 – Os participantes da pesquisa	43
5.5 – A caracterização das disciplinas.....	45
5.6 – O roteiro das entrevistas	46
5.7 – Procedimentos para as análises das entrevistas.....	49
CAPÍTULO VI – RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
6.1 – A apresentação e análise dos dados parciais da internet	50
6.2 – Análises das entrevistas.....	54
6.3 - Discussão.....	69
VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	87
APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas	88
APÊNDICE C – Transcrição das entrevistas	89

INTRODUÇÃO

O problema de estudo

A minha aproximação com a Educação Física Adaptada foi no início de minha carreira como professor de Educação Física em uma instituição especializada para alunos com deficiência intelectual no município de Bauru, interior de São Paulo.

Tendo em vista que, em minha graduação não havia tido nenhum contato com uma disciplina específica sobre Educação Física e esportes para pessoas com deficiências, e muito menos a participação em projetos de extensão, estágios ou prática de ensino, obviamente me sentia de certa forma 'despreparado' para assumir tal função.

No entanto, com o passar do tempo já me sentia mais adaptado ao ambiente da instituição e principalmente com os alunos, contando com o auxílio dos pares: dirigentes, professores e funcionários.

Ainda no período de adaptação retornei ao convívio da instituição em que tinha me graduado em Educação Física para cursar uma pós graduação, a qual dentre as suas disciplinas continha a Educação Física Adaptada, suprimindo de certa forma a ausência da mesma na graduação possibilitando o estabelecimento da relação teoria e prática quanto aos conhecimentos específicos da área.

Além do curso de pós, tive a oportunidade de participar, desta feita, na condição de pesquisador no grupo de estudos em Educação Física Adaptada em outra universidade, com professores e profissionais de escolas especiais e instituições para pessoas com deficiências.

Quanto à carreira profissional na área continuei atuando em outras instituições especializadas para pessoas com deficiência intelectual, e também dentro do contexto escolar com alunos que apresentavam outras deficiências.

Na atualidade estou inserido como docente em uma instituição privada de ensino superior, ministrando a disciplina curricular Educação Física Adaptada em cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física.

E quanto às pesquisas, estou como estudante e pesquisador na linha de pesquisa em Formação Profissional e Campo de Trabalho em Educação Física na pós graduação em Ciências da Motricidade na UNESP de Rio Claro, em nível de

Mestrado, motivo pelo qual pude continuar me interessando em estudar sobre a área, tendo como recorte analisar a Educação Física Adaptada enquanto disciplina curricular no ensino superior nos currículos das Instituições de Ensino Superior, dos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física, cuja sigla: IES será utilizada no decorrer do trabalho.

Assim, também para maiores esclarecimentos quando nos referirmos neste estudo à nomenclatura Educação Física Adaptada¹, esta representará a disciplina curricular e similar que é objeto deste estudo com a sigla EFA.

Assim, a pretensão é de investigar a disciplina EFA nos cursos de Educação Física na licenciatura e graduação/bacharelado, tendo em vista a ampliação de possibilidades que envolvem a inserção ou inclusão das pessoas com deficiências em diversos contextos sociais, dentre eles o educacional, pois professores e profissionais de Educação Física estão cada vez mais tomando contato com esta população.

Haja vista que, de maneira geral, não é raro, por exemplo, encontrar adaptações em mobiliários, sanitários, veículos e vias públicas, em escolas ou empresas, para que pessoas, por exemplo, com deficiências físicas ou sensoriais possam usufruir o direito à acessibilidade.

Segundo o programa brasileiro de acessibilidade urbana do Ministério das Cidades, acessibilidade é a garantia de possibilidade de acesso quanto à aproximação e manuseio de qualquer ambiente ou objeto pelas pessoas com deficiência, ao se beneficiarem da facilitação de deslocamento perante as suas capacidades individuais de movimentação e locomoção para chegar ao destino planejado (BRASIL, 2006).

Isto significa que está havendo uma maior conscientização por parte da sociedade civil e dos governantes com as pessoas que estejam em condição permanente ou temporária de algum tipo de deficiência, numa dimensão que, compreende não somente a aceitação com relação às suas diferenças e limitações, mas também às suas potencialidades e principalmente ao direito de ir e vir.

Desta forma, principalmente no início da década de 1980, surgiram propostas e planos de ações mais contundentes quanto aos direitos de cidadania, diminuição do preconceito e exclusão social das pessoas com deficiências, tendo como marco o ano

¹ Denominação que será utilizada neste estudo para designar a disciplina curricular (EFA) ou semelhante dos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte.

de 1981, como o Ano Internacional para as Pessoas Deficientes, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o propósito de conscientização da sociedade para se iniciar um processo de mudança de atitudes com relação a esta população (SILVA, 1986).

Além destas mobilizações no âmbito sociopolítico, há de se levar em consideração a contribuição da medicina, principalmente no período pós-guerra (1939-1945) no aprimoramento dos processos de reabilitação com os que sofriam as sequelas destes conflitos, por exemplo, ao se tornarem deficientes físicos por causa de mutilações.

No bojo destes acontecimentos, entra em cena logicamente, o contributo dos profissionais médicos como precursores no desenvolvimento da reabilitação de pessoas que adquiriam algum tipo de deficiência, seguido por outros profissionais da área da saúde, dentre eles os fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais.

Quanto à área da Educação Física o seu início se deu mais tarde a partir de ações envolvendo a participação de pessoas com deficiências em atividades esportivas e aulas de Educação Física em escolas segregadas no período pós guerra (1939-1945) e nas décadas de 1950 e 1970 com a terminologia EFA nos Estados Unidos da América do Norte e na Europa e 'reeducação psicomotora' na França (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

No Brasil, a participação de profissionais e professores de Educação Física na EFA enquanto área de atuação, já ocorria antes mesmo das universidades oferecerem uma disciplina curricular específica, principalmente em instituições especializadas, com algumas limitações, devido à falta de embasamento teórico e filosófico, ou seja, havia uma escassez de produção de conhecimentos (SILVA, 2005).

Nesta perspectiva, Tojal (1990), já se posicionava apontando para a necessidade de formação de profissionais de Educação Física para as suas diversas áreas de atuação, como o desporto; o lazer; a recreação e com competência específica para atuarem junto às pessoas com deficiências e idosos.

E quando falamos de formação profissional cabe assinalar que, no início da década de 1980, já havia em algumas universidades públicas brasileiras, cursos de especialização para a capacitação em EFA, como por exemplo, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em Minas Gerais (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Ainda na década de 1980 a Universidade de São Paulo (USP), a própria UFU, a Universidade Federal de Minas Gerais e as Faculdades Isoladas Castelo Branco, deram início a programas de formação profissional e de pesquisa nos currículos quanto à Educação Física Adaptada (PETTENGILL & COSTA, 1997).

Entretanto, segundo Ribeiro e Sguissardi (1996), com a iniciativa e mobilização política de profissionais da área da Educação Física em diversos encontros e discussões para proporem a garantia da presença de profissionais habilitados para atuar junto às pessoas com deficiências, tem início o processo de sugestão para implantação da EFA como disciplina curricular.

Entendemos que, naquele momento da década de 1980, tanto a EFA, bem como outras disciplinas curriculares, surgem ou buscam uma renovação nos currículos dos cursos de Educação Física das demais IES brasileiras, além das públicas que já a ofereciam como especialização ou disciplina de estudo e pesquisa.

Assim, a partir dos resultados de consultas feitas em algumas IES brasileiras e seus docentes, é publicada no ano de 1987 o Parecer 215/87, tendo em sua composição a sugestão entre outras disciplinas, da disciplina: Educação Física e Esporte Especial para pessoas com deficiências: intelectual, física, auditiva, visual e múltipla (BRASIL, 1987a) gerando muitas inquietações, principalmente quanto à qualificação de docentes especialistas neste campo.

Dentro deste contexto, buscando verificar como a EFA tem demarcado o seu território nos cursos de Educação Física, somando-se ao fato da expansão destes cursos em todo país após a proposta da divisão licenciatura e graduação/bacharelado, o trabalho terá como procedimento a apresentação do problema de estudo ou de pesquisa, cuja definição em sua extensão é descrita por Alves-Mazzotti & Gewandszajder (1998):

No seu sentido mais estrito, “problema de pesquisa” é definido como uma indagação referente à relação entre duas ou mais variáveis. Essas variáveis podem ser diferentes aspectos da conduta de indivíduos, como, por exemplo, frustração e agressividade; dois eventos sociais, como, exclusão e criminalidade; e assim por diante. A relação esperada (a hipótese) é deduzida de uma teoria e o pesquisador procura criar ou encontrar situações nas quais essa relação possa ser verificada. Muitos estudos qualitativos, porém, são exploratórios, não se preocupando em verificar teorias. Assim, nesse campo, o conceito de “problema de pesquisa” se torna bem mais amplo, podendo ser definido como uma questão relevante que nos intriga e sobre a qual as informações são insuficientes.

Em face desta compreensão o problema de estudo que ora se apresenta tem o seguinte questionamento: Qual tem sido o papel da disciplina EFA nas IES públicas estaduais paulistas que oferecem cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte, na formação e preparação para intervenção profissional no mercado de trabalho em EFA?

Para tanto, a elucidação e resposta a este questionamento terá como encaminhamento a proposta de elaboração de uma questão de estudo a investigar, a qual faz parte de uma das etapas de uma estruturação prévia da pesquisa em questão.

Questão a investigar

O estudo que ora se apresenta terá como característica a abordagem qualitativa de pesquisa. Segundo Alves-Mazzotti & Gewandszajder (1998) por causa de sua diversidade e flexibilidade, as pesquisas qualitativas não adotam regras precisas e diferem quanto à sua estruturação prévia.

Para os autores há duas vertentes para as pesquisas de abordagem qualitativa, quais sejam: uma que é a abordagem dos pós-positivistas, cuja característica é a necessidade de haver um planejamento do projeto bem detalhado. E a outra é a dos construtivistas, que compreendem e adotam para este tipo de investigação, uma elaboração que envolve o planejamento com um mínimo de estruturação prévia para que se respondam às questões de estudo.

Pois, trabalhar de forma indutiva com pesquisas do tipo qualitativa é uma tarefa difícil, inclusive para pesquisadores com muita experiência, isto é, quanto menos experiente é o pesquisador mais ainda deverá adotar um planejamento de pesquisa para que não se perca com o encaminhamento de sua coleta e análise dos dados, definindo com antecedência uma ou mais questões de estudo a investigar em seus procedimentos metodológicos (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998).

No caso deste estudo o planejamento de pesquisa terá como encaminhamento a seguinte questão de estudo:

Como se estrutura a disciplina curricular EFA nos currículos dos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física nas IES públicas do estado de São Paulo no que tange à futura intervenção profissional do egresso?

Objetivos

Em face da questão de estudo exposta acima, elencamos os seguintes objetivos:

- Averiguar como a disciplina curricular EFA tem se apresentado nos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte nas IES públicas do estado de São Paulo.
- Averiguar se a disciplina curricular EFA faz interação com as outras disciplinas ou se esta isolada nos currículos dos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte nas IES públicas do estado de São Paulo.

Justificativa

Considerando que, a inserção de uma disciplina em um currículo de curso superior tem como um de seus objetivos, a formação para a intervenção, assim entendemos que a EFA enquanto disciplina presente nos cursos de Educação Física, é responsável em formar as bases para que ocorra esta intervenção.

Assim, a importância deste estudo é para que possamos compreender, através de um recorte da realidade, como se apresenta a EFA na formação inicial superior e qual é a sua contribuição para a intervenção.

Dentro deste contexto, desde o seu início, a inserção da EFA foi se justificando através de algumas argumentações, dentre elas, segundo Costa (1992), foi o de colocar em discussão a concepção dominante na área, qual seja, a aptidão física, pois a pessoa deficiente até então não era uma preocupação dos cursos de graduação em Educação Física.

Para Gonçalves (2002), a inserção da disciplina nos currículos faz parte de uma mudança paradigmática na área da Educação Física, na qual apresentava um ideário preocupado com a formação de profissionais e professores para atuar com uma população com estereótipos de corpos fortes e saudáveis.

Assim, buscando uma base numa perspectiva científica, os currículos em Educação Física foram sendo questionados e aos poucos vão se modificando, ou tendo um 'novo' formato', tendo como concepção o saber-ensinar no lugar do 'saber-fazer', enfatizando as disciplinas teóricas para a compreensão do processo ensino-aprendizagem pelo graduando.

Segundo Betti e Betti (1996), esta nova configuração curricular se inicia no final da década de 1980, com a proposta de um modelo de currículo do tipo técnico-científico em contraposição ao modelo dominante na área, denominado de tradicional-desportivo, o que resultou num inchaço no número de disciplinas nos cursos.

Dentre as disciplinas inseridas tem-se a Educação Física Adaptada, sugerida no Parecer 215/87 (BRASIL, 1987a), tendo como um de seus desafios para a formação profissional a capacitação docente em nível superior para ministrar a disciplina, haja vista que no ano de 1990 se diagnosticou que, das 108 escolas de Educação Física existentes na época, 53 relataram oferecer alguma disciplina específica e 37% destas não possuíam docentes habilitados nesta área (PETTENGILL & MARINHO, 1992).

Com o crescimento do número de cursos de Educação Física no Brasil que em meados de 1997 contavam com aproximadamente cem cursos, saltando para um pouco mais de quinhentos em 2004 segundo Oliveira (2006), estima-se que houve também um aumento significativo em muitas disciplinas, dentre elas a EFA nos currículos.

No entanto, entendemos que não basta inserir disciplinas nos currículos e não ocorrer uma formação que prepare adequadamente para a intervenção em Educação Física. Dadas estas modificações ocorridas tendo como referência o ano de 1987, e passadas mais de duas décadas de seu ingresso nos currículos, consideramos importante verificar através deste estudo, como a disciplina tem se apresentado nas estruturas curriculares dos cursos de Educação Física na licenciatura e graduação/bacharelado das universidades públicas estaduais paulistas.

A organização do estudo

Sendo assim, o presente estudo foi organizado entendendo a necessidade de se pontuar alguns aspectos, os quais serão apresentados na revisão da literatura a partir das questões históricas, culturais e sociais acerca das pessoas com deficiências dos quais se tem algum registro, e especificamente na participação de movimentos esportivos e com a Educação Física, as quais são descritas na sequência dos capítulos I e II

- No Capítulo I serão feitas abordagens sobre a utilização de terminologias com relação às pessoas com deficiências em determinadas épocas influenciadas pelos valores vigentes na sociedade.
- No capítulo II: A pessoa com deficiência e a sua história na sociedade iremos tratar sobre a influência da religiosidade na tentativa de se buscar explicações sobre as causas das deficiências e o desenvolvimento da medicina influenciada desde os primórdios pelas guerras entre os povos, e principalmente no pós – guerra (1939 – 1945), com o surgimento do esporte adaptado na Europa e Estados Unidos da América do Norte e sua chegada ao Brasil.

Nos capítulos III e IV iremos considerar as questões da inserção e desenvolvimento da EFA enquanto disciplina nos currículos dos cursos de Educação Física e área de atuação profissional no Brasil dialogando com as concepções de currículo e profissão.

- No capítulo III iremos abordar sobre das teorias curriculares buscando identificar quais as concepções de currículo envolvidas no processo de inserção da disciplina EFA nos currículos dos cursos inicialmente de especialização e posteriormente nos de graduação em Educação Física no Brasil.

- No capítulo IV considerando que, o estudo tem por finalidade averiguar o papel de uma disciplina em curso superior para a formação e preparação para intervenção profissional, abordaremos sobre o conceito de profissão, tendo em vista que a Educação Física adquiriu seu status profissional recentemente através da Lei 9696/98 de 1º de setembro de 1998 (BRASIL, 1998), sendo a EFA uma de suas especialidades.

As questões metodológicas com a apresentação, análises, resultados e discussão serão apresentados nos capítulos V e VI, considerações finais no VII, referências bibliográficas e apêndices.

AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E SUAS TERMINOLOGIAS

Ao abordarmos sobre as designações terminológicas acerca das deficiências no decorrer dos tempos na sociedade humana, o que vem a mente segundo Ribas (1994), é uma imagem ou uma representação que fazemos das pessoas com deficiências, relacionadas muitas vezes, com a utilização indiscriminada de palavras como *'excepcional', 'cego', 'surdo', 'inválido', 'louco', 'aleijado', 'anormal e etc.'*

Ou seja, pensamos na deficiência muito mais nos limites e dificuldades que estas impõem às pessoas, como uma entidade que se apropria do indivíduo, do que nas capacidades que estas possuem, sendo a terminologia uma representação que a caracteriza.

No entanto, as palavras que podem designar uma pessoa com deficiência como expostas acima, irão variar de acordo com alguns fatores, dentre eles os valores culturais, sociais e os conhecimentos adquiridos, ou a falta deles.

Neste sentido Sasaki (2003) afirma que, nunca houve um consenso sobre quais os termos e as terminologias *'corretas'* para designar uma pessoa com algum tipo de deficiência, pois em cada momento histórico da sociedade, se utilizou um termo de acordo com os valores sociais vigentes.

Na década de 1970, as ideias sobre quais as definições ou conceitos para a deficiência, principalmente fora do Brasil, foram consideradas insuficientes e equivocadas, pois não expressavam a realidade das pessoas com deficiências, como, por exemplo, a Declaração das Pessoas Deficientes de 9 de dezembro de 1975, um documento aprovado em Assembleia Geral na Organização das Nações Unidas (ONU) que define o termo: *'pessoa deficiente'* como sendo uma pessoa incapaz de conduzir sua própria vida devido à uma deficiência adquirida ou não (RIBAS, 1994).

Dentro deste contexto, surgiram outros documentos, como por exemplo, o que é apresentado no relatório sobre a prevalência sobre as deficiências, incapacidades e desvantagens (BRASIL, 2007), a partir da distinção dos termos: deficiências, incapacidades e desvantagem.

Estes termos e suas conceituações foram adotados pelo Manual de Entrevistas Domiciliares, e foram produzidas e publicadas pela Organização Mundial

da Saúde (OMS) em 1980 e são apresentadas na “Classificación Internacional de Deficiências, Discapacidades y Minusvalías” (CIDDDM), com as seguintes distinções conforme veremos a seguir:

- **Deficiência** como a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica.
- **Incapacidade** é toda restrição ou ausência, causada por uma deficiência, da capacidade e condições para realizar uma atividade considerada dentro dos limites da pessoa humana.
- **Desvantagem** é uma situação desvantajosa para um determinado indivíduo, em consequência de uma deficiência ou incapacidade que o limita ou impede o desempenho em um rol considerado normal em função da idade, sexo, fatores sociais e culturais. Esta classificação estabelece uma progressão que relaciona a deficiência à incapacidade e esta à desvantagem.

No entanto, segundo Ribas (1994) apesar da ONU e a OMS tentarem amenizar o peso atribuído ao termo ‘deficiente’, este, ainda, possui um significado que de certa forma faz oposição ao termo ‘eficiente’, ou seja, se entende a pessoa deficiente como ‘incapaz’, devido a uma construção cultural imposta pela sociedade por padrões e normas estabelecidas.

Porém, entendemos que a partir da aquisição de conhecimentos sobre as questões que envolvem as deficiências, sejam eles no âmbito das ciências humanas ou biológicas, será importante para melhor se compreender que, a condição imposta por limites físicos ou sensoriais de forma temporária ou definitiva, não torna necessariamente alguém ‘incapaz’, o que poderá evitar rotulações que podem reforçar o preconceito.

Ou seja, uma visão menos preconceituosa da sociedade como um todo e de que convivem e atuam junto às pessoas com deficiências, se atentem para o indivíduo com seus valores e potencialidades, e não somente na deficiência e seus limites.

E quanto às questões terminológicas, principalmente no Brasil e em países de língua portuguesa, muitas delas foram se adequando, inclusive com as opiniões dadas pelas próprias pessoas com deficiências ao expressarem sobre o uso de terminologias, ou seja, pode-se dizer que houve uma evolução para aquilo que denominamos de politicamente correto.

Dentre elas, ainda é muito comum se utilizar, por exemplo: ‘pessoa portadora de deficiência’, a qual surgiu em meados dos anos de 1988 e 1993 aproximadamente (SASSAKI, 2003). No entanto, o termo ‘portadora’ fez parte de um período histórico, e atualmente considera-se inadequado utilizá-lo, pois a deficiência não se porta como se fosse um objeto.

É plenamente compreensível esta preocupação com os significados das definições terminológicas envolvendo as deficiências, pois se evita de certa forma reforçar a utilização de termos expressos de forma pejorativa e preconceituosa.

Outros autores apresentam definições similares para a deficiência, dentre eles Carmo (1991), que define o termo ‘deficiente’ como sendo designado às pessoas que comparativamente às demais em seu meio social, apresentam, seja no domínio motor ou afetivo, alguma ‘anormalidade’ ou ‘diferença’.

Para o autor debater em torno da questão da deficiência e sua associação com outros termos, como por exemplo, ‘normal’ ou ‘anormal’, tem sido uma preocupação de outros autores na área, justamente para que não ocorram rotulações e estigmatização das pessoas.

Dentro deste contexto, Amaral (1995, p.63) nos apresenta outra definição de que ‘ as deficiências são relativas às todas as alterações do corpo ou aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja sua causa; em princípio significam perturbações em nível de órgão. ’

Segundo a autora ainda é necessário/preciso compreender sobre a ressignificação de outro termo muito associado à deficiência que é: ‘diferença’. Neste novo olhar para o termo: ‘diferença’ é necessário ‘desajetiva-lo’, pois assim se compreenderá que ser diferente não envolve juízo de valor, de quem é melhor ou pior, ou seja, simplesmente se é diferente independentemente de apresentar ou não algum tipo de deficiência.

No entendimento de Mandarino (2004) é na diferença que há possibilidades de relações mais estreitas no âmbito cultural, o que não quer dizer naturalizar as diferenças, e nem igualá-las na diferença, pois igualdade significa que estão presentes alguns valores normatizadores e a diferença pode representar uma pluralidade de opiniões, gestualidades, credices, religiosidade entre outras manifestações culturais.

Diante do exposto, o que está no momento estabelecido no que diz respeito às terminologias, é o que preconiza a Convenção Internacional para Proteção e

Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, aprovada em 13 de dezembro de 2006, e que se tornou lei nacional para os países membros da ONU, de que a terminologia adequada neste momento é: 'pessoa com deficiência' (BRASIL, 2007).

Assim, segundo Amaral (1995) ao se escolher as palavras que tratam a questão das deficiências, há algumas vantagens devido a se acentuar o aspecto dinâmico da situação na forma verbal; ao se fazer um deslocamento de uma noção de deficiência que remete a uma condição característica da pessoa e não de uma condição natural ou essencial do indivíduo; posicionando a deficiência como uma circunstância, uma descrição e não um juízo de valor; e finalmente traz o valor da pessoa como única e singular.

Neste sentido, as mudanças terminológicas sobre as deficiências, são etapas de um processo histórico-social, e que pertenceram a um determinado período, de acordo com os valores inseridos.

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E SUA HISTÓRIA NA SOCIEDADE

É incontestável que mudanças positivas ocorreram quanto às atitudes com as pessoas com deficiências no decorrer dos tempos, bem como nos modos de pensar da sociedade.

No entanto, nos primórdios da história da humanidade, do que se tem registro é que, as formas de agir em relação às pessoas com deficiências foram concebidas devido a pensamentos ambíguos, indo da rejeição ao medo, compaixão e tolerância, e que teve na religiosidade uma de suas influências, principalmente, a tentativa de se explicar suas causas.

Posteriormente com o desenvolvimento da medicina desde a sua aplicação nas formas mais empíricas na antiguidade até o período pós-guerra é que as questões religiosas são amenizadas, porém, continuaram presentes.

Nesta perspectiva, utilizaremos como uma das referências bibliográficas que abordam sobre o assunto, a obra intitulada: “A Epopeia ignorada: A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje”, de autoria de Otto Marques da Silva (1986), uma das poucas publicações produzidas no Brasil com uma descrição muito bem elaborada sobre o contínuo histórico sobre as deficiências, desde os tempos mais remotos da civilização humana até a contemporaneidade.

Além de Silva (1986), faremos referência a outros autores que nos auxiliaram neste itinerário, dentre eles Adams et al (1985); Carmo (1991); Mauerberg-DeCastro (2005); Grifi (1989); Castellani Filho (2009) e Araujo (1998).

Segundo Silva (1986), desde a antiguidade ocorriam dois tipos de atitudes em relação às pessoas deficientes, bem como com os idosos e doentes, quais sejam: ‘uma atitude de aceitação, tolerância, apoio e assimilação e outra, de eliminação, menosprezo ou destruição.’ (p.39).

Para o autor, a aceitação ia da tolerância pura e simples, até o recebimento de uma função relevante no grupo social. Ao passo que, a segunda atitude, era de certa maneira contraditória, e se dava de várias outras formas, desde o abandono, morte violenta ou por inanição.

Destaca que, em algumas civilizações na história da humanidade era de senso comum entre egípcios, hebreus, gregos e romanos, se fazer uma correlação entre deficiência e as questões místicas e religiosas, ora sendo a deficiência como um 'mal' a ser eliminado, ora como um sinal divino que se aproximava com a aceitação.

Entretanto, juntamente com o aspecto religioso que era um componente marcante em determinados povos e épocas, havia também a presença da medicina, ainda de forma muito empírica, na aplicação do higienismo como forma de prevenção de doenças, bem como, no tratamento de algumas deficiências.

No Egito antigo, a medicina pré-científica deixou seus vestígios com a medicina cirúrgica e questões de higiene, com os banhos, a eliminação dos dejetos humanos, os enterros, entre outros procedimentos.

Apesar destas preocupações ligadas a cuidados higiênicos, ainda prevalecia o misticismo e a religiosidade como preocupação para explicar as causas das deficiências, pois segundo os próprios médicos egípcios, as doenças graves, problemas mentais e deficiências tinham causas relacionadas a demônios e pecados de vidas anteriores que deveriam ser pagos na vida presente (SILVA, 1986).

Ou seja, a religiosidade tinha uma influência marcante quanto às causas das deficiências, o que levava as pessoas com alguma limitação física, sensorial ou de ordem cognitiva sofrerem restrições e serem consideradas como impuras.

Para o povo Hebreu segundo Silva (1986, p.74), a doença crônica e a deficiência física ou mental eram relacionadas à impureza e ao pecado, sendo descritos na própria Bíblia no livro de Levítico, o que os homens que possuíam deficiência física, por exemplo, não poderiam fazer:

Diga a Arão que nenhum descendente dele que tiver algum defeito físico poderá me apresentar ofertas de alimento; Nenhum homem com defeito físico poderá apresentar as ofertas: seja cego, aleijado, com defeito no rosto ou com corpo deformado; ninguém com uma perna ou braço quebrado; ninguém corcunda ou anão; ninguém que tenha doença nos olhos ou que tenha sarna ou outra doença de pele; e ninguém que seja castrado. Nenhum descendente do sacerdote Arão que tiver algum defeito poderá me apresentar as ofertas de alimento; se ele for defeituoso, estará proibido de oferecer o meu alimento (LEVÍTICO 21: 17 – 21)

Entretanto, em meio aos valores religiosos tidos como predominantes e influentes, a medicina inicia seus primeiros passos quanto à busca de soluções terapêuticas e quanto à reabilitação das pessoas com deficiências no decorrer da história.

Depois dos egípcios, os gregos foram evidentemente os pioneiros com relação à assistência médica para a população civil. Eródicos um dos mestres de Hipócrates (460 a 377 a. C.) foi o médico mais famoso, ao utilizar a 'ginástica médica'. Cláudio Galeno (131 a 201 a. C.), no entanto, foi o médico que desenvolveu importante trabalho na questão das deficiências físicas, classificando os exercícios em seu livro *A Higiene* conforme o seu 'vigor, duração, frequência, uso de aparelhos e da região do corpo envolvida' (SILVA, 1986; ADAMS et al, 1985).

Porém segundo os autores, na história romana não há tantos registros com relação às pessoas com deficiências, a não ser o vínculo entre a medicina romana e a medicina grega principalmente com relação às questões de saúde pública.

No período medieval, ainda prevalecia a influência mítico-religiosa, principalmente quando algum indivíduo apresentava alguma deformidade física, tendo poucas chances de sobrevivência (CARMO, 1991).

Neste período histórico entre os anos 500 até o século XVI houve, por conta do contínuo crescimento populacional, uma decadência com relação a cuidados higiênicos e com a saúde na Europa, com o agravamento de epidemias, doenças graves, má formações congênitas entre outras, que eram apontados como 'castigos de Deus', sendo que algumas pessoas sobreviviam, mas ficavam com muitas sequelas (SILVA, 1986).

Segundo Adams et al (1985) tal fato se devia por causa do discurso da Igreja, que anunciava a renúncia ao corpo e preocupação tão somente com a alma, levando as pessoas a praticarem, por exemplo, a flagelação, ou seja, a medicina pouco se desenvolveu no período medieval.

Assim como em épocas anteriores, na Idade Média, as crianças que nasciam com deformidades tinham pouca chance de sobrevivência, ou cresciam apartadas das demais, sendo ridicularizadas, e, sendo anão ou corcunda se tornavam alvo de superstições, e eram lhes atribuídas poderes sobrenaturais contra feitiços e maldições (SILVA, 1986).

Já no período renascentista, o marco histórico foi o reconhecimento dos valores humanos, propiciando um novo olhar com relação às pessoas com deficiências, com a preocupação na melhoria de atendimento, bem como, o início do uso de novas técnicas de reabilitação.

Portanto, da antiguidade ao renascimento, os valores místicos e religiosos eram dados como causas das deficiências, apesar da influência ainda de forma

restrita da medicina em alguns momentos. No entanto, com o desenvolvimento do conhecimento científico, o modo de pensar e agir com relação às pessoas com deficiências foi sendo modificado e que contribuíram para uma diminuição do misticismo religioso que as discriminava nas sociedades em determinadas épocas.

Neste sentido, tem-se o avanço da medicina na reabilitação principalmente de deficientes físicos, e ações educativas, ainda com auxílio e atuação médica junto às pessoas com deficiência visual, intelectual e surdez, com o surgimento da educação especial.

Segundo Mauerberg-DeCastro (2005) nos Estados Unidos e Europa no início do século XX, crianças com os tipos de deficiência acima citadas eram tratadas em ambientes segregados, tendo como critérios de elegibilidade para que pudesse ter acesso à educação especial, passar pelos procedimentos de testes de inteligência, os quais foram desenvolvidos por Alfred Binet e Theodore Simon no ano de 1905.

Ainda no continente europeu, por conta do nacionalismo e das guerras, continua em ascensão a medicina reabilitativa no tratamento das sequelas ou doenças como consequências das deficiências causadas por mutilações em combates na utilização da ginástica médica.

Dentro deste contexto, com os países envolvidos tendo que adotar programas de reabilitação no sentido de amenizarem os resultados oriundos das guerras, é que surgem os esportes adaptados para deficientes, conforme veremos a seguir de forma mais aprofundada, pois os veteranos de guerra ficavam entediados com as longas internações.

Porém, as práticas de reabilitação já existiam desde a antiguidade segundo Silva (1986), pois com as muitas guerras e as batalhas, o tratamento dado às deficiências e suas sequelas foi se tornando uma preocupação do Estado no ajustamento social dos mutilados em combate.

Na Grécia antiga, antes do advento do cristianismo há indícios da organização e desenvolvimento dos serviços de saúde, seja para as pessoas comuns quanto para os soldados, sendo eles gregos ou prisioneiros de guerra com mutilações ou doenças graves (SILVA, 1986).

Contudo, é no século XX com a expansão dos conflitos bélicos, os quais traziam em seu bojo as crises políticas entre as nações, deixando um rastro de desolação social e traumas, é que encontraremos as principais ações do Estado quanto a cuidados médicos e sociais com os sobreviventes.

Neste sentido, foram se desenvolvendo sistemas de atendimento em reabilitação, logo após a Primeira Guerra Mundial em 1918, em países como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde foi dado um grande impulso no que se refere ao tratamento dos soldados que ficaram deficientes por causa das guerras.

Com a Segunda Grande Guerra Mundial (1939 – 1945) deflagrada, outros soldados novamente seriam vitimados e ficariam deficientes. Entretanto, os serviços que já prestavam reabilitação, e eram existentes desde a Primeira Guerra Mundial, sejam para civis ou para os militares, já estavam mais preparados para este tipo de atendimento. Dentro deste contexto, tem-se a evolução dos serviços prestados pela Medicina Física e Terapia Ocupacional, na tentativa de ajuste psicossocial destas pessoas (SILVA, 1986).

Com o Estado tendo a preocupação em ajustar a vida social dos seus feridos em combate, a reabilitação dos militares envolvidos se torna uma prioridade para seus governantes, pois estes ficavam se sentido na obrigação de se retratarem diante da sociedade, com o objetivo de minimizar os efeitos provocados pela guerra (ARAUJO, 1998).

Assim, a possibilidade de os ex-combatentes serem reabilitados tinha no surgimento dos esportes adaptados uma de suas práticas no período pós Segunda Guerra Mundial, ou seja, enquanto o soldado estiver guerreando pelo seu país, quando do seu retorno mesmo 'deficiente', a partir do apoio do Estado, poderá ainda se tornar um herói de guerra, um cidadão produtivo ou até mesmo um esportista.

Dentro deste contexto, numa Europa devastada pela guerra segundo Cidade & Freitas (2009) diante da necessidade de reabilitar pessoas principalmente com traumas vertebromedulares causadas pelas duas Grandes Guerras Mundiais, é que se legitima o valor da atividade física como recurso terapêutico e do esporte adaptado para pessoas com deficiências.

2.1- O esporte adaptado e as pessoas com deficiências

A prática esportiva para pessoas com deficiências amplia suas fronteiras para além da Europa, e não somente com os deficientes físicos do pós-guerra, mas já se configurava como prática em terras norte-americanas.

Desta forma se verifica que, a questão das deficiências na contemporaneidade se caracterizou em seu início preponderantemente pela influência

médica. E assim, não seria diferente quanto ao surgimento dos esportes adaptados, com modalidades modificadas dos esportes convencionais, como por exemplo, o basquetebol em cadeira de rodas e das modalidades criadas especialmente para deficientes visuais como o Goallball.

Portanto, o esporte adaptado com objetivos terapêuticos em seu início se desenvolve como uma atividade física sistematizada, organizando-se com entidades autônomas indo além dos objetivos que encerravam na reabilitação, mas também esportivos, estruturando-se suas competições próprias, o que te contribuindo para desmistificar preconceitos com as pessoas deficientes.

Entretanto, anteriormente ao seu surgimento no pós-guerra (1939 -1945), antes dos veteranos de guerra, as práticas esportivas para pessoas com deficiências já aconteciam nos Estados Unidos, com início na década de 1870 em escola especiais com alunos surdos através da prática do beisebol e em 1885 com o futebol americano.

Conseqüentemente, a partir destas iniciativas surge a primeira competição internacional importante formalmente organizada para pessoas com deficiências, e que foi justamente com os surdos, em 1924, denominado de 'Os Jogos do Silêncio' na cidade de Paris, França (GANNON, 1981 apud WINNICK, 2004).

Considerando as conseqüências das Grandes Guerras Mundiais, sem dúvida o marco para os esportes adaptados foi com os ex-combatentes, dada a necessidade de amenizar suas conseqüências por parte dos governos, promovendo formas de reabilitação e com o reconhecimento por parte da classe médica de que o esporte era um importante recurso, na reabilitação física, emocional e psicológica das pessoas que estiveram em combate e nos campos de concentração.

Sendo assim, os hospitais e centros de reabilitação efetivaram a prática de esportes também com o interesse dos próprios pacientes envolvidos na reabilitação, bem como dos médicos (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Em fevereiro de 1944, Ludwig Guttmann, médico neurologista e neurocirurgião, de nacionalidade alemã e origem judaica, quando de seu exílio na Inglaterra, cria um centro de reabilitação para veteranos de guerra vertebromedulares no Hospital de Stoke Mandeville (ARAUJO, 1998; MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

O pós-guerra (1939-1945) também possibilitou que o esporte adaptado fosse se organizando e se desenvolvendo nos Estados Unidos com Benjamin Lipton na década de 1944 com esportes como o arco e flecha, tênis de mesa e arremesso de

dardo, e o basquete em cadeira de rodas, na realização de eventos esportivos na forma de com demonstrações a partir de 1947 (CIDADE & FREITAS, 2009; MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Com a influência do modelo médico de Gutmann foi dado início à organização dos jogos de Stoke Mandeville, o qual se desenvolveu no decorrer dos tempos e se tornou no que hoje conhecemos como 'Jogos Paraolímpicos', ou 'Paraolimpíadas', concretizados a partir de Roma na Itália no ano de 1960 a I Paraolimpíada com a participação de 400 atletas e 23 países.

A partir de 1988, em Seul na Coreia do Sul, os jogos paraolímpicos são realizados de quatro em quatro anos, na mesma cidade-sede das olimpíadas de verão, utilizando o mesmo local das competições (ARAUJO, 1998).

No Brasil, o esporte adaptado inicia na década de 1950, com os Srs. Robson Sampaio de Almeida na cidade do Rio de Janeiro e Sérgio Serafim Del Grande na cidade de São Paulo, ambos deficientes físicos, que após retornarem de reabilitação nos Estados Unidos da América do Norte, fundam clubes com equipes de basquetebol em cadeira de rodas. Em 1º de abril de 1958 o Sr. Almeida funda o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro, e em 23 de julho de 1958 o Sr. Del Grande o Clube dos Paraplégicos na cidade de São Paulo e (CIDADE e FREITAS, 2009).

Após os Jogos Parapanamericanos de 1975 no México, foi criada a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) pelos próprios componentes da seleção brasileira com o objetivo de organizar o esporte adaptado no Brasil (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

No ano de 1981, o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, a Secretaria de Educação Física e dos Desportos (SEED) e o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) se vinculam ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), e a partir de 1984 e 1985, montam projeto integrado para estudos sobre as possibilidades das pessoas com deficiências serem atendidas pela Educação Física e pelo Esporte (PETTENGILL & COSTA, 1997; ARAUJO, 1998).

No entanto, é com a criação da Secretaria dos Desportos, em 18 de abril de 1990, regulamentada pelo decreto nº 99.244, de 10 de maio do mesmo ano, e pela medida provisória nº 309 de 16 de outubro de 1992 que a mesma se integra ao MEC. Desta forma, é criado o 'Departamento de Desporto das Pessoas Portadoras de Deficiências', cujo objetivo era o de promover a qualificação profissional para o desenvolvimento da prática desportiva junto a esta população (PETTENGILL &

MARINHO, 1992).

No bojo deste processo segundo as autoras, foi feito um levantamento junto às Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil no ano de 1990, se diagnosticou que das 108 IES com cursos de Educação Física existentes na época, 53 relataram oferecer alguma disciplina específica e 37% destas não possuíam docentes habilitados nesta área.

O resultado desta pesquisa foi divulgado após três anos da sugestão de uma disciplina específica que tratasse sobre a Educação Física e esportes adaptados para pessoas com deficiências nos cursos superiores de Educação Física identificando uma escassez de profissionais especializados na área.

Assim, o encaminhamento para que houvesse a capacitação de profissionais principalmente para o esporte para deficientes, segundo Araujo (1998), ficava a cargo do Departamento de Desporto das Pessoas Portadoras de Deficiências com o gerenciamento para a capacitação de recursos humanos, tendo como estratégias a promoção de palestras e cursos de curta duração de atualização profissional.

Quanto à formação e capacitação de profissionais e professores de Educação Física para atuação com EFA, ficou a cargo do Ministério da Educação e Cultura (MEC) o qual deveria atuar junto às instituições de ensino superior sugerindo inclusive a inclusão de disciplina específica na área.

Porém, antes mesmo que ações governamentais fossem efetivadas com relação à formação profissional em Educação Física para atuar com os esportes adaptados e com a EFA, se iniciaram discussões com grupo de professores do então SEED/MEC desde 1986, quando se reuniram em Tramandaí no Rio Grande do Sul com o objetivo de estudar e concretizar propostas para suprir a falta de recursos humanos na área (COSTA, 1992).

Segundo o autor, dentre as sugestões propostas se destacaram:

- Apoio aos profissionais que já estavam atuando junto às pessoas com deficiências, com cursos de atualização e reciclagem.
- Formação de novos profissionais;
- Incentivar às instituições de ensino superior para implantação de especialização em Educação Física Adaptada e de disciplinas específicas nos cursos de graduação em Educação Física.

No entanto, antes de 1986 já havia preocupação para a formação profissional

em Educação Física com relação à EFA, com algumas ações isoladas desenvolvidas principalmente por IES públicas no Brasil.

Como exemplo, tivemos no início da década de 1980, as iniciativas que ocorreram na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em Minas Gerais, no projeto de iniciação desportiva da instituição, as quais são narradas por Carmo (1991).

Segundo o autor, o projeto de iniciação desportiva da UFU no curso de licenciatura de Educação Física tinha como objetivo, oportunizar a prática desportiva para crianças que eram filhos de trabalhadores e não tinham condições de frequentar espaços como clubes, por exemplo, bem como estendia as suas atividades para a preparação de futuros atletas.

O programa foi recebendo cada vez mais crianças e se tornando cada vez mais 'heterogêneo', o que possibilitou que os professores do projeto reconhecessem o direito das crianças com deficiência física de serem atendidas, cujo atendimento se iniciou em 1982, e contava com apenas três crianças com deficiência física (CARMO, 1991).

Este projeto de Universidade Federal de Uberlândia também estava vinculado em sua elaboração e aplicação com outras áreas do conhecimento como a medicina e a fisioterapia na avaliação médico-funcional, ou seja, mesmo sendo uma proposta de prática desportiva e interdisciplinar, ainda assim seria possível entendê-la a partir de um enfoque na reabilitação.

Dentro deste contexto, a partir da inserção das crianças deficientes no projeto, inúmeras dúvidas e dificuldades surgiram, pois havia uma insegurança por parte dos professores como relata Carmo (1991), devido à falta de preparação profissional, assim como por causa da concepção predominante da eugenia e do higienismo na Educação Física, a qual fez parte da formação do autor e dos professores da universidade desde a década de 1970.

Assim, o desenvolvimento de atividades desportivas com crianças deficientes trouxe uma nova configuração, ou como prefere Carmo: *'... começamos a perceber a existência de outra realidade, até então "desconhecida" e ignorada pelos professores responsáveis pelas disciplinas técnicas do programa.'* (p.159).

Ou seja, a participação das crianças com deficiência no projeto da UFU, acontecia de através de um projeto de extensão universitária e de forma isolada ao que parece a princípio na época, pois o autor não menciona se estava ou não vinculada com o curso de formação de professores de Educação Física da

universidade em questão.

Neste sentido, o que as iniciativas do projeto traziam subjacentes, não era somente uma nova realidade ou forma de 'saber-fazer' ou 'como fazer' para se trabalhar com atividade física para deficientes, mas sim uma possibilidade de se pensar na inserção da EFA no currículo, pois:

Desenvolver atividades tendo em vista uma outra concepção de aptidão física, (E incluí-la no currículo) significava praticamente, a antítese da grande maioria dos conteúdos que havíamos aprendido no curso de graduação. Enquanto a metodologia do ensino de natação, por exemplo, preconizava que, no período de adaptação ao meio líquido, as crianças deveriam andar dentro d'água segurando uma na mão da outra, nosso aluno com amputação bilateral ao nível do quadril, não tinha condições para esta realização; enquanto o método dizia que no Futebol os indivíduos deveriam dominar e conduzir a bola com ambos os pés, nossos alunos hemiplégicos, só podiam fazê-lo com uma das pernas e com apoio de muleta. E, como estes, muitos e muitos outros fundamentos desportivos considerados pelos técnicos e professores como ideais, como corretos, tinham que ser repensados e até modificados. Foi a grande fase da criação, da busca, da descoberta, da solução dos problemas de cada deficiente, em cada gesto e em cada modalidade desportiva (parênteses e grifo nossos) (CARMO, 1991, p. 159-160).

Diante de ações como acima exemplificadas, a EFA se estrutura no Brasil na universidade e que na opinião de Gonçalves (2002) é resultado de uma mudança de paradigma na área, o qual apresentava um ideário preocupado com a formação de corpos fortes e saudáveis, sendo que esta abertura possibilitou para que surgissem novas abordagens que discutiam as relações curriculares em Educação Física com vistas à intervenção profissional na área.

Objetivando discutir estas relações entre currículo e a inserção da EFA será feita a seguinte abordagem: a primeira é sobre a concepção de currículo e das teorias curriculares: tradicionais, críticas e pos-críticas. A segunda é apresentar como se deu o ingresso da EFA nos currículos dos cursos de Educação Física como disciplina curricular e quais as possíveis relações com as teorias curriculares acima citadas.

CURRÍCULO E AS TEORIAS CURRICULARES E A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Os estudos sobre currículo já algum tempo deixaram de ser uma área eminentemente técnica ou voltada para métodos e procedimentos, cuja configuração se apoiava em aspectos tecnicistas.

Segundo Moreira e Silva (2009) já se pode atualmente falar em uma tradição crítica do currículo no âmbito sociológico, político e epistemológico, ou seja, as formas de conceber um currículo se iniciaram pela perspectiva de uma teoria tradicional e tecnicista, numa dimensão utilitarista, e que posteriormente foram questionadas pelas teorias críticas e pós-críticas, as quais, segundo Silva (1999) não se limitam a perguntar: ‘o que?’, mas o ‘por quê?’ do significado da escolha de um determinado tipo de conhecimento, de identidade ou subjetividade um currículo.

Segundo Silva (1999) se levarmos em consideração a etimologia do termo currículo cuja origem é do latim ‘curriculum’ que significa ‘pista de corrida’, ‘um percurso’, no qual expressa uma identidade e uma subjetividade, se entende que o currículo não esteja somente vinculado ao conhecimento, pois também perpassa a questão das relações de poder ao privilegiar este ou aquele conhecimento.

Neste sentido a abordagem sobre currículo não se refere a algo neutro, ou seja, o currículo traz subjacente uma influencia social (AROEIRA, 2006) e se constitui num artefato cultural implicado em relações de poder, produzindo olhares vinculados a interesses sociais e particulares, uma história que retrata a forma organizacional da sociedade e da educação.

Para Moreira e Silva (2009), a questão das relações de poder é uma noção central da teorização crítica, pois o currículo ao determinar qual o tipo conhecimento que é válido pressupõe a expressão de interesses de grupos os quais se encontram em vantagem nestas relações.

E sobre currículo, sua história e teorização é que passaremos então a discorrer, a partir das abordagens sobre as teorias tradicionais passando pelas teorias críticas e pós-críticas do currículo.

Os estudos e as pesquisas sobre currículo tiveram seu início nos Estados Unidos nos anos vinte do século passado, dentro de um contexto de urbanização, industrialização e de massificação da escolarização, tendo na obra de Bobbit *'The Curriculum'* em 1918 o seu marco, a qual entende o currículo como simplesmente uma mecânica, cuja concepção se consolida a partir da obra de Ralph Tyler em 1949, sendo o currículo centrado na organização e funções definidas (SILVA, 1999).

Vinculado a este processo de racionalização do currículo em sua teorização tradicional e devido ao grande impulso industrial, a concepção de currículo para Bobbit era como se o funcionamento de uma escola fosse como uma empresa comercial ou industrial, alcançando seus objetivos de forma eficiente, ou seja, os fins educacionais nesta perspectiva devem preparar tecnicamente as pessoas para as exigências profissionais da vida adulta (SILVA, 1999).

Nesta perspectiva, fazendo uma aproximação com a nossa realidade brasileira podemos exemplificar apenas como ilustração, o aligeiramento da alfabetização com o ensino de nove anos e a as propostas curriculares 'prontas' e 'encomendadas' preparadas por especialistas aos professores estipulando os conteúdos que devem transmitir. Tais questões merecem uma discussão importante, no entanto podem nos trazer uma idéia das concepções tradicionais que até hoje tem suas influências.

Considerando o currículo em sua abrangência e seu estudo no âmbito educacional para todos os níveis de ensino, não somente no ensino básico, mas também no ensino superior, concordamos com Neira (2008) sobre os critérios para escolhas de conteúdos, os quais são muitas vezes moldados por interesses e decisões pessoais, poder da influência, modismos e sem critérios que justificam esta ou aquela configuração curricular, sendo a escolha de um conteúdo ou forma de avaliação uma questão considerada importante porque 'alguém' assim o considerou.

Dentro deste contexto, quando o questionamento à elaboração curricular busca entender que há necessidade de estudos para que se efetuem propostas curriculares, é que se iniciam movimentos de muitos estudiosos na Europa e Estados Unidos no campo do currículo para discutir uma nova teorização curricular, a teoria crítica do currículo.

Com a derrota americana na corrida espacial para os russos, com o lançamento do Sputnik, se inicia uma nova estruturação para restaurar uma suposta perda de qualidade do currículo pela escola, tendo como propostas novos programas, estratégias com ênfase na investigação e no pensamento indutivo, bem como nos

estudos sobre conteúdos correspondentes às estruturas das mais diversas disciplinas curriculares (MOREIRA & SILVA, 2009).

Na década de 1960 com a eclosão de movimentos como os protestos contrários à guerra no Vietnã, a contracultura, o feminismo e a liberação sexual nos Estados Unidos; a independência das antigas colônias europeias; os protestos estudantis na França; as lutas contra a ditadura militar no Brasil, é que surgem novas tendências sobre a teorização do currículo no chamado movimento de reconceptualização (SILVA, 1999).

Os autores reconceptualistas nos Estados Unidos de orientação neomarxista foram os precursores da denominada Sociologia do Currículo ao questionarem: para quem trabalhava o currículo e o como fazer para que o currículo também favorecesse os grupos e classes mais oprimidas da sociedade (MOREIRA & SILVA, 2009).

Por outro lado, se tem início uma nova forma de olhar sobre o currículo, baseando sua argumentação contra uma suposta neutralidade ou desinteresse científico, ou seja, de um lado as teorias tradicionais e do outro o surgimento de uma nova configuração teórica sobre currículo: a teorização crítica ou as teorias críticas do currículo.

As teorias tradicionais até então traziam em seu bojo uma concepção que se restringia à atividade técnica de como fazer o currículo, ao passo que as teorias críticas faziam um contraponto ao desconfiarem e questionarem os arranjos educacionais, sociais e o *status quo* responsabilizando-o pelas desigualdades sociais, ou seja, a teorização crítica concebe que o importante não é saber o como fazer o currículo, mas compreender o que o currículo faz (SILVA, 1999).

Dentro deste contexto, se entende que o currículo está envolto numa questão central de sua discussão que são as relações de poder, pois ao definir aquilo que é conhecimento válido expõe os interesses de grupos e classes privilegiados que representam identidades individuais e sociais reforçando suas relações de poder enquanto os grupos subjugados permanecem subjugados (MOREIRA & SILVA, 2009).

As relações de poder, portanto, irão demarcar a separação entre as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas do currículo, pois argumentam que não existe desinteresse científico, pois toda teoria implica em relações de poder, ou seja, a questão central não será mais 'o que fazer', ou 'o como fazer', mas sim 'o por que

fazer', qual o interesse em privilegiar este ou aquele tipo de conhecimento, de identidade e de subjetividade (SILVA, 1999).

A partir destes pressupostos tem-se o entendimento que o currículo é uma expressão do conhecimento considerado válido, os quais foram selecionados por um grupo social com vantagem e maiores forças nas relações de poder. Neste sentido, se assume, mesmo que implicitamente, que há uma ideologia de um grupo dominante que se sobressai na constituição do currículo.

Diante destas considerações, encontramos nas contribuições de Bourdieu e Passeron (1975) as concepções sobre a reprodução cultural como o eixo norteador articulador apontando a cultura dominante sendo reproduzida dentro de instituições como a escola através valores, costumes, hábitos e etc.

No entanto, tendo como pano de fundo esta relação de poder entre dominantes e dominados, tem-se início novas formas de se entender o currículo através das chamadas teorias pós-críticas do currículo ao enfatizar a incorporação de diversas culturas e grupos com o movimento do multiculturalismo, que reivindica, conforme Silva (1999), legitimação e reconhecimento de formas de cultura dos grupos dominados.

Estas teorias compreendem o currículo para além das questões que envolvem a divisão de classes sociais, ou seja, apontam no sentido de entendimento das questões de poder nas relações de gênero, raça, etnia e sexualidade na incorporação cultural de grupos sujeitos à exclusão social de seus valores culturais.

No entanto, segundo Silva (1999) um currículo com inspirações multiculturais não se constitui somente em se limitar a ensinar a tolerância e o respeito, por melhor que isto pareça, mas sim analisar numa perspectiva crítica quais são as razões da desigualdade, ou seja, um currículo multicultural deve permear pela democracia e respeito à pluralidade.

Desta forma, entendemos que é imprescindível que os idealizadores das propostas curriculares se aproximem dos campos de atuação dos profissionais verificando a relação currículo prescrito e currículo em ação, e vice-versa, a partir de ações coletivas na forma, por exemplo, de reflexões, discussões e intervenções de acordo com a realidade de aplicação curricular.

Dentro deste contexto, compreendendo o currículo como algo dinâmico que possibilita que determinados conhecimentos façam parte do mesmo, bem como se

inscreve como um facilitador para que se tenham possibilidades de acesso a estes conhecimentos, questionamos:

Como se deu o ingresso da EFA nos currículos dos cursos de Educação Física?

Quais os conhecimentos priorizados na EFA?

Quais relações que podemos estabelecer com as teorizações do currículo e o surgimento da EFA?

3.1– A Educação Física Adaptada nos currículos dos cursos de Educação Física no Brasil.

Quando falamos sobre Educação Física para pessoas com deficiências estamos nos referindo a uma área do conhecimento com uma trajetória recente dentro do contexto educacional.

Originariamente a EFA se desenvolveu nos Estados Unidos na década de 1950, devido ao aumento do contingente e conseqüente participação de alunos com necessidades especiais nos ambientes escolares e foi definida pelo comitê da Associação Americana para Saúde, Educação Física, Recreação (AAHPER), como sendo:

[...] um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos esportes e ritmos, adaptado aos interesses, às capacidades e limitações de alunos portadores de deficiência que não podem participar com sucesso e segurança das rigorosas atividades do programa geral de educação física. (WINNICK, 2004, p. 6).

Quanto à nomenclatura alguns autores com base em literatura estrangeira preferem definir: Atividade Física Adaptada (AFA) e EFA, de forma distinta. Para Sherril (1998) a AFA é um termo guarda chuva, pois abrange serviços para a promoção da saúde, de um estilo de vida ativo, de reabilitação de funções deficientes e da inclusão.

Mauerberg-DeCastro (2005, p.28) entende que, tanto no aspecto acadêmico como campo de conhecimentos, como de atuação profissional, a nomenclatura AFA se apresenta de forma abrangente, e assim a define como:

[...] um corpo de conhecimentos cross-disciplinar dirigido à identificação e solução de problemas psicomotores ao longo do período vital. Esses problemas podem ter origem no indivíduo em si ou no ambiente. Entretanto, só se tornam visíveis à medida que as demandas de tarefa não são satisfeitas devido a limitações ou atrasos nas funções adaptativas. A atividade física adaptada é composta de

uma variedade de áreas de conhecimento com teorias, modelos, ferramentas de ensino e de reabilitação específicos, além de prestar serviços limitados a competências profissionais especializadas.

Conforme Winnick (2004) a EFA é uma subdisciplina da Educação Física e tem como proposta possibilitar a participação de alunos com necessidades especiais, dentre eles os com deficiência, de maneira satisfatória e com sucesso, suprindo suas necessidades em longo prazo (no período entre zero e 21 anos de idade), enquanto a atividade física adaptada deve se estender por toda a vida.

No Brasil, a história da EFA começou a ser contada, apesar dos poucos registros, antes mesmo da década de 1980, tendo como um dos seus precursores os professores Vilson Bagatini, Eli Bagatini e Aldo Carlitos Potrich no final da década de 1960 (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

Nesta perspectiva, um dos primeiros trabalhos que faziam referência ao ensino de Educação Física para pessoas com deficiências, são as obras de Inezil Pena Marinho do ano de 1946, dentre elas: ' Psicologia aplicada à atividade física dos surdos-mudos'; 'Psicologia aplicada à atividade física dos débeis mentais e 'A Educação Física dos portadores de defeitos físicos', publicados em artigo na Revista Integração (NABEIRO, 1989).

Com o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, em 1981 se inicia de forma marcante a preocupação com a formação profissional na área de EFA através das publicações: "Atividade física para deficiente" de 1981 e "Educação física para o excepcional" em 1982 (MAUERBERG-DECASTRO, 2005).

O primeiro documento que fazia referência sobre a Educação Física para pessoas com deficiências é o parecer nº 1002/74 do Conselho Federal de Educação (CFE), cujo tratamento especial era previsto no art.9 da Lei nº 5.692/71, cujo período era escassa a qualificação em Educação Física para atuar com esta população, observando que as IES eram responsáveis pela mesma sugerindo que nos cursos deveria haver um complemento curricular (PETTENGILL & COSTA, 1997).

Na década de 1980 a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em Minas Gerais, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e as Faculdades Isoladas Castelo Branco, deram início a programas de formação profissional e de pesquisa nos currículos quanto à EFA (PETTENGILL & COSTA, 1997).

No entanto, as primeiras discussões acerca da possibilidade de uma disciplina

específica que tratasse sobre Educação Física para pessoas com necessidades especiais nos currículos de Educação Física segundo Ribeiro e Sguissardi (1996) ocorreram com encontros entre os profissionais da área, ao proporem a garantia de habilitação profissional para atuar junto a esta população.

Assim, a partir dos resultados de consultas a docentes e IES é publicado no ano de 1987 o Parecer 215/87, tendo em sua composição entre outras disciplinas, a sugestão da disciplina: Educação Física e Esporte Especial para pessoas com deficiências: intelectual, física, auditiva, visual e múltipla (BRASIL, 1987a).

Sendo assim, o ingresso ainda que gradual da EFA como disciplina nos cursos de Educação Física significou conforme Duarte (1992) um avanço curricular, pois entende que é na graduação que deve ocorrer uma boa fundamentação teórica e prática na mudança do perfil profissional, ou seja, espera-se que o futuro profissional conscientize-se de que sua atuação deverá ocorrer sem discriminações de qualquer natureza.

Além disto, é também resultado de uma mudança de paradigma na área, o qual apresentava um ideário preocupado com a formação de corpos fortes e saudáveis, cuja concepção deixou de ser a única, o que possibilitou para que surgissem novas abordagens de atuação profissional e pesquisa (GONÇALVES, 2002).

Dentro deste contexto, a sugestão da EFA como disciplina curricular fez parte de um processo que questionava o currículo tradicional-esportivo, predominante na Educação Física e que na década de 1990 propôs, segundo Betti e Betti (1996), uma nova base curricular para a área para um novo modelo, o de orientação técnico científico baseado numa concepção acadêmica.

Com base nesta proposta a EFA traz em seu bojo uma característica que se baseia no modelo médico, através de conteúdos que abordam a caracterização das deficiências, bem como adentra as questões de necessidades especiais como as atividades físicas voltadas para hipertensos e cardíacos, por exemplo.

Retomando brevemente a história, numa volta ao passado, uma das primeiras iniciativas que envolveram pessoas com deficiências com atividades físicas, segundo Adams, et al (1985), tinham como objetivo questões terapêuticas, com a denominada 'ginástica médica', a qual remonta aos primórdios da humanidade com os chineses aproximadamente em 2500 a. C.

No entanto, entendemos que a Educação Física diferentemente da EFA

encaminha suas concepções para a questão da ginástica e do exercício físico como forma de promoção de saúde para camadas da sociedade ‘não deficientes’, ou seja, segundo Castellani Filho et al (2009) foi no fim do século XVIII e início do século XIX na Europa, com a construção e consolidação da sociedade capitalista, que uma ideologia foi se tornando cada vez mais influente, tendo como pano de fundo os exercícios físicos, pois se fazia necessário para esta sociedade que houvesse um novo perfil de homem: ‘mais forte, mais ágil, mais empreendedor’, ou seja:

Os exercícios físicos, então, passaram a ser entendidos como “receita” e como “remédio”. Julgava-se que, através deles, e sem mudar as condições materiais de vida a que estava sujeito o trabalhador da época, seria possível adquirir o corpo saudável, ágil e disciplinado exigido pela nova sociedade capitalista (p.51).

Sendo assim, no caso do exercício físico para pessoas com deficiências, temos outra concepção vinculada à ginástica como tratamento terapêutico que ao longo dos anos se denominou de ‘ginástica médica’ se fortaleceu tanto pelo seu cultivo desde a antiguidade pelos médicos gregos, como por outros médicos como Fuller, Andry, Tissot no século XVIII, a ponto de ser considerada parte da medicina na conservação da saúde (GRIFI, 1989), e que resultou na constituição do modelo médico, tendo como base a classificação e diagnóstico das deficiências.

Segundo Mauerberg-DeCastro (2005) o modelo médico em sua constituição apresenta um conjunto de concepções e fundamentações com bases científicas, e é frequentemente denominado de abordagem categórica, classificando os seres humanos, sendo os tratamentos baseados na segregação e justificados pelas epidemias, sendo esta concepção generalizada e que não produziu efeitos positivos nas ações pedagógicas e na educação especial.

Retornando a questão curricular podemos então entender a partir de sua trajetória que a EFA e foi se legitimando até se tornar uma disciplina de curso superior no Brasil. Neste sentido, busquemos então entender qual concepção e teorização curricular que se aproxima da mesma em seu processo de inserção no currículo.

Nesta perspectiva, é notório observar que as origens da disciplina tiveram um viés biológico, o que nos leva a considerar uma proximidade da EFA dentro de uma concepção tradicional de currículo enquanto uma área do conhecimento que propõe procedimentos especializados a uma determinada população, ou seja, uma concepção técnica de como fazer, a partir de condições especiais ou adaptadas.

No âmbito pedagógico, a EFA quando da presença da disciplina de cursos de

Licenciatura em Educação Física, segundo Neira (2009), diferentemente de outras licenciaturas que não possuem a 'geografia ou matemática adaptada', entende o autor que uma disciplina específica para tratar de uma população específica apresenta pelo menos dois aspectos:

- 1- O fortalecimento de uma visão biologicista para trabalho pedagógico em Educação Física só reforçará o preconceito para com os alunos e alunas com necessidades especiais, pois são tratados pelo viés médico e classificatório das deficiências.
- 2- Sendo a escola um espaço democrático não há possibilidades de se separar os 'diferentes', a partir do reconhecimento de direitos equânimes;

Dentro deste contexto, afirma ainda o autor, enquanto disciplina isolada num currículo do tipo 'Frankenstein', no caso específico dos cursos de licenciatura em Educação Física, e assim consideramos que tal realidade é estendida para os cursos de graduação/bacharelado em Educação Física, dificilmente terá condições de oferecer uma boa preparação profissional aos futuros professores e profissionais quando estiverem em atuação profissional.

Assim, consideramos que esta é uma questão que pode ser discutida na perspectiva do conceito de profissão, status alcançado há um pouco mais de uma década pela Educação Física no Brasil, sendo a EFA uma de suas especialidades.

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROFISSÃO: A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA COMO UMA ESPECIALIDADE

As alterações curriculares da Educação Física no Brasil a partir da publicação da Resolução 03/87 de 16 de junho de 1987, com a proposta da divisão licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física (BRASIL, 1987b) e de sua regulamentação como profissão com Lei nº 9696/98 (BRASIL, 1998), veio ao encontro do surgimento de áreas de atuação profissional em Educação Física dentro e fora da escola como, por exemplo, a EFA, uma especialidade dentro da profissão, a qual foi se constituindo com um corpo de conhecimentos que a tornou como disciplina acadêmica.

Para adentrarmos os estudos sobre profissão, nos reportaremos a Kroll (1982) apud Barros (1993) através do estudo de Flexner que estabelece seis critérios para caracterizar uma atividade tida como profissional, sendo eles:

1. As atividades são desenvolvidas fundamentalmente de maneira intelectual, tendo como premissas a elaboração, a análise e a tomada de decisões na aplicação das técnicas empregadas buscando eficiência e qualidade quanto ao serviço prestado.
2. A atividade profissional é prática e é necessário que os conhecimentos da profissão sejam aplicados na prestação de serviços aos clientes.
3. A profissão é dinâmica, e para isso é importante que atualize e renove seus conhecimentos, suas metodologias e tecnologias em prol da sociedade.
4. Uma profissão deve ter a sua organização profissional na criação de códigos de ética, no caso da Educação Física no Brasil com os Conselhos Federais e Regionais da área.
5. Comunicabilidade; A atividade profissional tem que ter um conteúdo que possa ser comunicado aos profissionais.
6. Altruísmo; Deve ser uma característica da profissão e do profissional no atendimento e prestação de serviços cada vez melhores à sociedade.

Estes seis critérios, portanto, tem relação com a prestação de serviços que uma profissão oferece à sociedade. Segundo Barros (1993) não é feita nenhuma

referência ao diploma para caracterizar uma atividade profissional, muito embora o conhecimento especializado possa ser adquirido em instituição de ensino superior em curso de graduação, a dinâmica da profissão se caracteriza através da aplicação das habilidades, técnicas, conhecimentos próprios e atualização dos mesmos.

Para Lawson (1984), o membro de uma profissão tem que prioritariamente estar comprometido com sua carreira, e atualizado com as transformações sociais, bem como deverá gerenciar sua capacitação. Entretanto, segundo o autor, os demais trabalhadores são passíveis de variação quanto à natureza de suas atividades, bem como na execução de suas tarefas pautadas pelo método da tentativa e erro.

Nesta perspectiva, é que Lawson (1984), apresenta a diferença entre profissão e ocupação, devido às suas características, ou seja, em uma ocupação o trabalhador se dedica exclusivamente; recebe salário; tem uma preocupação com a qualidade do serviço que presta à sociedade e depende do método da tentativa e erro.

Para Souza Neto et al (2004), no caso da profissão, considerada uma ocupação de elite, o profissional tem uma maior recompensa salarial e status social; é um trabalho significativo; tem controle sobre o seu trabalho; desenvolve um corpo de conhecimento por meio da pesquisa, e esse conhecimento deve ser utilizado para melhorar a qualidade da prática, constituindo-se nos aspectos essenciais de um trabalho dentro do campo profissional, pois auxiliam o grupo no seu processo de profissionalização.

Da mesma forma, segundo os autores o processo de desprofissionalização caminha em seu curso na medida em que os serviços prestados já não são tão necessários como eram anteriormente ou já não recebe a mesma consideração, podendo, inclusive, seus profissionais serem substituídos por programas de autoajuda, trabalho voluntário - como os Amigos da Escola etc.

Dentro deste contexto, consideramos no entendimento de Chapoulie apud Dubar (1997, p. 174) que a profissão tem como propriedades derivadas no sentido de um tipo ideal as seguintes configurações:

[...] formação profissional longa em estabelecimentos especializados; controle técnico e ético das atividades exercidas pelo conjunto dos colegas considerados como os únicos competentes; controle reconhecido legalmente e organizado com o acordo das autoridades legais; uma comunidade real dos membros que partilham "identidades" e "interesses" específicos; pertencimento pelos rendimentos, o que confere prestígio e poder às parcelas superiores das camadas médias.

Além do reconhecimento entre seus pares os profissionais exercem segundo Freidson (1996), um trabalho especializado, composto de ocupações e ofícios reconhecidos pela economia oficial, podendo ser listados num tipo especial de ocupação.

A profissão é uma especialização que requer um conjunto de saberes, conhecimentos, tarefas e funções que são exercidas de maneira prioritária pelos profissionais como atividades que podem ou não ser remuneradas, bem como executadas no cotidiano das pessoas por meio de habilidades e técnicas manuais, cognitivas ou concomitantes, podendo ser exercido em uma residência, fábrica, escola, hospital ou outro local.

A distinção entre um trabalho manual e mental segundo Freidson (1996) apresenta-se de maneira imprecisa, e podem ser mais bem descritas quando uma especialização criteriosa ou trabalho especializado se fundamenta na experiência e em seus conhecimentos práticos ou na formação de conceitos e teorias abstratas. Ofício e profissão são distintos pelo fato de uma profissão se apresentar como especialização criteriosa fundamentada teoricamente.

O ofício foi se tornando uma profissão a partir da inserção de um corpo de conhecimento reconhecido pela necessidade da sociedade e exigido como requisito para se adentrar ao mercado de trabalho.

No que diz respeito à formação profissional em Educação Física, a sua história pode ser contada a partir do primeiro programa civil de curso de Educação Física da Escola de Educação Física do estado de São Paulo em 1931, iniciando oficialmente em 1934 com a formação do instrutor de ginástica e do Professor de Educação Física, ampliando-se em 1939 com o decreto-lei nº 1212 com a formação do técnico desportivo no período correspondente à era Vargas (1939 – 1945) quando a Educação Física se estrutura profissionalmente buscando reconhecimento social (SOUZA NETO, 1999).

Nas décadas de 1960 e início da década de 1970 o desporto torna-se meio de exaltação ao regime dos governos militares da época, prevalecendo à figura do técnico desportivo sobre a do professor de Educação Física (FARIA JUNIOR, 2003).

No entanto, a formação paralela entre professor de Educação Física e técnico desportivo na década de 1960 refletia-se no mercado de trabalho com a permissão de ex-atletas ocupando espaços dos formados em escola superior, e que levou a proposição da formação de professores de Educação Física e técnico desportivo com

o parecer CFE nº 894/69 e a resolução CFE nº 69/69 com o chamado currículo mínimo, o qual possibilita ao ingressante cursar duas modalidades esportivas, mantendo-se inalterada até a promulgação da Resolução CFE 03/87, de 16 de junho de 1987 (SOUZA NETO, 2004; RAMOS, 2006).

A Educação Física foi um dos primeiros cursos universitários no Brasil, desde 1987, que tiveram a possibilidade de uma formação profissional com um currículo flexível, sem ter a necessidade de atender às exigências de currículo mínimo (OLIVEIRA, 2006).

A proposta da Resolução CFE 03/87 estabelece a criação do bacharelado, e a reformulação dos cursos de licenciatura em Educação Física, no entanto as estruturas curriculares dos cursos de graduação em Educação Física, não respeitam as particularidades e especificidades e adotam um currículo similar ao 'currículo mínimo' (RAMOS, 2006).

Apesar destas dissonâncias, a Educação Física inicia uma nova trajetória como profissão, seja na formação de profissionais além do contexto escolar, seja na formação 'tradicional' de professores, bem como a busca por espaço e reconhecimento na universidade.

Tendo como referências no Brasil com as publicações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, no ano de 1996 e a lei nº 9.696/98 que regulamentou a profissão Educação Física, ocorrem duas modificações importantes para área, quais sejam: a Educação Física deixa de ser atividade para se tornar componente curricular obrigatório para a educação básica, e enquanto campo de intervenção profissional demarca seu território influenciado 'por um novo fenômeno, o "profissionalismo"'. (SOUZA NETO, 2004, p. 123).

Dentro deste contexto, segundo Drigo; Soeiro e Cesana (2006) com a Lei 9696 'cria-se' e se reconhece a Educação Física com status de profissão que possibilitou a criação dos Conselhos: Federal e Regional de Educação Física no Brasil.

Portanto, a inserção da EFA como disciplina curricular tem uma história muito recente, junto com a da Educação Física em suas mudanças curriculares desde 1987, ou seja, a Resolução 03/87 foi um marco para se incluir uma ampliação sobre os conhecimentos referentes às questões das pessoas com deficiências com ênfase de cunho humanista principalmente sobre o campo educacional (SILVA, SEABRA JUNIOR e ARAUJO, 2008).

No entanto, passadas mais de duas décadas da sugestão à gradativa inserção

nos currículos, a EFA enquanto uma disciplina foi se configurando em importância, tendo na mobilização política de grupos interessados um de seus pilares para seu reconhecimento e legitimação.

Neste sentido, é necessário compreender como se tem se configurado a disciplina nos cursos de Educação Física quanto à sua presença nos currículos, considerando as especificidades da licenciatura e da graduação/bacharelado. Para tanto foi feito um mapeamento via internet para esta verificação inicial, o qual será apresentado no próximo capítulo, referente à metodologia.

CAMINHO METODOLÓGICO

Quanto aos aspectos metodológicos foi adotada a abordagem qualitativa de pesquisa em função dos procedimentos utilizados, muito embora, tenha sido utilizada na coleta e no tratamento dos dados uma quantificação, considerando a natureza das fontes consultadas. No entanto, a característica deste estudo será de corte qualitativo, do tipo descritivo e exploratório, pois entrará em contato com uma realidade pouco estudada na compreensão dos fenômenos e componentes que a envolvem.

Conforme André (1995) é justamente para que não incorramos em erros conceituais de metodologia de pesquisa científica, que é necessário ter cautela quando denominamos nossas pesquisas como qualitativas.

Para a autora, é um equívoco definir todo e qualquer estudo como qualitativo, tão somente porque não se utilizou de dados numéricos, mas sim a utilização de outras técnicas de pesquisa, como por exemplo, a observação, os estudos descritivos, históricos, clínicos ou de pesquisa-ação.

Além disto, ressalta André (1995), quando da análise de dados e seus resultados, seja de observações ou entrevistas, não é difícil que estes sejam expressos em números, *“como, por exemplo, numa situação em que se esteja revelando a opinião dos professores sobre uma nova proposta.”* (p.24), ou seja, é evidente que o estudo não deixa de ser qualitativo por este motivo, muito pelo contrário, neste caso os números fazem parte da análise qualitativa.

Neste sentido, os cuidados metodológicos com as pesquisas de abordagem qualitativa se justificam pelas suas próprias características, pois este tipo de pesquisa conforme Alves Mazzotti & Gewandszajder (1998), não apresenta regras num formato tão exato, devido à sua diversidade e flexibilidade.

Entretanto isto não quer dizer falta de rigor metodológico, pois para o estudo de realidades muito complexas ou pouco exploradas, o adequado é que se utilize um planejamento de pesquisa menos estruturado, o qual irá ser definido no decorrer da investigação (ALVES MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1998).

Assim, a aproximação do objeto de estudo foi feita inicialmente através de levantamento de fonte documental e posterior análise dos documentos

disponibilizados on-line e de domínio público como fonte documental coletados na internet na forma de grades curriculares e conteúdos programáticos na busca de informações sobre a disciplina EFA nas IES públicas e privadas do estado de São Paulo.

Após feita a descrição o estudo foi organizado a partir da análise dos resultados das entrevistas com os docentes da disciplina Educação Física Adaptada nas IES públicas estaduais paulistas com cursos de licenciatura e de bacharelado em Educação Física.

5.1 - A fonte documental

Segundo Lüdke e André (1998) a fonte documental para a análise de dados qualitativos de pesquisa, oferece valiosas informações sobre determinado contexto, bem como, apresenta algumas vantagens, pois se caracteriza pelo baixo custo financeiro, de tempo e, é de fonte não reativa, ou seja, não permite alterações nas informações e nos comportamentos dos sujeitos, diferentemente, quando há contato direto, além disto, é plenamente viável quando o acesso aos sujeitos da pesquisa se torna impossível devido à morte dos mesmos.

Para Alves Mazzotti & Gewandsznajder (1998) pode-se utilizar de qualquer registro escrito como fonte documental para informação, tais como: *“Regulamentos, atas de reunião, pareceres, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc.”* (p.169), bem como pode ser combinada com outras técnicas de coleta de dados como checagem ou complementação.

Dentro deste contexto, buscamos a internet para obter documentos e informações necessárias ao estudo, pois segundo Severino (2007), devido ao enorme acervo de informações, a rede mundial de computadores, é atualmente uma ferramenta de pesquisa indispensável para todos que necessitam de informações com rapidez de tempo e economia de deslocamento.

Nesta perspectiva, para a coleta de dados iniciais utilizamos a consulta à internet visitando o site do Ministério da Educação (MEC) <http://portal.mec.gov.br/index.html> identificando as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas (Universidades, Faculdades, Centros Universitários) cadastradas com cursos de Educação Física em licenciatura e graduação/bacharelado no estado de São Paulo.

Identificamos as IES que continha em suas grades curriculares a presença da disciplina EFA e também descrição dos conteúdos programáticos da mesma na forma de ementa. A última consulta se efetuou em 17 de setembro de 2010.

5.2 - As entrevistas

Após a análise documental, foi elaborado um roteiro de entrevista do tipo semi estruturada como instrumento metodológico, a qual foi previamente agendada por email e contatos telefônicos com docentes da disciplina EFA das três IES públicas estaduais paulistas, sendo as mesmas realizadas em seus locais de trabalho, com a entrega do termo de consentimento livre e esclarecido, o qual esclarece aos docentes que será omitido do documento os seus nomes e os das instituições as quais pertencem, bem como que os dados poderão ser publicados futuramente.

Para Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (1998), a entrevista tem uma natureza de interatividade, pois sendo a mesma de caráter qualitativo tem como objetivo compreender o significado de situações e eventos que fazem parte da vida dos entrevistados.

Dentro deste contexto, a entrevista semi estruturada, ou menos estruturada quando empregada auxilia no levantamento de aspectos do tipo afetivo e valorativo que emergem da resposta dos entrevistados, apontando para o significado pessoal de seus comportamentos, bem como, proporciona ao entrevistado expressar-se detalhadamente quanto ao assunto da entrevista, desvelando contextos sociais, pessoais de sentimentos e crenças (SELLTIZ, 1987).

Para Lüdke e André (1988), quando da utilização da entrevista com indivíduos ou grupos, esta técnica é eficaz na obtenção das informações, o que permitirá que modificações ocorram, caso sejam necessárias.

Neste sentido, as autoras enfatizam que as entrevistas semi estruturadas, as quais se desenvolvem a partir de um roteiro básico, sem necessariamente ser rígido, favorece que o entrevistador faça adaptações que julgar necessário, sendo esta técnica de pesquisa a mais adequada para trabalhos na área da educação, ou seja:

As informações que se quer obter, e os informantes que se quer contatar, em geral professores, diretores, orientadores, alunos e pais, são mais convenientemente abordáveis através de um instrumento mais flexível. (p.34).

Dentro deste contexto, as entrevistas para serem realizadas tiveram como critérios a importância no que tange ao pioneirismo das IES as quais os entrevistados pertencem como professores, bem como a experiência profissional de longa data destes docentes que ministram a disciplina EFA.

5.3 - Critérios de seleção das IES e dos participantes da pesquisa

Considerando a expansão dos cursos superiores de Educação Física, em todo o país, e tendo como referência neste estudo o estado de São Paulo, adotamos como critério de seleção das IES, as três públicas estaduais paulistas, pois foram instituições pioneiras na implantação da EFA como disciplina no Brasil, antes mesmo da reestruturação curricular publicada no Parecer 215/87 (BRASIL, 1987a).

Dentro deste contexto, também ressaltamos a representatividade quanto a excelência de ensino e pesquisa das três instituições públicas paulistas no cenário educacional brasileiro no âmbito do ensino superior, assim como dos docentes entrevistados, pois são os mais antigos em suas instituições na docência da disciplina EFA.

Outro aspecto importante é que os participantes puderam acompanhar a trajetória histórica da EFA no Brasil desde a década de 1980, no que se refere principalmente quanto à sua implantação nos currículos dos cursos superiores de Educação Física.

5.4 – Os participantes da pesquisa

Sendo assim, apresentaremos os docentes entrevistados e suas respectivas identificações através dos seguintes itens para a caracterização:

- 1) formação acadêmica;
- 2) disciplina que ministra na formação inicial;
- 3) curso que ministra a disciplina;
- 4) tempo de atuação docente

A caracterização docente é apresentada a seguir no quadro 1:

Quadro 1 – Caracterização docente

IES	Docentes	Formação acadêmica	Disciplina	Curso (s)	Tempo de atuação
1	D 1	Doutorado	Esporte e Deficiência I e II	Bacharel em Esporte	17 anos
	D 2	Doutorado	Educação Física Escolar I e II	Licenciatura em Educação Física	23 anos
			Educação Física Adaptada I e II	Bacharelado em Educação Física	
2	D 3	Doutorado	Educação Física Adaptada	Licenciatura e Bacharelado em Educação Física	20 anos
	D 4	Doutorado	Esportes Adaptados	Bacharelado em Educação Física	25 anos
	D 5	Livre docente	Educação Física Escolar Especial	Licenciatura em Educação Física	23 anos
3	D 6	Livre docente	Educação Física Adaptada	Licenciatura e Bacharelado em Educação Física	24 anos

5.5 – A Caracterização das disciplinas

Quanto às disciplinas ministradas pelos docentes entrevistados consideramos os seguintes elementos: nomenclatura, carga horária e tipo de oferecimento quanto à sua periodicidade e ressaltando que, o nosso recorte para o estudo foi o de obter as informações dos participantes sobre as estruturas das disciplinas obrigatórias que ministram.

Quadro 2 – Caracterização das disciplinas

IES	Curso	Nomenclatura	Carga horária	Tipo
1	Bacharelado em esporte	Esporte e Deficiência I (obrigatória)	60 horas	Semestral
		Esporte e Deficiência II (optativa eletiva)	60 horas	Semestral
	Bacharelado em Educação Física	Educação Física Adaptada I (obrigatória)	60 horas	Semestral
		Educação Física Adaptada II (obrigatória)	60 horas	Semestral
	Licenciatura em Educação Física	Educação Física escolar e Portadores de Necessidades Especiais I (obrigatória)	60 horas	Semestral
		Educação Física escolar e Portadores de Necessidades Especiais II (obrigatória)	60 horas	Semestral
2	Bacharelado em Educação Física e Licenciatura em Educação Física	Educação Física Adaptada (obrigatória)	60 horas	Semestral
	Bacharelado em Educação Física	Esportes Adaptados (obrigatória)	60 horas	Semestral
	Licenciatura em Educação Física	Educação Física Escolar Especial (obrigatória)	60 horas	Semestral
3	Bacharelado e Licenciatura em Educação Física	Educação Física Adaptada (obrigatória)	60 horas	Semestral

5.6 - O roteiro das entrevistas

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998,) os estudos qualitativos devido à sua recente disseminação em campos do conhecimento como a educação e a psicologia, exigem dos pesquisadores que se preocupem com a adoção de critérios metodológicos rigorosos em suas investigações.

Um dos critérios, segundo os autores, apresenta a proposta no sentido de a credibilidade do estudo através do questionamento por pares, o qual consiste na solicitação de pareceres através de pessoas que não estão envolvidas com o processo da pesquisa, e, no entanto, trabalham com o mesmo paradigma e possuem conhecimento sobre a temática pesquisada, atuando como ‘advogados do diabo’ ao apontar falhas e pontos não explorados pelo pesquisador.

Portanto, encaminhamos uma carta de apresentação e uma descrição resumida do projeto de pesquisa contendo o roteiro da entrevista, a sete doutores em Educação Física. Recebemos quatro devolutivas, sendo que três deram os pareceres sobre o roteiro e um opinou sobre a delimitação do problema, e, portanto, não será exposta sua opinião. Os pareceres quanto ao roteiro da entrevista com as respectivas sugestões para cada questão estão indicadas no quadro (Quadro 3):

Quadro 3 – Pareceres dos Doutores ao roteiro da entrevista.

QUESTÃO	DOUTOR 1	DOUTOR 2	DOUTOR 3
1	-	-	-
2	Estrutura da disciplina EFA no currículo.	X	X
3	Temáticas priorizadas no conteúdo programático com relação aos eixos: Esporte, Educação Física Escolar e Saúde.	X	Justificativa da resposta sobre a importância da disciplina
4	Interação da disciplina EFA com outras disciplinas no currículo.	X	X
5	Conhecimento da disciplina por parte do docente.	X	X
6	A relação entre a disciplina EFA e as Resoluções 03/87 e 01 e 02/2002 deve estar enquadrada nos currículos e não é necessário perguntar.	A relação entre a disciplina EFA e as Resoluções 03/87 e 01 e 02/2002 deve estar enquadrada nos currículos e não é necessário perguntar.	X
7	O conteúdo ideal para a disciplina EFA.	X	X

A questão número um, não foi apreciada pelos pareceristas, pois a mesma foi sugerida pela banca examinadora durante o exame geral de qualificação, portanto antes do envio aos pares para apreciação. Abaixo segue o roteiro com a pergunta sugerida e as enviadas aos pareceristas.

- 1- Ao longo do tempo em que é responsável pela disciplina, houve alteração na nomenclatura?
- 2- Como se estrutura(m) a(s) disciplina(s) para o curso de licenciatura e graduação/ bacharelado em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?
- 3- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos: Esporte; Educação Física Escolar e Saúde?
- 4- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (licenciatura e/ou bacharelado), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?
- 5- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.
- 6- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?
- 7- Em sua opinião, a carga horária e as temáticas que fazem parte do conteúdo programático da disciplina são ideais?

5.7 - Procedimentos metodológicos para a análise das entrevistas

Para que pudéssemos organizar os resultados adotou-se como procedimento metodológico inicial a análise dos dados a análise de conteúdo. Segundo Laville e Dione (1999) a partir desta organização com a separação do material, no nosso caso, as entrevistas transcritas é necessário que se faça um estudo minucioso de seu conteúdo, na busca de sentido que compõe as palavras e as frases selecionando as ideias principais.

Em suma, a análise de conteúdo não se constitui em:

[...] um método rígido, no sentido de uma receita com etapas bem circunscritas que basta transpor em uma ordem determinada para ver surgirem belas conclusões. Ela constitui, antes, um conjunto de vias possíveis nem sempre claramente balizadas, para a revelação do sentido de um conteúdo. (LAVILLE e DIONE, 1999, p.216).

Segundo Triviños (1987) o método na análise de conteúdo em mensagem escrita é mais estável, possibilitando o retorno ao material quando necessário, e deve levar em consideração aspectos importantes tais como: a utilização da inferência, que surge a partir das informações do conteúdo da mensagem, um distanciamento da leitura de forma a se saber mais sobre ela e a classificação de conceitos e sua codificação, como por exemplo, a categorização.

Desta forma, a organização dos dados a sua ordenação na análise dos resultados e na discussão foi efetuada a partir da identificação de categorias, as quais, segundo Alves- Mazzotti & Gewandsznajder (1998,) se dá por um processo contínuo, complexo e não linear que acompanha toda a elaboração da investigação na construção de interpretações pelo pesquisador, pois em geral nas pesquisas qualitativas é necessário organizar os dados os quais se apresentam em grande volume.

Dentro deste contexto, a análise de conteúdo se balizará em dois momentos distintos não importando a ordem, na definição de categorias agrupadas em parentesco de sentido. O pesquisador pode definir as categorias a priori, ou a partir de recortes de conteúdos fazer a construção de categorias de maneira indutiva (LAVILLE e DIONE, 1999).

No caso do nosso estudo preferimos fazer os recortes dos conteúdos tendo como referência os temas perguntados nas entrevistas e que foram analisados posteriormente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 – A apresentação e análise dos dados parciais da internet

Após a coleta de dados pela internet os resultados apresentam que há 172 IES no estado de São Paulo cadastradas no MEC, sendo 154 privadas, 9 públicas municipais, 7 públicas estaduais e 2 federais com cursos de Educação Física, num total de 270, sendo 200 de licenciatura e graduação/bacharelado, oferecidos com as duas habilitações na mesma IES; 50 são de licenciatura e 20 de graduação/bacharelado oferecido separadamente.

Os dados acima citados estão expostos no quadro a seguir (Quadro 4) e também identificam a quantidade de grades ou matrizes curriculares com a disciplina EFA.

Quadro 4 – IES paulistas públicas e privadas cadastradas no MEC com cursos de Educação Física do estado de São Paulo.

IES paulistas Cadastradas no MEC oferecendo cursos de Educação Física	172
Cursos de Educação Física no estado de São Paulo	200
IES privadas	154
IES públicas municipais	9
IES públicas estaduais	7
IES públicas federais	2
Grades ou matrizes curriculares on-line com a mesma terminologia para disciplina EFA na licenciatura e graduação/ bacharelado	108
Grades ou matrizes curriculares on-line com terminologia distinta para disciplina EFA na licenciatura e graduação/bacharelado	19

No levantamento feito nos sites das IES, verificamos quais continham grades ou matrizes curriculares, com a presença da disciplina EFA nos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado.

Até a última consulta em 17 de setembro de 2010, 108 grades ou matrizes curriculares de 54 IES (49 privadas e 4 públicas municipais) apresentavam a mesma nomenclatura para a disciplina EFA na licenciatura e graduação/bacharelado oferecida na mesma IES, além do que são ministradas no mesmo ano ou semestre.

No entanto, ainda como cursos de licenciatura e graduação/bacharelado, porém com currículos distintos, foram disponibilizadas on-line 18 grades ou matrizes, as quais apresentavam nomenclaturas diferentes para a disciplina EFA.

Dentro deste contexto, buscamos nos sites das IES do estado de São Paulo, os conteúdos programáticos da disciplina EFA que estivessem disponibilizados on-line. Foram encontradas 10 conteúdos programáticos de IES privada e 9 de IES pública estadual e 1 foi solicitado e enviado por email, totalizando 20 programas conforme quadro (Quadro 5).

Quadro 5 – Conteúdos programáticos

RESULTADOS	Nº	
Conteúdos programáticos on-line da disciplina EFA	10 de IES privadas	9 de IES públicas
Conteúdos programáticos enviados por email da disciplina EFA	1 de IES públicas	
TOTAL	20	

Um aspecto que emergiu deste mapeamento pela internet foi a diversidade de nomenclaturas da disciplina EFA, em que pese as suas distinções para os cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física. Portanto, verificamos nas grades curriculares e identificamos que estão disponibilizadas as seguintes nomenclaturas:

- Educação Física Adaptada
- Educação Física para Portadores de Necessidades Especiais
- Educação Física Inclusiva
- Educação Física Especial
- Educação Física para Pessoas com Necessidades Especiais
- Educação Física Especial
- Educação Física e Esportes Adaptados
- Atividade Motora Adaptada
- Atividade Física para Portadores de Necessidades Especiais
- Necessidades Educativas Especiais
- Educação Física Especial e Adaptada
- Educação Física Escolar Adaptada
- Educação Física Escolar Adaptada
- Educação Física Especial e Aplicada
- Educação Física e Esportes para Portadores de Necessidades Especiais
- Educação Física Especial e Esporte Adaptado
- Educação Física e Esportes Adaptados Escolares
- Educação Física Escolar e Portadores de Necessidades Especiais
- Atividade Física para Pessoas com Necessidades Especiais
- Atividade Física Aplicada a Portadores de Necessidades Especiais
- Atividade Física Adaptada
- Atividades físico-esportivas para portadores de necessidades especiais
- Atividade motora adaptada e grupos especiais
- Teoria e Prática para Portadores de Necessidades Especiais
- Teoria e Prática na Educação Física Adaptada
- Teoria e prática da Educação Física Adaptada
- Tópicos avançados em esportes adaptados
- Metodologia do ensino da Educação Física
- Programa de exercício físico adaptado e Estudos sobre necessidades especiais e inclusão
- Esportes Adaptados
- Esporte e Deficiência

- Atividade física para portadores de necessidades especiais

Quanto à nomenclatura: 'Educação Física Adaptada', observamos que a mesma foi identificada nas grades curriculares de 50 cursos, o que nos leva a considerar duas questões: a primeira é referente à influência histórica da nomenclatura de origem norte americana, tendo como premissa à tendência desenvolvimentista e que foi adotada no Brasil de forma abrangente e a segunda é a utilização desta inicialmente pelas IES públicas no Brasil e que foi alterada ou utilizada de forma literal pelas demais IES, principalmente as privadas.

Portanto, os resultados dos documentos disponíveis na internet (grades curriculares e conteúdos programáticos) nos permitiram verificar que, independentemente da diversidade das nomenclaturas, a disciplina esta presente em todos os cursos de Educação Física cadastrados no MEC e disponibilizados pelas IES.

No entanto, quando verificamos que 108 grades ou matrizes curriculares apresentam a disciplina com a mesma nomenclatura, carga horária e semestre para a licenciatura e graduação/bacharelado como cursos oferecidos na mesma IES, e 18 grades ou matrizes curriculares com cursos de licenciatura e graduação/bacharelado, também oferecidos na mesma IES com nomenclaturas distintas para cada curso, consideramos que estes documentos coletados na internet não foram suficientes para analisar o papel da EFA na formação, sendo necessário nos aprofundarmos nas análises das entrevistas.

6.2 - Análises das entrevistas

Análise da questão 1: Ao longo do tempo em que é responsável pela disciplina, houve alteração na nomenclatura?

A primeira categoria se denomina de: **alteração da nomenclatura** e apresenta-se como resultado direto da própria pergunta com 6 participantes, pois 2 participantes relatam que a disciplina mudou de nome:

“Esporte para pessoas portadoras de deficiências. Este nome foi dado,..., ai eu pedi para mudar para o nome esporte e deficiência,...” (Participante 1).

“Eu mesmo quando eu comecei a lecionar na universidade a disciplina era essa: Educação Física Especial e ficou por muito tempo. E depois então década de 90 é que muda para a terminologia Educação Física Adaptada no Brasil.” (Participante 3).

Nesta mesma categoria, 2 participantes informaram que a disciplina foi criada com o mesmo nome que se mantém até o momento, ou seja, Educação Física Adaptada. Ainda nesta categoria, 2 participantes se abstiveram de responder ao solicitado mencionando justificativas em relação ao seu posicionamento que formaram duas categorias individuais que serão apresentadas posteriormente.

“Mas aqui na escola já começou como disciplina, mas, não comigo, já com o nome de Adaptada. E em 86 eu organizei o I Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada e já tinha este nome, e assim foi, e ai já estava sedimentado...” (Participante 2).

“Nunca houve mudança.” “Sempre foi desde 87 quando eu vim trabalhar aqui ela chama Educação Física Adaptada.” (Participante 6).

A segunda categoria apresentada nesta questão é: **a não participação do docente na elaboração da nomenclatura**. Nesta categoria participam dois professores, o participante 1 como visto na categoria anterior não participou na elaboração da nomenclatura de sua disciplina em seu início, porém foi o responsável pela mudança da nomenclatura da disciplina quando teve a oportunidade. Já o participante 2, não elaborou a nomenclatura e critica o nome sugerido não conseguindo alterá-lo:

“Botaram uma que é esta,..., não sei o que de necessidades especiais, não tem nada a haver com os nomes atuais,...” (Participante 2).

Ainda nesta questão, também se verificou que a nomenclatura não foi considerada significativa a ponto de comprometer a sua especificidade e proposta no currículo retratada pela terceira categoria: **irrelevância da nomenclatura**.

“A questão da terminologia é importante porque ela tem uma representação..., mas também não é algo que nos traz muita preocupação...” “... (Participante 4).

Porém, uma particularidade se apresenta nesta questão que é caracterizada pela quarta e última categoria, a qual se denominou de: **origem da disciplina**, pois a mesma se inicia em uma das IES como atividade de extensão universitária com aulas de Educação Física para alunos no ensino superior, inclusive para alunos com deficiência.

“... nós começamos este atendimento não só do aluno, mas sim do deficiente que era amigo destes alunos lá fora e aí foram buscar estes alunos lá numa igreja e trouxeram estes alunos pra cá. Então começa aí atendimento com o grupo de extensão, e com este atendimento vamos dizer assim começa a ter influência no curso de graduação.” (Participante 5).

Ambas as categorias, a terceira e a quarta, formaram as categorias individuais citadas como justificativa da falta de informação presente na categoria 1. Desta forma, mediante as respostas da questão 1 foi possível aglutiná-las nas 4 categorias acima descritas, as quais são apresentadas no quadro (Quadro 6):

Quadro 6 – Análise da questão 1

CATEGORIAS	PARTICIPANTES
1) Alteração da nomenclatura: 1.1 - Nomenclatura alterada	1.1 - Docentes: 1 e 3
1.2 - Nomenclatura mantida	1.2 - Docentes: 2 e 6
2) Não participação docente na elaboração da nomenclatura	Docente: 2
3) Irrelevância da nomenclatura	Docente: 4
4) Origem da disciplina	Docente: 5

Análise da questão 2: Como se estrutura(m) a(s) disciplina(s) para o curso de licenciatura e graduação/bacharelado em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática e possibilidades de vivência por parte dos graduandos (e/ou algo mais que você queira saber)?

Nos cursos de Educação Física em que atuam os participantes, todos são de período integral com carga horária semelhante o que indica a categoria: **padronização da carga horária**, na opinião dos 6 entrevistados.

“Comecei se não me engano com 45 horas semestrais, a disciplina aqui sempre é semestral, consegui tornar ela pra 60...”(Participante 1).

“... são quatro aulas semanais durante um semestre pra adaptada 1 e idem pra adaptada 2,...” (Participante 2).

“Hoje a carga horária na Educação Física Adaptada é 60 horas, semestral.” (Participante 3).

“A carga horária é meio que padrão das disciplinas,...” (Participante 4).

“Hoje ela esta com 4 horas semanais de quatro créditos com 60 horas e ela acontece no primeiro semestre do ano.” (Participante 5).

“Basicamente a disciplina obrigatória ela tem 60 horas nos encontros com os alunos em aula...” (Participante 6).

Dentro da categoria: **concordância com a carga horária** apenas o participante 1 não concorda com o numero de horas considerando-a insuficiente. Os outros consideraram em relatar que era suficiente ou não se manifestaram.

“... e hoje a acho pequena pra 60 né, eu gostaria de ter mais horas aula.” (Participante 1).

Quanto aos conteúdos ministrados nas disciplinas foi verificada a categoria: **caracterização das deficiências** indicando uma tendência em abordar a questão sobre as deficiências com base no modelo médico nos discursos de 4 dos 6 participantes.

“... o que acontece nestas primeiras 60 horas, caracterização da pessoa com deficiência, as quatro principais que tem a prática esportiva organizada,...” (Participante 1).

“De uma forma geral, abordar os quatro grandes temas digamos motora, visual, auditiva e intelectual, mas também os distúrbios da saúde vamos chamar assim, os distúrbios da saúde de uma forma genérica,...” (Participante 2).

“Normalmente é assim, na Educação Física Adaptada como ela antecede o Esporte Adaptado nós trabalhamos toda a base conceitual. Então há uma introdução do que é este universo da Educação Física Adaptada. Num segundo momento a gente caracteriza as deficiências.” (Participante 3).

“Nós fazemos mais ou menos como se fosse a pessoa deficiente no contexto escolar da Educação Física na escola, a questão da deficiência e a questão de repente das necessidades,...” (Participante 5).

Entretanto, elaborar os conteúdos de outra forma foi apresentado na categoria: **utilização de conteúdos da Educação Física**, considerando os conteúdos relativos às áreas do conhecimento da Educação Física ao invés de classificar o público alvo que são as pessoas com deficiências.

“... deve ter uns dez anos comecei a mudar este jeito de trabalhar. Comecei a inserir com a própria mudança da Educação Física criando mais e mais conteúdo enquanto disciplina, enquanto área do conhecimento me permitiu que esta questão das áreas que seriam importantes pra trabalhar a pessoa com deficiência independente de qual deficiência ela tenha,...” (Participante 6).

A indicação da categoria: **relação entre o conteúdo teórico e prático**, é preocupação do participante 4, apesar do entrevistado não apresentar quais conteúdos são utilizados nesta relação.

*“Uma preocupação que a gente teve desde o início é fazer uma relação direta do **conteúdo teórico com o prático**,...”* (Participante 4).

A partir destas considerações adentramos à temática: estratégias de ensino, caracterizada pela categoria: **procedimentos metodológicos**, sendo que estes são apresentados como estratégias didáticas distintas como: aula simulada; aula para alunos com deficiências e recursos pedagógicos.

Nesta categoria alguns participantes utilizam mais de uma estratégia e outros uma estratégia somente, tendo mais de uma opinião por docente, ou seja, os entrevistados apresentam mais de uma estratégia em suas respostas sendo apresentada em mais de um apontamento.

As aulas simuladas como procedimento metodológico utilizado por 3 dos 6 docentes entrevistados, sendo eles os participantes 1, 2 e 3, e consiste na simulação de situações com os graduandos envolvendo a realização de atividades físicas e/ou esportivas 'adaptadas' para pessoas com deficiência.

“E a gente faz alguma vivência assim, trata da deficiência visual, faz uma vivência com uma modalidade esportiva, vivendo o goalball, porque é uma modalidade criada,...” (Participante 1).

“Então hoje, você passou no salão e estava tendo uma última pratica ali, eles estavam amarrados e etc.” (Participante 2).

“... a disciplina é teórico-prática, às vezes você da duas teóricas la na sala de aula sobre deficiência mental e ai você vai pra quadra e trabalha as atividades e demonstra as atividades práticas com o aluno de como trabalhar com o deficiente intelectual, por exemplo.” (Participante 3).

A aula com a participação de pessoas com deficiências que se caracteriza pela aproximação com a população a ser atendida é utilizada também pelo participante 3 e pelo 5.

“Eu mesmo tenho o hábito de na disciplina Educação Física Adaptada quando eu vou trabalhar com intelectual eu ligo pra APAE, falo com o professor de Educação Física e ele me traz algumas crianças e a gente faz as práticas com as crianças.” (Participante 3).

“... esta prática nós procuramos focá-lo numa situação real e não mais uma simulação...” (Participante 5).

Quanto aos recursos pedagógicos, estes foram relatados tendo como exemplos: palestras com convidados especialistas na área ou pessoas com deficiências, bem como a utilização de exibição de filmes, participação dos graduandos trabalhando em eventos envolvendo as deficiências, e são apresentados por 4 participantes, o 1,2,4 e 6 em seus discursos.

“... eu chamo sempre a cada semestre, uma pessoa que trabalha na área administrativa de uma destas organizações, trago um atleta, trago um técnico.” (Participante 1).

“... a gente convida as pessoas com deficiências pra participar das aulas práticas e vídeos ...” (Participante 6).

“... a gente discute um pouquinho e encerra a temática assistindo um filme sobre portador de deficiência...” (Participante 2).

“...mesmo que a gente traga professores convidados ou atletas convidados pra tá falando de algumas modalidades desportivas né, a gente tenta trazer muito mais do que isso lógico, através de filme, atualizações das competições, dos eventos, ou até por vezes participação dos alunos em eventos.” (Participante 4).

A categoria: **extensão universitária** é apontada nos discursos como um dos suportes para o ensino da disciplina, podendo acontecer nas instalações da universidade ou fora de seus limites, sendo este um projeto para a comunidade sob a responsabilidade do docente da disciplina.

“Os atletas vêm pra aula, os alunos vivenciam, experenciam estas atividades juntos com eles. E isso da uma base tanto teórica quanto prática fantástica pro aluno, porque a gente tem estas iniciativas de extensão universitária.” (Participante 3).

“Nós temos vários projetos de extensão dentro da faculdade. Então todas estas atividades de extensão elas servem de práticas para as nossas disciplinas.” (Participante 4).

Nesta questão as 6 categorias elencadas são apresentadas no quadro (Quadro 7):

Quadro 7 – Análise da questão 2

CARGA HORÁRIA	
CATEGORIAS	PARTICIPANTES
1) Padronização da carga horária	Docentes: 1, 2, 3, 4, 5 e 6.
2) Concordância com a carga horária	Docentes: 2, 3, 4, 5 e 6 concordam. Docente: 1 não concorda.
CONTEÚDOS	
CATEGORIAS	PARTICIPANTES
3) Caracterização das deficiências	Docentes: 1, 2, 3 e 5
4) Conteúdos da Educação Física	Docente: 6
5) Relação entre conteúdo teórico e prático	Docente: 4
ESTRATÉGIAS DE ENSINO	
CATEGORIAS	PARTICIPANTES
6) Procedimentos metodológicos: 6.1 - Aulas simuladas	Docentes: 1, 2 e 3
6.2) Aulas com a participação de pessoas com deficiências	Docentes: 3 e 5
6.3) Recursos pedagógicos	Docentes: 1, 2, 4 e 6
6.4) Extensão Universitária	Docentes: 3 e 4

Análise da questão 3: Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos: Esporte; Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar ?

Nesta questão o objetivo foi o de verificar se os conteúdos específicos: Esporte; Treinamento Desportivo e Educação Física Escolar são diluídos na disciplina EFA considerando as especificidades dos cursos de licenciatura e de graduação/bacharelado em Educação Física.

Neste sentido, consideramos que, a categoria: **a especificidade de conteúdos** assim retrata esta questão, sendo que o eixo temático: esporte é citado por 4 dos 6 participantes.

“..., pra mim esporte, mas o treinamento esportivo não é uma coisa que eu abordo muito não,...” (Participante 1).

“Se você quer regra, posso até mostrar, olha tem adaptação pra isso aqui existe uma pontuação, o cara do basquete é classificado em pontos desta forma em função do nível de lesão, da avaliação funcional é isto. Isso é o esporte.” (Participante 2).

“Acaba acontecendo outras coisas mas, não é o foco central, porque de repente você vai fazer uma situação e acaba caindo num conteúdo mais focado no esporte, mas a gente faz isso com as possibilidades na escola.” (Participante 5).

“É, então na questão do treinamento e do esporte nós estamos nos consolidando na área.” (Participante 3).

Porém, a partir da categoria: **utilização de outros conteúdos**, os eixos temáticos perguntados não são citados por 2 participantes. O participante 4 busca utilizar os conhecimentos das outras áreas para a sua disciplina e a participante 6 relata que faz uma abordagem mais geral.

“Então nós temos outros professores que são especialistas em treinamento, outros com foco mais na área pedagógica e tudo mais. Então o que a gente acaba fazendo, na medida do possível acaba entrelaçando todas estas coisas.” (Participante 4).

“Então na verdade são três partes: uma sócio cultural, política, outra parte técnica de cunho médico clínico e esta terceira parte que é mais pedagógica.” (Participante 6).

No quadro (Quadro 8) apresentamos as 3 categorias da questão 3:

Quadro 8 – Análise da questão 3

CATEGORIAS	PARTICIPANTES
1) Especificidade de conteúdos: Esporte	Docentes: 1, 2, 3 e 5
2) Utilização de outros conteúdos: Conhecimentos de outras disciplinas	Docente: 4
3) Abordagens: sócio cultural, médica e pedagógica	Docente: 6

Análise da questão 4: Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

A não interação da disciplina Educação Física Adaptada é indicada por 5 categorias e são representadas pelos relatos dos participantes, sendo que os docentes: 1, 2, 3 e 6 apresentam mais de uma opinião sobre o assunto justificando-as e dando sugestões. Outras duas categorias serão apresentadas posteriormente como particularidades. A primeira categoria: **ausência de convívio acadêmico** indica que há falta de conexão da disciplina com outras disciplinas.

“Olha, deveria ter...” (Participante 1).

“Não, mas deveria ser melhor, muitas vezes a coisa existe num certo discurso, mas na realidade ela acaba não acontecendo.” (Participante 2).

“Mas não é ainda uma realidade...” (Participante 6).

A segunda categoria: **falta de motivação** dos docentes de outras disciplinas para ministrar conteúdos de Educação Física Adaptada, representa uma justificativa, na opinião de 2 dos 3 participantes que responderam anteriormente.

“Então, depende muito docente e não do programa da disciplina...” (Participante 1).

“Mas não é ainda uma realidade porque depende muito da motivação dos pares pra fazer isso.” (Participante 6).

Desta forma, a terceira categoria: **possibilidade de diluição dos conteúdos** é retratada na forma de sugestão pelos docentes entrevistados como uma configuração curricular mais adequada para formação na opinião dos participantes: 3 e 6.

“... acredito que numa visão futurista, numa visão bem futurista é que cada disciplina que abordasse, por exemplo, então o que você fala em crescimento e desenvolvimento, e num conteúdo crescimento e desenvolvimento para pessoas com deficiências.” (Participante 3).

“A disciplina em vários níveis ela poderia ser distribuída em disciplinas que não são chamadas de Educação Física Adaptada, vou te dar um exemplo, se estou trabalhando com atividades aquáticas seria muito interessante incorporar aquela unidade nas aulas de natação, atividades aquáticas previstas no programa, basquetebol também.” (Participante 6).

As particularidades acima citadas são representadas pela categoria: **conhecimentos prévios dos alunos**, a qual entra em cena para exemplificar a interação entre a disciplina de núcleo comum ou introdutória com as específicas conforme relato do participante 5.

“Sim porque ela tem que trazer os pré-requisitos lá da Educação Física Adaptada, então ela faz sim porque quando você vai falar de repente de um conteúdo você pega lá deficiência mental, o que foi trabalhado lá, então vamos pra cá, trabalhar hoje em cima de comportamento adaptativo. Então fica mais fácil.” (Participante 5).

E por fim temos a categoria: **concordância** com a interação, exemplificada no relato do participante 4 pela ‘boa’ convivência entre departamentos e não pela relação entre as disciplinas.

“Faz sim, é, hoje o departamento de adaptada tem um relacionamento muito saudável com outros departamentos, com outros professores mais especificamente.” (Participante 4).

As cinco categorias da questão 4 quanto á interação da disciplina EFA com outras disciplinas do currículo são demonstradas no quadro (Quadro 9):

Quadro 9 – Análise da questão 4

CATEGORIAS	PARTICIPANTES
1) Ausência de convívio acadêmico	Docentes: 1, 2 e 6
2) Falta de motivação dos pares	Docentes: 1 e 6
3) Possibilidade de diluição dos conteúdos	Docentes: 3 e 6
4) Conhecimentos prévios dos alunos	Docentes: 5
5) Concordância com a interação	Docentes: 4

Análise da questão 5: Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo? Justifique por gentileza sua resposta.

As respostas a esta questão indicam a categoria: **concordância** com o reconhecimento, valorização e de que a disciplina não esta isolada no currículo segundo a opinião de 5 dos 6 docentes entrevistados.

No entanto, na mesma categoria, a participante 1 contra argumenta afirmando que sua disciplina esta isolada no currículo, justificando este isolamento pelo que já foi apresentado em questão anterior, pois não há interação pela falta de motivação dos pares para que esta ocorra:

“Os docentes mais antigos de algumas disciplinas, aqueles que fizeram a sua abertura, porque tem alguns que não fizeram. Então, eu estou achando que ela esta tendendo muito mais pelo isolamento do que ela já esteve.” (Participante 1).

A categoria concordância esta indicada no quadro (Quadro 10):

Quadro 10 – Análise da questão 5

CATEGORIAS	PARTICIPANTES
1) Concordância	Docentes: 2, 3, 4, 5 e 6 Docente: 1 não concorda

Análise da questão 6: Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em EFA?

A primeira categoria se denomina de: **formação específica**, e aponta para três vertentes, uma para um perfil de atuação profissional na área da saúde, outra para o esporte e uma que direciona para um perfil voltado para a pesquisa acadêmica, apresentadas nos relatos de 3 participantes.

“Olha um perfil fechado é difícil de oferecer, mas basicamente é um perfil em cima de saúde. Não acho que a Educação Física Adaptada seja voltada pra uma questão técnica só...” (Participante 6).

“Mas se pensar hoje um pouquinho no nosso currículo a formação esta mais voltada pro esporte adaptado.” (Participante 3).

“Então os alunos de graduação acabam convivendo com este ambiente de pesquisa, e isso acaba sendo uma realidade às vezes na perspectiva da formação de alguns alunos.” (Participante 4).

A segunda categoria: **formação generalista** indica na opinião de dois participantes, que a preparação de um perfil profissional deve estar voltada para a possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

“A gente forma sim eu pelo menos dentro daquilo que é possível formei até então o bacharel com uma formação interessante voltado pra aquilo que é aquilo que ele precisa no mercado.” (Participante 2).

“... mas esse profissional também deve ter uma formação pró-ativa, seja ele atuando, seja ele discutindo, seja ele pesquisando, seja ele promovendo a área da Educação Física para com a pessoa deficiente, e não só com a pessoa deficiente, mas em toda situação que for necessário. Não tenho a intenção de formar o cara para atuar com a pessoa deficiente, não é isso, é para atuar em situações que exigem e funcione.” (Participante 5).

A terceira categoria: **limitação formativa da disciplina** demonstra na opinião de um participante a insuficiência da disciplina na preparação para o trabalho, apontando para o aspecto informativo da sua disciplina.

“... o aluno que faz só a disciplina obrigatória, ele só sabe que existe e onde buscar a informação. Então quando aparece o emprego pra ele volta desesperado. Então o curso, o obrigatório ele é informativo ele não é formativo.” (Participante 1).

Quanto a esta questão aglutinamos em três categorias, indicadas no quadro (Quadro 11).

Quadro 11 – Análise da questão 6

CATEGORIAS	PARTICIPANTES
1) Formação específica: Saúde Esporte Pesquisador	Docente: 6 Docente: 3 Docente: 4
2) Formação generalista voltada para o mercado de trabalho	Docente: 2 e 5
3) Limitação formativa da disciplina	Docente: 1

Análise da questão 7: Em sua opinião, a carga horária e as temáticas que fazem parte do conteúdo programático da disciplina são ideais?

A questão da distribuição do tempo da disciplina EFA no currículo é retratada por duas categorias: **suficiência e insuficiência da carga horária:**

Na opinião de três entrevistados a carga horária é **insuficiente** e revela a insatisfação de 3 docentes.

“..., não acho que é ideal. (Participante 1).

“Mas se você pensar 60 horas ano não é suficiente.” (Participante 3).

“Olha 60 horas é pouco pra trabalhar tudo que tem que ser trabalhado, mesmo a nível introdutório.” (Participante 6).

Na categoria: **suficiência da carga horária**, três entrevistados consideram a mesma como ideal para a preparação para a intervenção, desde que também se possa melhorar a interação entre a disciplina e outros departamentos.

“Eu vejo de uma forma muito simples, eu acho que é suficiente.” (Participante 2).

“Sim eu acho. Antes ela era de duas horas semanais, trinta horas, mas essa de 60 você pode colocar o aluno um pouquinho fora da sala de aula,...” (Participante 5).

“Melhorar a disciplina não significa necessariamente aumentar a carga horária, pode ser aumentar as possíveis relações com esta disciplina com outros departamentos,...” (Participante 4).

As duas categorias estão representadas no quadro (Quadro 12):

Quadro 12 – Análise da questão 7

CATEGORIAS	PARTICIPANTES
Carga horária suficiente	Docentes: 1; 3 e 6
Carga horária insuficiente	Docentes: 2; 5 e 4

6.3 - Discussão

Em relação aos resultados obtidos, tanto pelo levantamento de dados na internet (grades curriculares e ementas da disciplina EFA) quanto pela entrevista com os professores das três universidades públicas estaduais do estado de São Paulo, nos permitiram identificar três classes de discussão enquanto ponto de partida de análise. As classes que encontramos foram: a) caracterização da disciplina; b) currículo; c) formação, intervenção e preparação para o mercado de trabalho e d) encaminhamentos.

a) Caracterização da disciplina

Iniciaremos abordando a primeira classe que é a caracterização da disciplina pelo item nomenclatura. Dentro deste contexto, verificamos na visualização dos dados da internet como um todo que, quando as nomenclaturas da disciplina EFA se apresentavam semelhantes, desde que, fosse encontrada a ementa das disciplinas, não havia indicativo de que as mesmas não mudaram, tanto na graduação/bacharelado, quanto na licenciatura, ou seja, diante da incidência deste fato não foi permitido verificar se em todas isto era apresentado.

Além disto, outra questão por nós analisada é a diversificação de nomenclaturas principalmente nas IES privadas que expressa uma falta de identidade terminológica da disciplina, a qual perpassa uma questão que é de nível 'mercadológico', quando da inserção de nomes mais atrativos de disciplinas nos currículos com objetivo de captação de alunos, e a outra quando na ementa esta diversificação é encontrada, pois não percebemos elementos que justificassem a dispersão das nomenclaturas em relação às terminologias tradicionais, nos levando a interpretá-los como regionalismos ou modismos.

No entanto, é notório nas IES públicas estaduais paulistas que o material disponível é bem mais abrangente e realmente de domínio público em relação ao fornecido pelas IES privadas, e que este fato não deveria acontecer apenas pelo tipo de instituição de ensino que se apresentam, pois estes materiais deveriam ser passíveis de consulta.

Neste sentido, quanto às nomenclaturas analisadas nas IES públicas estaduais paulistas, de acordo com os documentos e os relatos dos participantes, estas

apresentam um diferencial com relação à especificidade para os cursos de licenciatura, graduação/bacharelado em Educação Física e em esporte, o que demonstra num primeiro momento um alinhamento da disciplina com as propostas curriculares atuais dos cursos em que estão inseridas.

Contudo, para verificarmos e analisarmos como estas nomenclaturas foram se consolidando nestas configurações mais recentes, questionamos aos participantes da pesquisa sobre a alteração da nomenclatura da disciplina ao longo do tempo.

Nos relatos identificamos tanto a participação do docente, quando teve a oportunidade de modificar a nomenclatura de sua disciplina, pois tinha clareza do que abordar no currículo, como também a não participação neste processo quando um dos participantes critica que não foi consultado para elaborar ou alterar o nome da disciplina que iria ministrar, bem como quando outro docente se abstém em opinar sobre o assunto.

Ou seja, as diferentes opiniões sobre a alteração da nomenclatura da disciplina EFA ao longo de sua existência revelaram os dilemas existentes nas relações de poder no ambiente universitário entre docentes e docentes, e entre docentes e comissões que organizam os currículos.

Neste sentido, buscamos aglutinar nesta caracterização um retrato da disciplina no que diz respeito à sua estrutura a partir da carga horária, conteúdos trabalhados e estratégias de ensino.

Quanto ao item carga horária, a mesma é uniforme em todas as IES dos participantes da pesquisa, ou seja, 60 horas semestrais para as disciplinas obrigatórias, sendo que todos os cursos em que estão inseridas são de período integral.

Neste item um participante relata sua insatisfação, pois em sua opinião a carga horária de sua disciplina é inadequada para se abordar todos os conteúdos que julga necessário, ficando para a disciplina optativa um aprofundamento, o que demonstra a abrangência de conteúdos em EFA que remete à discussão de diluição de conteúdos que irá ser aprofundada posteriormente.

Com relação aos conteúdos trabalhados se verificou nos discursos que, a maioria dos participantes considera os conhecimentos prévios sobre deficiências e suas classificações como necessários na estrutura da disciplina, refletindo a manutenção da abordagem de classificação médica para que os graduandos tenham conhecimento sobre a população para intervenção profissional.

No entanto, consideramos que os conhecimentos sobre as características das deficiências podem auxiliar o egresso como sendo um conhecimento básico, mas entendemos que este conteúdo tem sua importância e questionamos sobre os limites que o mesmo traz para a intervenção, pois classificar e diagnosticar pessoas com deficiências não são funções específicas de profissionais e professores que irão atuar em EFA.

Dentro deste contexto, dois participantes relataram outras formas de abordagem para se trabalhar conteúdos em EFA, as quais são citadas quando da utilização de conhecimentos advindos de outras disciplinas da Educação Física e a valorização das relações entre conteúdos teóricos e práticos, e se caracteriza como uma preocupação com a instrumentalização dos graduandos, o que a nosso ver é interessante para intervenção, bem como se trata de uma diversificação da atuação docente de acordo com conteúdos que os mesmos mais se identificam, considerando também o seu tempo de experiência.

Desta forma, buscamos entender como os conteúdos em EFA são trabalhados nas disciplinas a partir dos procedimentos metodológicos adotados pelos docentes participantes da pesquisa através das estratégias de ensino utilizadas, as quais objetivam dar subsídios aos graduandos através de aulas simuladas entre os graduandos, aulas com alunos em condição de deficiência no ambiente universitário valorizando a utilização da relação teoria e prática e a utilização de recursos pedagógicos diversos.

Ressalta-se que nesta gama de estratégias utilizadas são citadas nos discursos as atividades de extensão universitária como estratégia de ensino e seu vínculo com a disciplina como suporte da relação teoria e prática de acordo com os relatos dos docentes, demonstra que os professores tem se preocupado com a questão da preparação para intervenção. Ou seja, a EFA vem mantendo o seu vínculo com elemento: prática, considerando as experiências de iniciação esportiva que se iniciaram na Universidade Federal de Uberlândia uma das IES pioneiras no Brasil com relação à implantação da EFA.

Ainda nesta caracterização, objetivando entender a especificidade da disciplina nos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física, perguntamos sobre conteúdos específicos na forma de eixos temáticos como: o esporte, o treinamento desportivo e a Educação Física escolar, e, se são trabalhados na disciplina de acordo com os cursos em que estão inseridas.

Verificamos que estes eixos temáticos são citados pelos docentes como presentes em suas disciplinas, com destaque para o esporte tanto na licenciatura como na graduação/bacharelado, pois o conteúdo esportivo na configuração do esporte adaptado vem se consolidando em duas das três IES públicas paulistas como disciplina específica no currículo.

Entretanto, mesmo solicitando a priori se estes eixos temáticos são trabalhados nas disciplinas, verificamos que um dos participantes se abstém de responder sobre as relações que estabelece com os mesmos, porém outro entrevistado nos relata utilizar ao longo de sua disciplina outros conteúdos como as questões sócias culturais, biológicas e a Educação Física escolar como conteúdos na mesma disciplina.

Em especial quanto a este último relato, podemos observar uma configuração da disciplina do tipo guarda – chuva, mesma terminologia utilizada por Sherril (1998) para descrever a AFA e sua abrangência como área de promoção da saúde na adoção de um estilo de vida ativo para reabilitação de funções deficientes e da inclusão, e que entendemos se tratar de um mosaico dentro de uma mesma disciplina, influenciando tanto a formação quanto a intervenção no que se refere aos conteúdos diversos que podem ser utilizados na prática.

Portanto, ao analisarmos a caracterização da disciplina nas três IES públicas estaduais paulistas verificamos que a mesma apresenta uma especificidade, pois estão inseridas na licenciatura e na graduação/bacharelado em Educação Física e esporte, com uma nomenclatura que a identifica em que pese às relações de poder na universidade.

Na descrição da carga horária da disciplina foi exposto nos relatos que existe uma padronização e que tem que ser adequada, porém é preciso considerar a distribuição das demais disciplinas no currículo, pois todas devem ser contempladas de forma equânime, sendo que, aumentar a carga horária desta ou aquela disciplina implica em alterar o currículo no seu todo.

Quanto à descrição das estruturas das disciplinas em seus conteúdos as opiniões demonstram uma falta de consenso nesta questão, pois cada docente seleciona quais são os conteúdos mais importantes.

Com relação às estratégias de ensino emergiram opiniões mais consensuais, pois, mais de um docente utiliza a mesma estratégia, e que coincide com a de outro docente consequentemente na transmissão dos conteúdos.

Dentro desta configuração entre os conteúdos selecionados e as formas de abordagem, tal fato nos revela que cada participante tem uma concepção curricular e uma identificação com o curso que ministra a disciplina, a qual irá ser abordada na discussão da categoria: Currículo.

b) Currículo

A interação da disciplina EFA com outras disciplinas curriculares é o ponto de partida para análise quanto ao tema currículo, definido por Silva (1999) como a expressão de uma identidade e uma subjetividade, e que se entende para além das questões vinculadas ao conhecimento, mas perpassa as relações de poder na seleção dos conhecimentos que devem fazer parte ou não do currículo, e se relacionam também no nosso entendimento, às posturas adotadas pelos docentes nas relações com os pares dentro do ambiente universitário.

Partindo da análise do conteúdo coletado pela internet, o material não permitiu análise e aprofundamento para discutir questões curriculares, portanto deixamos a cargo das entrevistas restringindo esta classe de discussão apenas ao encontrado nas IES públicas estaduais paulistas, impedindo qualquer tipo de comparação que não seja apenas especulativo.

Neste sentido, a partir dos relatos apresentados pelos participantes se verificou que há uma ausência de interação entre a disciplina EFA e as outras disciplinas, e que exemplificamos na categoria: ausência de convívio intelectual que segundo Nascimento (2006), é favorecida pela própria estrutura universitária que proporciona o isolamento tanto dos docentes, quanto das disciplinas, e que raramente se torna uma preocupação para que esta convivência possa ocorrer.

Esta configuração é apresentada pelos participantes como justificativa na forma de desmotivação dos docentes de outras disciplinas em realizar esta interação, ou seja, as demais disciplinas não abordam em seus conteúdos sobre as possibilidades de intervenção quanto à população de pessoas com deficiências, o que reforça a tendência da disciplina EFA no currículo como um apêndice e que permanece pelo esforço dos seus próprios docentes.

Sendo assim, entendemos que o isolamento da disciplina no currículo é também favorecido por conta da mesma estar inserida num modelo de currículo tipo 'Frankenstein', uma alegoria utilizada por Neira (2009) e que exemplifica o mosaico

nos cursos de licenciatura em Educação Física, pois não se veem nas outras licenciaturas, segundo o autor, por exemplo, a 'geografia ou matemática adaptada', como disciplina para tratar de conteúdos para um público específico, o que significa um reducionismo, reforçando preconceitos com relação à população com necessidades especiais.

Dentro deste contexto entendemos que esta configuração 'frankensteiniana' se estende como característica para os cursos de graduação/bacharelado em Educação Física, interferindo para que se perpetue uma formação que não prepara para a intervenção.

A constatação de que a disciplina EFA esta isolada no currículo suscitou de acordo com os relatos dos docentes a possibilidade de que esta realidade possa ser alterada, desde que ocorra a diluição dos seus conteúdos nas demais disciplinas do currículo.

Mas por enquanto, o que se constatou foi que, devido à ramificação da disciplina para os cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte, de que a interação que ocorre de fato é quando os graduandos após passarem pelas disciplinas introdutórias em EFA trazem conhecimentos que segundo os docentes facilitam, quando são abordados, nas disciplinas específicas como, por exemplo, os esportes adaptados.

E quando questionamos os participantes se a disciplina esta engajada no currículo ou se realmente esta isolada no mesmo, constatamos nos relatos dos entrevistados opiniões unânimes de que a disciplina é reconhecida pelos pares pela sua presença no currículo justificando o seu não isolamento.

Nesta perspectiva, verificamos uma contradição quanto aos relatos da questão anterior sobre a interação da disciplina, pois foi relatado que não são estabelecidas relações entre conteúdos com as outras disciplinas e vice-versa, a não serem as relações pessoais que foram citadas por um dos participantes, mas que não responde ao que foi por nós perguntados.

Esta discussão reforça, portanto, a tendência que, mesmo reconhecida pelos participantes e seus pares em sua importância, tal reconhecimento ainda não significa interação da disciplina, mas sim de que a mesma continua ser um apêndice no currículo. Ou seja, fato de a disciplina existir e ser considerada válida pelos pares, mas não interagir com outras disciplinas foi um dado interpretado por nós, e não apenas como um fator de reconhecimento, mas também como uma ausência de

preocupação de outros docentes em abordar o tema sobre deficiências.

Consideramos que, este fato pode acontecer com outras disciplinas também, porém não será levado em conta, pois não é objeto de estudo a qual nos propusemos.

Deste modo, as propostas relatadas sobre a diluição de conteúdos podem jamais acontecer, apesar de sua pertinência, pois será necessário que ocorram reformulações curriculares mais amplas na Educação Física, pois o que esta em jogo é a preparação para futura intervenção profissional em EFA e também em outras áreas, a qual se torna inviável tendo em vista a configuração curricular do tipo mosaico ou Frankenstein estabelecido nos cursos de Educação Física, pelo menos de acordo com os relatados pelos participantes, comprometendo a formação de um perfil profissional para o mercado de trabalho, cuja questão será discutida a seguir.

c) Formação, intervenção e preparação para o mercado de trabalho

A formação profissional em EFA foi abordada a partir do questionamento aos docentes sobre qual seria a carga horária e conteúdo considerada ideal para os mesmos e a intervenção e preparação para o mercado de trabalho teve como indicativo qual o perfil profissional desejado para atuação no mercado de trabalho.

Novamente entra em cena a carga horária e os conteúdos, itens já discutidos anteriormente, sendo que somente a carga horária é citada pelos participantes. Nos relatos as opiniões dos participantes se dividiram, pois metade dos entrevistados concorda que a carga horária é insuficiente e a outra metade opina que é suficiente o que demonstra uma falta de consenso entre os docentes que ministram as mesmas disciplinas em suas instituições neste caso.

Diante destas considerações, reiteramos que uma alteração na carga horária implica numa mudança estrutural do currículo, sendo que a pós graduação pode ser um encaminhamento ideal para a continuidade e aprofundamento para a formação profissional.

Quanto à intervenção e preparação para o mercado de trabalho tendo como indicativo o perfil desejado do egresso, os participantes apresentaram em seus relatos uma preocupação com a necessidade de se preparar o aluno com um perfil específico para algumas áreas como o esporte adaptado, a saúde e a área de pesquisa acadêmica.

Consideramos que é interessante que os cursos tanto de licenciatura e

graduação/bacharelado em Educação Física e esporte sejam coerentes com suas propostas curriculares, e que, suas disciplinas tenham uma identidade com determinadas áreas de atuação.

No entanto, a configuração de perfis diversos conforme acima apresentados demonstram um distanciamento das questões entre intervenção em determinadas áreas como a saúde e o esporte e a valorização da pesquisa acadêmica, ou seja, um conflito entre atuação profissional e ciência.

Na opinião de dois participantes, a formação de perfis mais generalistas favorece as exigências de um mercado de trabalho que seleciona cada vez mais o profissional 'ecclético' em suas funções, ou seja, os cursos de formação segundo os entrevistados não podem perder de vista quais são as áreas que estão absorvendo mais profissionais e entendem que é necessário adequar seus currículos.

Constatamos que, a diversificação na formação de perfis distintos para atuação profissional e pesquisa acadêmica pode contribuir para que o egresso retorne à universidade na busca de informações para resoluções de problemas do cotidiano profissional, decorrente de uma formação que se caracteriza mais pelo seu aspecto informativo do que formativo.

Neste sentido, ressaltamos que desde o reconhecimento da Educação Física com status de profissão a partir da Lei nº 9696, (BRASIL, 1998) sancionada em 1º setembro, que é necessário que os cursos de formação se preocupem com a formação de perfis mais definidos para que se acompanhem as demandas e transformações sociais que exigem profissionais mais especializados na intervenção profissional.

Portanto, consideramos que o mercado de trabalho deva influenciar no desenvolvimento da disciplina e de seu corpo de conhecimentos, bem como os estágios, as atividades de extensão universitárias e a pós-graduação favoreçam e sejam suportes para a formação e intervenção profissional em EFA.

d) Encaminhamentos

Após a reflexão sobre os dados encontrados e suas análises ficou claro que devemos pensar ou repensar em possibilidades para um melhor entendimento tanto da disciplina EFA, como na estrutura curricular da Educação Física com enfoque na intervenção.

Acreditamos que, a Educação Física é uma área de aplicação de conhecimentos oriundos de ciências mães cujo objetivo é a aplicação na intervenção profissional, quer seja na escola ou no mercado de trabalho fora do contexto escolar.

Percebemos a EFA partir dos relatos nos discursos com os professores também demonstra devido a uma possível valorização social preocupar-se mais com o desenvolvimento científico, bem apresentado pela descrição de Neira (2009) na alegoria do currículo 'Frankenstein' do que relacionado à intervenção profissional que é a nosso entender a real motivação da formação nesta área.

Apesar do trinômio: pesquisa, ensino e extensão, ser a estrutura básica das IES brasileiras e a pesquisa sendo a maior geradora tanto de prestígio como de verbas, não podemos esquecer que a essência de um curso de graduação não é formar pesquisadores, mas sim graduandos ou licenciados para intervenção na sociedade e esta é a motivação da abertura de cursos apesar da resistência de alguns docentes em assumi-la como princípio.

Por isto, apresentamos as demandas que, através desta pesquisa consideramos passíveis de, se não como solução, amenizar o problema do afastamento da prática que dificulta a formação para a intervenção através da:

- 1) Aproximação à prática profissional como um eixo norteador de encontrar tantos problemas relacionados a pratica com as possibilidades da intervenção profissional. Pensando nisso verificamos que pesquisas na área de intervenção devam ser aplicadas como mediadoras entre, a atuação profissional e a ciência criando uma ponte entre a própria teoria e prática onde estas pesquisas podem direcionar o avanço tecnológico levando à aplicabilidade ao professor/profissional de Educação Física. A ciência neste caso deve ser um reforço para a atuação, intervenção tanto na área de licenciatura quanto graduação/bacharelado, não vista apenas como teoria que de certa forma acaba afastando ou mesmo negando a prática.

- 2) As disciplinas do currículo devem interagir para conquistar objetivos comuns. Pensamos que, neste caso, as disciplinas como, fisiologia e teoria do treinamento devem abordar, não de forma exclusiva, aspectos da treinabilidade de deficiências de modo específico em relação ao esporte ou para dinâmica da promoção de saúde que possibilite ou facilite a contextualização nas disciplinas específicas. Da mesma forma, as disciplinas esportivas podem contribuir no que se refere ao desporto adaptado como, por exemplo, a disciplina judô abordar em uma aula o conteúdo judô para cegos, o atletismo abordar as modalidades da paraolimpíada, e assim por diante. Já as disciplinas da área de humanas podem dar o contexto histórico e sócio cultural problematizando em nossa sociedade o trabalho com deficientes.

Este encaminhamento coloca, no nosso ponto de vista um início ou um ponto de partida na superação do dito currículo 'Frankenstein' onde podemos verificar uma maior preocupação tanto na interação entre docentes e disciplina cujo resultado final poderá agir de forma positiva no trabalho posterior à formação profissional, ou seja, ficando a intervenção como um produto final da formação curricular, não num currículo pautado na formação de pesquisadores em disputas de laboratórios.

CAPÍTULO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos resultados encontrados foi possível tecer algumas considerações relacionadas ao exposto. Desta forma de acordo com os objetivos selecionados do trabalho sendo o primeiro: Como a disciplina curricular EFA tem se apresentado nos cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física concluiu-se a partir da caracterização da disciplina, tendo como referência num primeiro momento os dados iniciais pesquisados na internet com relação às nomenclaturas que:

- A disciplina na grande maioria das IES paulistas possui a mesma nomenclatura em ambos os cursos de licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física.
- Nas análises dos poucos documentos disponibilizados on-line tanto de IES privadas como das públicas incluindo as do nosso estudo (as três universidades públicas paulistas) concluímos que, além da nomenclatura, na análise dos conteúdos programáticos, a disciplina EFA nestas IES tem se apresentado distintamente nos conteúdos programáticos dentro da proposta licenciatura e graduação/bacharelado em Educação Física e esporte.

No entanto, quando adentramos na caracterização da disciplina analisando a alteração da nomenclatura, concluímos que as relações de poder no ambiente universitário influenciam quanto à ação docente em dar um nome para a sua disciplina, criticar ou abster-se nesta questão, pois a nomenclatura da disciplina a identifica.

Quanto à estrutura da disciplina nesta caracterização nos itens: carga horária e conteúdos trabalhados foram percebidos uma falta de consenso entre os participantes que mostra não ser claro ou há de existir limitações no debate entre os participantes do estudo, pois ainda se mantém o conteúdo com base no modelo médico como o mais utilizado, e, ficando opiniões distintas ou divergentes que consideram a carga horária ideal, ou insuficiente.

Nas estratégias de ensino constatamos que surgiram nos discursos alguns consensos com relação a este item, pois as mesmas estratégias eram utilizadas por

mais de um participante e percebemos uma preocupação com a relação teoria e prática no ensino da disciplina com destaque para as oportunidades de vivências simuladas, o contato com pessoas com deficiências nas aulas no ambiente universitário e a importância dada às atividades de extensão universitária como suporte para o ensino da disciplina, e que de certa forma já acontecia no início da década de 1980 através de iniciativas que ocorreram na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em Minas Gerais, no projeto de iniciação desportiva da instituição, com a inclusão de crianças com deficiência física de serem atendidas, cujo atendimento se iniciou em 1982, e contava com apenas três crianças com deficiência física (CARMO, 1991).

Constatamos que o desenvolvimento da competência profissional em EFA perpassa a extensão universitária, pois se insere a ideia, ou mesmo necessidade da aproximação para a prática dos alunos de Educação Física, onde sugerimos a necessidade de também em se pensar na absorção do conteúdo prático nos estágios supervisionados no contexto escolar e em outras frentes de atuação profissional em Educação Física, bem como em cursos específicos de formação de pós graduação.

Esta reflexão coloca-se como apontamento, pois necessita de maior aprofundamento sobre a necessidade de haver estudos posteriores acerca do assunto, porém fica um indicativo com cursos semelhantes à residência médica, a qual consiste no aperfeiçoamento do exercício da profissão em regime dedicação exclusiva e com supervisão de profissionais experientes, no caso dos médicos em serviços hospitalares, ou seja, em ambientes de atuação profissional (LIMA-GONÇALVES, 2002), pois atualmente não identificamos nestes cursos, pelo menos na área de Educação Física a atuação prática, onde os cursos, salvo melhor juízo, apresentam-se apenas como reforço teórico.

Dando continuidade percebemos uma diversidade de opiniões, mesmo sendo solicitada a priori a identificação dos eixos: Esporte, Educação Física Escolar e Treinamento Esportivo aos participantes da presença destes em seus conteúdos. Dentro deste contexto, apesar de o eixo esporte ter sido o mais citado, se verifica uma configuração curricular do tipo mosaico dentro da disciplina.

Sendo assim, o segundo objetivo proposto para o trabalho, o qual foi o de averiguar se a disciplina curricular EFA faz interação com as outras disciplinas no currículo ou se esta isolada nos cursos de Educação Física na licenciatura e na graduação/bacharelado a partir das análises dos resultados aglutinadas na discussão

sobre o currículo se concluiu que há consenso entre os participantes de que não há interação entre a disciplina EFA na utilização de seus conteúdos em outras disciplinas, e que esta isolada no currículo.

Contudo esta não interação é favorecida pelo isolamento dos docentes dentro dos departamentos e pelas configurações curriculares do tipo mosaico existentes nos cursos de Educação Física no Brasil que se denomina de currículo 'Frankenstein', e que precisa ser repensado, pois os conhecimentos de outras disciplinas deveriam dar suporte e até no que se refere ao próprio estágio supervisionado como um aporte da relação da teoria apresentada no curso com a prática, para se evitar a ideia de isolamento que os docentes possuem em relação não só às disciplinas como as atividades contidas no currículo.

No entanto, percebemos que os docentes entendem que são reconhecidos pelos pares no currículo e que a disciplina não está isolada por causa deste reconhecimento, que a nosso ver não contribui tanto para a formação e intervenção se a mesma estivesse diluída em outras disciplinas como suporte para as mesmas e para a EFA.

Diante destas considerações emergiu durante as análises dos resultados uma classe de discussão que diz respeito à formação, intervenção e preparação profissional para o mercado de trabalho como um anexo dos objetivos inicialmente selecionados.

Neste sentido, percebemos que há uma dissonância de opiniões onde também fica evidente em um dos posicionamentos que existe uma formação direcionada a pesquisa ou de pesquisadores e outra voltada à profissão. Fica claro neste aspecto que a importância dada à formação científica nas IES públicas nem sempre está em sintonia com as necessidades da intervenção no mercado de trabalho.

Não foi objeto de estudo e nem foi investigado, mas indicamos a possibilidade de construção de fóruns de discussão e de debates na área de EFA na formação profissional (estágio supervisionado) e intervenção profissional.

REFERENCIAS

ADAMS, R. C. et al. **Jogos, esportes e exercícios para deficientes físicos**. 3. ed. São Paulo : Manole, 1985.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMARAL, L. A. **Conhecendo a deficiência**: em companhia de Hércules. São Paulo: Robe, 1995.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**: origem, institucionalização e atualidade. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/INDESP, 1998.

AROEIRA, K. P. Currículo e formação de professores: sobre os registros da revista brasileira de ciências do esporte (1979 – 2002). In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física**. Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 129- 139.

BARROS, J. M. C. Educação Física e esportes: profissões? **Kinesis**, Santa Maria, v.11, p. 5- 16, 1993.

BETTI, I. C. R. e BETTI, M. *Novas perspectivas em formação profissional*. **Motriz**, Rio Claro, v.2, n.1, p. 10-15, 1996.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BORG, W.R. & GALL, M.D. **Educational Research**: An Introduction. New York, Longman, 1979.

BRASIL, Congresso Nacional. Lei nº 9696, de 1º de setembro de 1998.

_____, Conselho Federal de Educação. Parecer 215/87 de 11 de março de 1987 a.

_____, Conselho Federal de Educação. Resolução nº 03 de 16 de junho de 1987b.

_____, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Brasília, setembro de 2007.

_____, Secretaria de Transporte e Mobilidade Humana. Ministério das Cidades. Brasil Acessível. Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana. Construindo uma cidade acessível. Brasília, dezembro de 2006.

CARMO. A. A. **Deficiência física**: a sociedade brasileira cria, recupera e discrimina. Brasília. Secretaria dos Desportos/PR, 1991.

CASTELLANI FILHO, L., et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 2009.

COSTA, A. M. Formação de recursos humanos para educação física adaptada. In: IV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, 1992, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 1992.

CIDADE, R. E. A. & FREITAS, P. S. **Introdução à educação física adaptada para pessoas com deficiências**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

DRIGO, A. J. ; SOEIRO, M. I. P. ; CESANA, J. Intervenção profissional: limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física**. Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 251 - 256.

DUARTE, E. Educação Física Adaptada: Especialização ou Formação? In: IV SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, 1992, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 1992.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal/Porto, Porto Editora, 1997.

FARIA JUNIOR, A. G. Perspectivas na formação profissional em educação física. In: **Educação Física & esportes**: perspectivas para o século XXI. GEBARA, A.; MOREIRA, W. W. (Orgs.). Papyrus: Campinas, SP, 1992.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 31, ano 11, p. 141-154, 1996.

GRIFI, G. **História da educação física e do esporte**. Porto Alegre: D.C.Luzzatto, 1989.

GONÇALVES, V. O. **Estudo da disciplina educação física adaptada nas instituições de ensino superior do estado de Goiás**. 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas - Campinas/SP, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LAWSON, H. **Invitation to physical education**. Champaign, Human Kinetics Book, p. 5-17, 1984.

LEVITICO. In: Bíblia Sagrada: Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000, 864p.

LIMA - GONÇALVES, E. **Médicos e ensino da medicina no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1988.

MANDARINO, C. M. A educação física e a questão da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. **Revista da Sobama**, Rio Claro, v.9, n. 1, p. 35-38, 2004.

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade física adaptada.** Ribeirão Preto-SP: Tecmedd, 2005.

MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 2009.

NABEIRO, M. Estudos sobre educação física adaptada: primeiros textos publicados no Brasil. **Revista Integração**, São Paulo, v.3, n.6, p.45-47, 1989.

NASCIMENTO, J. V. Formação do profissional de educação física e as novas diretrizes: reflexões sobre a reestruturação curricular. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física.** Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 59 – 75.

NEIRA, M. G. Formação para a docência: o lugar da educação física na educação básica. In: SCHNEIDER, O; GRUNNENVALDT, J. T.; KHUN, R.; RIBEIRO, S. D. D. (Orgs). **Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes.** V.2. São Cristóvão: Editora da UFS, 2008.

NEIRA, M. G. Desvelando Frankensteins: interpretações dos currículos de licenciatura em educação física. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, Cristalina/GO, v.1, n. 1, p. 118-140, 2009.

OLIVEIRA, A. A. B. A formação profissional em educação física: legislação, limites e possibilidades. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs.). **Formação profissional em educação física.** Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 17- 32.

PETTENGIL, N. G. & COSTA, A. M. A educação física e os desportos para pessoas portadoras de deficiência no Brasil no período de 1980 a 1992. In: CARMO, A. A.; SILVA, R. V. S. (Eds.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência.** Série especialização e monografia 2. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1997. P. 269-339.

PETTENGILL, N. G. & MARINHO, E. M. B. Formação de recursos humanos para a área do desporto adaptado. In: IV SIMPOSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, São Paulo, 1992. **Anais...** São Paulo, 1992.

RAMOS, G. N. S. A formação profissional em educação física e as novas diretrizes curriculares: reestruturação curricular. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs). **Formação profissional em educação física.** Rio Claro: Biblioética, 2006, p. 147 - 157.

RIBEIRO, S.M.; SGUISSARDI, V. A disciplina educação física adaptada nas universidades estaduais do Paraná: legalidade e improvisação. **Revista da Sobama**, v.1, n.1, Uberlândia/MG, p. 14-19, 1996.

RIBAS, J. B. C. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SASSAKI, R. K. **Como chamar as pessoas que tem deficiência?** Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003, p.12-16. Apresenta assuntos referentes sobre a trajetória dos termos para pessoas com deficiência no Brasil. Disponível em: <http://www.pjpp.sp.gov.br/2004/artigos/17.pdf>. Acesso em 09 jan. 2009.

SELLTIZ, C. et alli. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 2ªed. São Paulo: EPU, 1987.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SHERRIL, C. **Adapted physical activity, recreation and sport: crossdisciplinary and lifespan**. 5th ed. WBC/McGraw – Hill, 1998.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução à teoria do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, O. M. **A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: Cedas, 1986.

SILVA, R.F. **A ação do professor de ensino superior na educação física adaptada: construção mediada pelos aspectos dos contextos históricos, políticos e sociais**. 2004. 155f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, R. F. ; SEABRA JUNIOR, L. ; ARAUJO, P. F. **Educação física adaptada no Brasil: da história a inclusão educacional**. São Paulo: Phorte, 2008

SOUZA NETO, S. **A educação física na universidade: licenciatura e bacharelado – as propostas de formação profissional e suas implicações teórico-práticas**.1999. 334f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA NETO, S. et al. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.2, p.113-128, 2004.

TOJAL, J. B. A. G. A formação de recursos humanos em educação física voltada a questão da pessoa portadora de deficiência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.11, n.3, p.217-218, 1990.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WINNICK, J. P. **Educação física e esportes adaptados**. Barueri/SP, Editora Manole, 2004.

FONTE ELETRÔNICA

BRASIL, Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.html>
Acesso em 09 jan. 2009. O portal dispõe de diversos links, dentre eles o <http://emec.mec.gov.br/> com os cadastros de instituições e cursos de educação superior pública e privada do Brasil.

Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido

**UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA
Instituto de Biociências Campus de Rio
Claro**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Rio Claro, 2010.

Prezado (a), Prof.Dr.

Estamos desenvolvendo uma pesquisa com o título: A disciplina Educação Física Adaptada e similar no contexto da formação profissional: Implicações Curriculares para os Cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física, tendo como objetivo investigar o conteúdo programático e se ha integração da disciplina com as demais do currículo do curso.

Portanto, necessito de sua colaboração com seus depoimentos. Porém, cabe lembrar-lhe que a qualquer momento você poderá retirar seu consentimento livre e esclarecido e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa. O seu nome será mantido em sigilo, sendo utilizado como identificação um pseudônimo ou número. Entretanto, preciso do seu consentimento para que possa, posteriormente, publicar os dados desta investigação em artigos ou apresentá-los em reuniões científicas. Se estiver de acordo, por favor, preencha a declaração que segue abaixo.

Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Cláudio Silvério da Silva

Orientando
Rua Carlos Marques, 11-37
CEP: 17060-230 / Bauru-SP
clausilver@hotmail.com
Tel.: (14) 3222-6297

Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo

Orientador

Avenida 24ª, nº 1515

CEP: 13506-900

TERMO DE CONSENTIMENTO (DECLARAÇÃO)

Eu,.....RG:.....

Residente e domiciliado(a)

à Av./Rua.....Bairro..... na cidade de.....UF.....CEP..... declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa “ A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: IMPLICAÇÕES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, de Cláudio Silvério da Silva e Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas, sejam elas favoráveis ou não, na forma de artigos e/ou em reuniões científicas.

Rio Claro, ____ de _____ de 2010.

Assinatura: _____

Apêndice B – Roteiro das entrevistas

- 1- Ao longo do tempo em que é responsável pela disciplina, houve alteração na nomenclatura?
- 2- Como se estrutura(m) a(s) disciplina(s) para o curso de licenciatura e graduação/bacharelado em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?
- 3- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos: Esporte; Educação Física Escolar e Saúde?
- 4- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (licenciatura e/ou bacharelado), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?
- 5- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.
- 6- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?
- 7- Em sua opinião, a carga horária e as temáticas que fazem parte do conteúdo programático da disciplina são ideais?

Apêndice C – Dados dos participantes e as entrevistas transcritas

Entrevistado: Docente 1 (D1) Data: 29 de novembro de 2010. Duração: 37' 26'' Sexo: Feminino Formação acadêmica: Doutorado em Neurociências Tempo de docência na disciplina: 17 anos
--

1 - Quanto tempo você atua como professora da disciplina?

Desde o início do bacharel em esporte aqui, se não me engano foi em 1994. A primeira turma começou em 1994 ou 1995, eu não tenho certeza. E esta disciplina começou a ser dada no 3º ano. Então seria, acho que o curso começou em 1994, 1995, deve ter sido 1996 ou 1993, ou alguma coisa assim, eu preciso olhar no meu lattes. Só pra você ter uma idéia, eu entrei, durante seis meses eu não dei aula, e aí fui dar aula no semestre seguinte de esporte e história que dou até hoje, parei um tempo e retornei. E depois que eu fui dar adaptada, que no meu caso se chama esporte e deficiência. Ela tinha outro nome, e eu pude fazer esta modificação do nome da disciplina.

2 - Em 1994, você lembra qual era o nome da disciplina?

Esporte para pessoas portadoras de deficiências. Este nome foi dado, e eu não participei desta modificação, e era o nome que vigorava na época. Então como era esporte era esporte, não era pra falar de Educação Física e nem de atividade física. Era para falar direto de esporte. Mas o primeiro programa da disciplina foi meu. Ela tinha uma ementa muito superficial e da qual eu não participei, foram os organizadores do curso que fizeram. Eu fui a primeira docente, daí eu fiz algumas modificações, o nome permaneceu assim por um tempo. Mas na primeira oportunidade de modificação, aí eu pedi para mudar para o nome esporte e deficiência, que é o que a gente procura fazer aqui. O fenômeno esporte e o portador de deficiência atuando neste fenômeno esporte.

3 - Como se estrutura a disciplina para o curso de bacharelado em esporte em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?

Bom, com relação à carga horária também ela nos foi imposta de certa forma, embora o departamento tivesse autonomia pra estar mudando esta questão de carga horária. Mas eu posso dizer pra você, até certo ponto logo quando eu iniciei eu tinha um gás enorme pra trabalhar com uma certa coisa, trazia gente de fora, e a minha carga horária era restrita, consegui ampliar esta carga horária. Comecei se não me engano com 45 horas semestrais, a disciplina aqui sempre é semestral, consegui tornar ela pra 60, e hoje acho pequena pra 60 né, eu gostaria de ter mais horas aula. 30, 60 é, ela tem 60 horas aula. Eu acho que seria necessário 90, porque o universo vai

crescendo. Então o que a gente resolveu fazer, nós temos a disciplina optativa que também com 60 horas, então eu tenho no total 120, só que obrigatório é 60, e optativa só pra aqueles que querem se aprofundar com 120. Ahmm, o que acontece nestas primeiras 60 horas, caracterização da pessoa com deficiência, as quatro principais que tem a prática esportiva organizada, qual é esta organização esportiva né, as associações nacionais e internacionais, quem foram os líderes de movimento que trouxeram isto pro Brasil, que desenvolveram primeiro no mundo, aquela parte histórica pequena. E a gente faz alguma vivência assim, trata da deficiência visual, faz uma vivência com uma modalidade esportiva, vivendo o goalball, porque é uma modalidade criada, eles têm que entender o que é uma modalidade adaptada, o que é modalidade criada. E ai, assim, de cada deficiência eles tem uma vivência, e é o que eu tenho. Então a minha relação teoria e prática né, é pequena, porque eu tenho vamos dizer quatro meses para desenvolver o curso, e eles tem quatro aulas práticas com algumas palestras incluídas, e eu chamo sempre a cada semestre, uma pessoa que trabalha na área administrativa de uma destas organizações, trago um atleta, trago um técnico. Então eu escolho, se eu trazer atleta da deficiência física, no outro semestre eu trago da visual, no outro eu trago alguém que trabalha, por exemplo, numa APAE, porque hoje eles têm a ABDEM né, e as ARDEMs regionais, então eu trago alguém desta área pra falar de deficiência mental. Se possível, traz um grupinho pra fazer demonstração aqui ou solicito, faço uma lista de instituições, que eles possam fazer visita num dia de treinamento alguma coisa assim, e quando tem competição na cidade ou na grande São Paulo, também solicito relatórios destes eventos esportivos, destas competições, é isto que eles têm de prática. E a teoria baseado nisto mesmo, esta na obrigatória. Na prática eu procuro fazer alguma coisa diferente que eu apregôo desde os anos 90 quando eu trabalhei, quando a gente foi o convidado pelo SESI pra fazer os cursos de especialização migratórios ai pelo Brasil, que resultou até numa publicação, você pode ver, é..., esporte, educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiências, uma coisa assim. É um livrinho do SESI, tem na nossa biblioteca ai. E ai eu sugeri, porque eles queriam dar o curso de duas semanas, 8 horas semanais, quanto que da? Da 40 horas semanais, era um curso considerado de semi-aprofundamento, alguma coisa assim. Que era justamente para dar para professores como você, que não teve nada na sua carga horária, na sua graduação. O SESI seria o elemento unificador ai fazendo a triangulação. E essas pessoas viriam pra fazer o curso pra ter um pouquinho mais de informação sobre a disciplina adaptada. Então vinha um dia cada um, um dia de introdução, e mais cinco dias pra falar..., quatro dias pra falar sobre cada deficiência. E ai eles queriam quatro dias a mais pra gente poder falar, porque tinha um dia de avaliação, quatro dias que a gente falasse sobre uma modalidade, aliás, sobre um aprofundamento. Ai eu falei olha, eu sugiro que desde o início que a gente escolha uma modalidade, porque no mercado de trabalho é o que tenho visto, você não se especializa em deficiência, porque você vai ser um enganador de parte inicial, principalmente na parte esportiva. Você só vai saber fazer o início, quando você tentar prosseguir na parte esportiva, os atletas vão te superar e você não consegue ir adiante. É o que acontece com qualquer modalidade. Então você quer trabalhar naquela fase escolar, naquela fase inicial só de brincar, aprender, participar por participar, então, aprende a regra pra participar e acabou. Então eu sugeri que gente fizesse uma validade, se claro eu falo da natação porque é o que eu tenho afinidade, é o que eu mais trabalho e tudo mais. Então eles fizeram este curso, eles trabalharam vinte e quatro horas com natação, porque eu fiz um curso muito grande. E ai eu sugeri que não tivesse só natação, então eu acho que eu tinha que ver assim, cada região, qual a modalidade que mais tem. Por exemplo,

eu descobri que nordeste o pessoal joga muito handebol na praia, mais que o vôlei de praia aqui né. Então por que não viu o handebol adaptado. Então assim, como que é a adaptação do handebol pra deficiente mental? Tem no campeonato, não tem, tem adaptação? Como que é o handebol pra cadeirante? Existe, não existe? Como é que faz? Então assim, algumas coisas neste sentido. Então vamos pegar um pouquinho de esporte de quadra, então tem pra cadeirante? Tem pra jogar com muleta? Tem futebol de muleta? Mais ou menos isto que eu tinha sugerido. Eu não sei como é que o curso continuou, porque eu também abri mão, fiz mal, hoje eu vejo que eu fiz mal, eu abri mão. Eu falei assim, aqueles que eu puder vim dar o curso muito bem, a estrutura esta feita, então vocês chamem outras pessoas pra dar, e cada pessoa que vinha dar o conteúdo dava o conteúdo que dava na sua bola. Eu sei que isto teve alguns pormenores, e eu não sou uma pessoa que retenho o conhecimento como uma coisa minha né, eu acho até que foi interessante, mas faltou aquela coisa do fechamento, até pra sentar com as pessoas que vão ministrar mesmo as disciplinas em pontos diferentes, fazerem um acordo, mas ai vem as vaidades, como, mais nova do que eu, eu to há quinhentos anos vai me dizer o que vai dizer, falei não, você diz vem e diz também o que vai ser feito, porque a estrutura esta feita, como aconteceu comigo aqui na disciplina, a gente senta, e você sugere e eu sugiro e todo mundo tenta fazer algo em comum. Mas isto a própria secretária, que seria hoje o atual ministério do esporte não tomou providência e isto acabou se perdendo. Então, isto foi nos anos 90. Depois de 2000 pra cá poucas modificações. Nós estamos tendo agora, passando por uma modificação curricular. Então eu sugeri algumas coisas para o meu departamento, mas eu não faço parte mais do conselho de departamento. E algumas coisas do conselho de departamento foram mudadas sem a minha consulta. Chegaram lá, o conselho aprova. Então vamos cortar carga horária aqui, aumenta aqui, tira lá, põe pra cá, faz assim. Então quando eu cheguei. Só pra vocês terem uma idéia, eu coordeno também as disciplinas de estágio, né. De repente eu tinha quatro disciplinas de estágio, virou três, eles mudaram, não sei o que eles fizeram com a carga horária, fizeram um rolo danado, porque, porque porque, porque a gente que acha que é assim e acabou. Se a pessoa..., você sabe como é que funciona a reunião de conselho de departamento, você manda, manda toda a justificativa, só que eu sei que não foi feito isso, porque ninguém olhou a justificativa, simplesmente olharam a carga horária e alguém que é chefe de departamento fez assim, como que o aluno, por exemplo, que agora a gente vai ter núcleo comum, então ele faz 1º e 2º ano, 1º, 2º, 3º e 4º semestres ou períodos, sei lá como o pessoal chama, aqui em São Paulo é semestre que a gente chama. Então no 5º semestre a gente já teria estágio 1, no 6º estágio 2, 7º e 8º, 3 e 4. Ai ela falou, bom se ele vai começar a se especializar, como é que vou dar estágio logo no início pra ele, se ele ainda não ta bem ou não viu sobre esporte, então deixa ele fazer mais um ano de esporte, mais um semestre de esporte para começar o estágio mais pra frente. Bom, isto vai criar um problemão danado. Quando ela perguntou pra mim, eu falei olha, o que você fala é coerente, mas você tem que levar isto pro grupo. Ai depois eu fiquei sabendo que o grupo não discutiu que ela colocou esta proposta, o pessoal não teve tempo de ler e passou assim mesmo. Eu fui comunicada no final do ano que no semestre que vem, eu não vou dar aula, mas como? Ela falou: 'Não nós descobrimos que nós podemos implantar o currículo obrigatoriamente pra todos, que não tem mais que fazer adaptação curricular.' Então de um semestre pra outro eu perdi uma disciplina. Ninguém ouviu a justificativa e nem o porquê. Eu achei até que era interessante a chefe levar isto pra discutir com o grupo. E o grupo: 'Não isto não foi discutido, ela colocou lá, falou que estava revisto por todos e acabou'. Então é assim que funciona, por exemplo, a Educação Física

Adaptada hoje. Eu não te falei diretinho da 2, então acho que eu vou te dar uma aprofundada a mais. O que que eu faço hoje com eles na 2? Optativa. Eu tenho em média de 7 a 22 alunos por semestre, e isto é flutuante por semestre. Sete significa que eu tenho um pouquinho mais de 10% da turma que são cinquenta alunos por semestre, por semestre não, por ano, o nosso ingresso é anual. Então se eu tenho sete alunos eu tenho em torno de 14% dos alunos que freqüentam, 12 a 14% que freqüentam o curso, que é equivalente ao número de portadores de deficiência que a gente tem no Brasil. Quando eu chego no 22 eu tenho uma procura muito maior, este semestre eu tive 16 matriculados e 14 freqüentando. Então significa que eu tenho um grupo razoável. Outra disciplina optativa que tem no mesmo horário e tem os mesmos 14 matriculados com 12 freqüentando e os outros eu acho que se inscreveram em disciplinas que ocorrem em outro dia porque é assim no mesmo dia e no mesmo horário. Tem basquete 2, por exemplo, o 2 é optativo. Então tem uma turma fazendo adaptada 2 e no meu é esporte e deficiência 2 e a outra turma basquete. Ai o restante da classe ta fazendo uma disciplina que não é na sexta-feira, ou é de quarta, ou de quinta ou de sexta, não sei. Então pra você ver como são as duas disciplinas que mais agregam pessoas, embora tenham disciplinas optativas que chegam até ter 30 alunos, por exemplo. Mas a minha eu vou dizer que é da média, nem das mais baixas, nem das muito altas. Eu já tive 7 alunos, foi o numero menor que eu já tive. Muito bem, então eu faço assim, no primeiro dia de aula eles elencam as modalidades que eles gostam de trabalhar. Então eles fazem isto em ordem descrente, primeiro a que eu mais quero, futebol, por exemplo, depois vôlei, natação, atletismo, handebol, eles colocam. E eu procuro trabalhar com no mínimo oito por semestre. Então eu peço para eles colocarem oito, e procuro primeiro atender todas as primeiras modalidades de todos e faço a seguinte abordagem, futebol, quem joga futebol das pessoas com deficiências? Quais são as principais adaptações? Aonde são os campeonatos? O que tem tal, aprofundar mesmo. O que tem de diferente pra treinamento, pesquisa e tal? Não tem? Não tem nada, olha ai o mercado pra se ver. Porque eu vejo que o cara que trabalha com futebol, se ele vir trabalhar com deficiente é muito mais fácil, do que uma pessoa que não sabe nada aprofundamente, e trabalhar só com deficiente, ele vai viver procurando emprego. Porque o pessoal quer que você trabalhe voluntário. E de vez em quando paga, e de vez em quando paga e paga muito subliminarmente. Você vai ter emprego na escola, e o bacharel em esporte não tem licenciatura. Ele quer trabalhar como técnico, então como técnico ainda tem muito técnico trabalhando em nível voluntário com portadores de deficiências. Então eu achei que este seria o melhor caminho de encaminhamento profissional. Eu tenho um retorno através da disciplina estágio, por isto eu coloquei pra você, de pesquisar como egressos, pessoal que nunca trabalhou com deficiente, ai teve uma oportunidade depois de formado e trabalha né, 'nossa um universo muito bom que bom', ai volta a procurar e pedir alguma orientação e fala 'olha que bom que eu tive isto, porquê eu estava empatado com fulano, e porque eu disse que atenderia portadores de deficiência e a vaga ficou pra mim' e outro diz assim 'eu não entendo deste povo ai'. 'Então ta ótimo a gente não tem deficiente, mas se tiver, de vez em quando aparece uns dois aqui, este cara vai resolver o nosso problema.' Então eu acho que este hoje é o mercado de trabalho. E já vislumbrei isto desde os anos 90. Vejo que melhorou muito, mas a gente ainda esta na mesma diretriz.

4- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos, no seu caso: Esporte e Teoria do treinamento desportivo?

Veja bem, pra mim esporte, mas o treinamento esportivo não é uma coisa que eu abordo muito não, é uma oportunidade de tema para apresentar o seminário ou para um tema de aula, por exemplo, chega no futebol, vamos levantar o que tem de treinamento? O que tem de diferente? Qual que é o pulo do gato e diferente, por exemplo, no basquete, você que vivenciou? O fundamento corta-luz é essencial pro cadeirante, ele faz a diferença, principalmente pros pontos baixos. O corta-luz é um fundamento que existe no basquete, e não é uma coisa assim tão, não é tão difícil, porque você vira um passo pra trás e você já caiu. A cadeira, o espaço que você ocupa pra girar. Então o corta-luz é fundamental. O cadeirante que não consegue arremessar, que não consegue fazer muita coisa, ele se coloca ali no meio fazendo o corta-luz, ele sabendo se posicionar corretamente ele imobiliza o adversário. Então o pulo do gato é uma coisa já conhecida, mas quando bem colocada e quando bem utilizada, faz parte do processo de técnica e tática. É mais ou menos isto que a gente procura ver.

5- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

Olha, deveria ter, existe de tempos em tempos o meu departamento que é o departamento de esporte, ele se reúne e a gente apresenta uma ementa de cada disciplina. Então nestes tempos em tempos a gente acabou descobrindo que algumas coisas se repetiam então a gente procura não repetir e tal. Mas já aconteceu de mudar muitos docentes de uns tempos pra cá. Então, por exemplo, eu tenho notado que os docentes que estão atuando agora na disciplina x, que eu sabia e quando eu falava assim: 'Sabe o texto que vocês viram em tal lugar?' Era um texto que gente dava aqui pra ler, ai eles falavam assim 'Não professora', E tal coisa...: 'Não professora', Não, mas isto foi dado...: 'Não foi professora'. Então quem é, ai eu fui olhar, fulano e fulano são novos nas disciplinas, e então é diferente do que o outro dá. Então esta segunda reunião, vamos dizer, nas minhas duas ultimas turmas já não esta mais ocorrendo. Então a gente perdeu muito com esta migração, com estas mudanças de docentes. Algumas disciplinas tinham forte vínculo. Alguns docentes costumavam fazer assim: 'Ah eu não vou falar nada de deficiente porque isto é problema da Beth', e eu já conseguia explicar pra eles que é o seguinte: ' Eu só vou falar das modalidades no 2'. Então na época que o Dante De Rose dava basquete, um dos temas de aula dele era basquete adaptado, quem participa? Como participa? Mas era uma aula que ele reservava pra isto, só pra saber que o pessoal do basquete fez isto e em adaptada vocês podem aprofundar isto melhor. O professor do handebol faz quando ele precisa faltar, ai pra ele não deixar um conteúdo de matéria ele faz assim: 'Você pode me cobrir tal dia que eu tenho um congresso, tenho uma banca tal, ai eu posso, então aproveita dar aquela sua aula de handebol adaptado, que agora pra minha alegria eles tem convidado o Décio Calegari, que é cara que organizou o handebol adaptado aqui, porque antes a gente tinha resgatar algumas outras coisas, então agora o Décio já tem um espaço, ele já é um professor convidado sabe a coisa cresceu. Mas era desta maneira que funcionava a integração. E alguns não querem nem saber. Então, depende muito docente e não do programa da disciplina, embora o departamento tenha uma política de em tempos em tempos cada um apresentar suas ementas básicas, o conteúdo programático pra que a gente possa fazer esta integração. Eu acho que na época que aconteceu até a ultima a gente tinha um bom entrosamento, mas a gente perdeu muito docente pra aposentadoria, pra migração tanto pra USP leste como pra ribeirão, e o ingresso de novos que é sempre muito bem

vindo. Mas, hoje exatamente a coisa não esta enquadrada não, ela já esteve melhor. Hoje eu estou desanimada com este enquadramento.

6- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.

Depende da visão do pessoal, todo mundo sente a necessidade de que isto exista. Ninguém mais condena, ou diz que é menos ou mais importante. Tem que ter e ponto pacífico. Mas já fizeram diversas divisões aqui assim, por exemplo, esporte vamos tratar de modalidades coletivas, modalidades individuais e a parte administrativa. Ai fica assim, ficou faltando teoria do treinamento, pedagogia do esporte, ah e esporte e deficiência lá separado. Então eles não conseguem colocar onde que tem isso. E eu acho que ela tem mais ligação com pedagogia do esporte. Ela poderia ser diluída ou fazer um link muito bom com pedagogia do esporte. Ela tem certa ligação, mas porque também depende dos docentes. Os docentes mais antigos de algumas disciplinas, aqueles que fizeram a sua abertura, porque tem alguns que não fizeram. Aqueles que fizeram a abertura ela permanece legal. Aqueles que não fizeram também ela continua isolada, e os novos não tem a mínima idéia, eles pegam o bonde andando, e eu não tenho sentido destas pessoas novas em buscar esta ligação. Eles estão indo muito mais pelo pessoal. Então eu estou achando que ela esta tendendo muito mais pelo isolamento do que ela já esteve. Eu até já até me envolvi na disciplina pedagogia do esporte pra tentar trabalhar com isto. Só que a tendência aqui é assim, em vez de eu poder trabalhar com você que é especialista em pedagogia do esporte para que eu possa aprender e ai a gente crescer, eu passei e ai tiraram fulano e fiquei sozinha e sozinha não da pra fazer um monte coisa e foi por isto até que não ingressei na pós graduação durante um bom tempo, porque eu tinha muita disciplina na graduação, tenho uma atuação muito grande na extensão e 48 horas semanais eu não posso nem declarar, eu tenho que mentir que eu trabalho 40 horas semanais. Porque 48 horas não existe na universidade. Eu falei bom então o que eu vou fazer, acender alguma vela e virar fantasma. Porque pra dar conta do que eu faço é 48 horas semanais.

7- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Esporte para pessoas com deficiências?

Aqui no caso eu não foco se é parte de iniciação, aperfeiçoamento ou alto nível, eu foco mais pela modalidade. Então, por exemplo, o aluno que faz só a disciplina obrigatória, ele só sabe que existe e onde buscar a informação. Então quando aparece o emprego pra ele volta desesperado: 'Professora lembra o que a senhora falou', manda email: 'Lembra sou eu olha agora eu to num lugar, e tem um emprego, e estão me mandando, o que eu faço? Apareceu um aluno assim, o que eu faço? Então eles sabem aonde buscar informação e eu acho que é por ai, não dá. Então o curso, o obrigatório ele é informativo ele não é formativo. Quem fez a 2 em geral já no estágio, eles já iam buscar um estagio voltado, pediam pra 'já que eu vou fazer estágio tal não posso fazer a coletiva não sei aonde?', 'Da pra fazer valer', por exemplo, no nosso, se você for entrevistar o professor que da Educação Física Adaptada, que é o Luzimar ou senão ver o pessoal do esporte, eles fazem estágio em diversas áreas que a Educação Física atua e uma delas é a adaptada. Todo mundo é obrigado a passar por algum conteúdo de adaptada no estágio. No esporte não, tem modalidade coletiva, individual e administrativa, e depois eles te uma carga horária pra optativa

que é igualzinha à esta, isto nos estágios de observação. E alguns usam esta optativa pra fazer a modalidade com portador de deficiência. Hoje eu ainda permito que eles façam diferente, por exemplo, você quer fazer modalidade individual na natação no meu curso aqui que chama natação inclusiva, 'Já cumpri a natação? Já, você deu aula de natação.' 'Então mas eu dei aula de natação para os deficientes?' 'Então, mas lá tinha também não deficientes? O meu curso é inclusivo e esta tudo misturado.' 'É verdade professora. Então cumpri natação.' 'Já.' 'Como observação já.' Agora pra atuar ai é diferente. Então eu consegui ainda manter alguma coisa do currículo pra facilitar esta integração de disciplinas e esta formação do aluno estando envolvida na disciplina estágio, só que eu acho que eu não conta de tudo, eu precisava de ter uma outra pessoa, gostaria muito que o departamento contratasse uma outra pessoa com perfil semelhante, não precisa ser um perfil específico de esporte com deficiente, mas uma pessoa que pudesse dividir essas disciplinas, inclusive pedagogia do esporte pra vir somar com estes conteúdos, e é isto que eu vejo que a Unicamp às vezes faz, ela vem andando cada vez mais trás, se você olhar o perfil de pesquisa dos docentes do departamento de esporte, um ou outro é na área sócio-cultural, a maioria na área de treinamento ou fisiologia e acabou. Então eu acho que é isto que tá, esta questão da pesquisa, quando o cara vai pra pesquisa ele não quer mais saber desta parte do ensino e vai se abandonando cada vez mais. A ultima docente excelente que nós tínhamos nesta área, embora não tivesse nenhuma preocupação com portador de deficiência, mas a gente tinha um bom relacionamento nesta coisa, inclusive ela me trouxe material quando ela teve no Japão foi a Mirian Noromura, que dava aula de pedagogia do esporte e de ginástica artística que a gente chama. Com a migração dela pra USP ribeirão, sabe o que aconteceu no currículo novo? Extingui-se a disciplina.

8- Em sua opinião, a carga horária e a(s) temática(s) do seu conteúdo programático que você aborda são ideais para a sua disciplina?

Não, não acho que é ideal. Eu acho que o ideal seria eu restringir a carga horária desde que tivesse mais integração entre as disciplinas, ai eu poderia ter uma carga horária mais adequada, por exemplo, na 2 como as coisas aumentaram muito e a participação do Brasil nos jogos paraolímpicos, a gente tem tido outra, a gente tido muito mais conteúdo, então até na 2 eu estou tendo dificuldade de avançar porque antes eu via uma modalidade por aula, 3 horas era o suficiente para ver uma modalidade, às vezes eu duro duas aulas e apresento na terceira pra falar um pouco de tudo porque os conteúdos aumentaram. Então eu não consigo mais abordar 8 modalidades na 2 que é optativa. Eu consigo abordar de 5 a 6 modalidades. Sendo que eles me pedem alguma coisa no início que eu dou que são formas de abordagem, é alguma coisa pedagógica, porque na disciplina pedagogia do esporte eles não estão tendo este tipo de coisa, então eles pedem alguma abordagem pedagógica específica que eu tenho colocado, não só isso mas uma aula específica de avaliação.

Entrevistado: Docente 2 (D2)
Data: 29 de novembro de 2010.
Duração: 1h 13' 03"
Sexo: Masculino
Formação acadêmica: Doutorado em Educação Física
Tempo de docência na disciplina: 23 anos

1 - Quanto tempo você atua como professor da disciplina?

Envolvido com a área de adaptada 33 anos. Oficialmente com registros oficiais vamos dizer assim, desde 1980 no CEPEUSP. Porque o CEPEUSP, na realidade eu diria que o CEPEUSP esteve a frente da escola de Educação Física. Porque o CEPEUSP já tinha desde 1974 ou 75 um programa chamado de condicionamento físico especial. E em 77 por questão de saúde da pessoa, o único que tinha interesse naquela época de fazer algo diferenciado era eu, e eu já fazia umas disciplinas a respeito. Enfim o meu interesse já era buscar algo diferente que naquele tempo não tinha um nome especial, tinha alguns nomes como ginástica especial, ginástica postural qualquer coisa deste tipo. Era muito, nós não tínhamos, não tínhamos corpo de conhecimento, uma coisa clara, mas era o meu interesse. Eu sou da época em que o pessoal era muito boleiro, muito técnico de alguma coisa e eu não queria e então já me dedicava. E quando aconteceu isso não tinha ninguém que conhecesse o mínimo de coluna, de postura, de deficiência e etc. E o CEPEUSP dentro deste programa ele atendia os universitários que tinham deficiência. Já tinha isso. Então de 1977 a 1980 eu cuidei disso. E depois oficialmente em 80, por uma questão de, a menina ta afastada e não poder ter nova contratação naquela época né. Ai quando ela se afastou definitivamente ai meu contrato pode..., mas ai eu já era professor. E este nome que era genérico condicionamento físico especial na verdade era um grande guarda chuva porque eu tinha todo mundo, eu tinha 'visual', eu tinha 'físico', tinha sequelado de AVC, paralisado cerebral, gestante, era uma..., era uma festa. Então esta é a história inicial com 33 anos.

2 - Ao longo do tempo houve alteração na nomenclatura da disciplina?

Na realidade quando as coisas começaram, porque a década de 80 foi a famosa década dedicada a pessoa portadora de deficiência, correto? O ano de 81, o ano internacional. E foi quando a escola já colocou dentro do seu currículo a disciplina Educação Física Adaptada, e logo em seguida embora tivesse, até no mercado de trabalho você encontrava, tipo, natação para bronquite, você encontrava, natação para gravidez e etc. Você encontrava algumas coisas assim que remetia a algum tipo de atendimento, digamos diferenciado ou especial, mas a escola já em 81, não era comigo porque eu era do CP, e no CP, por exemplo, tinha o nome de condicionamento físico especial, embora atendesse todo mundo foi condicionamento físico especial por muito tempo, e até hoje por uma questão de tanto tempo que eu sou responsável por isto lá, eu não consigo às vezes já falei, condicionamento físico especial, vai lá no condicionamento físico especial, porque agora cresceu e já se diferenciou todo, então tem o atendimento só pra área mental, o futebol pra deficiente mental que se originou de quando eu implantei canoagem e remo pra deficiente mental, ai já tem lá pra fatores de risco, cardio e etc. O de gestantes continua comigo e alterações de postura, mas agora também diferente, tudo que vem de osteoporose,

artrite, artrose é tudo comigo. Mas aqui na escola já começou como disciplina, mas, não comigo, já com o nome de Adaptada. E em 86 eu organizei o I SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA e já tinha este nome, e assim foi, e aí já estava sedimentado e a gente já tinha aquelas informações de fora, aí as mudanças... mas, em outros lugares a gente encontrava, eu viajava e em de 94 a 96 a gente viajou o Brasil a fora pra implantar e também foram cursos pra preencher aquela lacuna dos formados anteriormente que não tinham nenhuma informação a respeito. Aí uma equipe percorreu um livro e percorremos o Brasil. Então você encontrava os nomes mais malucos que eles colocavam, às vezes numa particular, até um nome mais digamos mercadológico, coisa do tipo né. Mas hoje não, foi um caminhar, houve estas mudanças de nomenclatura, mas aqui eu diria a gente ficou bem estável e começou com adaptada e o que teve foram adaptações de nossos currículos de ampliação de carga, o que era um semestre passou pra Educação Física Adaptada 1 e Educação Física Adaptada 2. Quando eu assumi a partir de 86 ou 88 sei lá, já, eu procurei ir mudando o que tinha de fazer uma caracterização mais de abordagem teórica num determinado momento e reservar a 2 pra aplicações práticas, saídas pra instituições e etc. Teve um momento de mudança de currículo que na licenciatura, entrou a famosa educação física escolar adaptada, que eu achava que justificava no momento, mas também quando chegou o momento eu falei, agora é hora de parar, porque na realidade o que estava acontecendo, todo mundo achava que tudo tinha que ser resolvido comigo na adaptada. Então nenhum professor de nenhuma outra disciplina estava preocupado se a prática dele tinha que ter alguma coisa, então na realidade nós estamos fazendo exclusão. Eu falei não: 'Então você tem que dar pro seu aluno se é basquete, não importa o nome da disciplina, você tem que imaginar que pode ter alguém diferente.' Mas todo mundo lavava as mãos. Então eu tinha que saber de basquete, de nataçãõ, de vôlei e de não sei o que, eu tinha que saber de tudo, não, espera aí. Fui eu que lutei contra a eliminação digamos desta tal disciplina porque eu já estava defendendo a distribuição destes conteúdos principalmente para a licenciatura. Porque também eu tinha uma segurança assim, eu sabia o que eu fazia nos anos anteriores e nos semestres anteriores e este aluno passava por mim e quando ele ia pra licenciatura ele já ia com uma base legal, a gente da uma base legal e lá era fácil. Mas no fim com novas mudanças curriculares que até eu nem participei, ultimas mudanças que eu nem participei, que são questões outras, políticas e etc. Botaram uma que é esta, esta turma que esta comigo tem um nome esdrúxulo, não sei o que de necessidades especiais, não tem nada a haver com os nomes atuais, não sei quem foi o infeliz que deixou este nome e aprovaram em algum conselho ta bem e esta caiu no meu colo, literalmente caiu no meu colo, e eu falo pros alunos não é uma questão de nome, o que interessa é que nós vamos abordar aqui o que se faz na escola, o que acontece com a criança e etc.

3- Como se estruturam as disciplinas para o curso de licenciatura e bacharelado em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?

É um semestre, um semestre, e este semestre todos os dois semestres, 1º semestre adaptada 1 e adaptada 2, eles tem deles tem um dia da semana porém dividido em dois dias, e quando é um dia só como é agora é uma tarde inteira das 13 às 17, todas as segundas, por exemplo, ou se divide em 2 dias daí são 2 horas. Na realidade são quatro aulas semanais durante um semestre pra adaptada 1 e idem pra adaptada 2, e pra este vamos, falar de escolar adaptada e não o nome que esta lá no programa

porque eu me sinto melhor, este é um semestre só que eles tem e também um dia e uma tarde toda. Esta é a carga que eles têm. Conteúdo em adaptada não é fácil, eu tenho que ter assim algumas opções e eu procuro enxergar um pouquinho o que é realmente mercado, e por ta tanto tempo na área obviamente acompanhei a evolução deste mercado, a exigência da formação né, acompanhei quando foi o momento que o mercado pedia a formação do famoso técnico, então os cursos de 180 horas tinha módulos, por exemplo, o curso de natação tinha um módulo que chamava natação terapêutica, acompanhei o momento em que precisava da formação do corpo de conhecimento e etc. e a introdução de uma disciplina que tratasse de um assunto que fosse diferente no meu caso deficiência respiratória que era minha especialidade voltada pro mestrado e doutorado. Assim como, poderia ter sido antes, não foi por uma questão até de tempo e também porque eu tava envolvido com muita atividade administrativa, eu dirigi o CEPEUSP por cinco anos, fui assistente de direção por quatro vezes, os últimos, antes de 2000, nos últimos dez anos eu estive envolvido intensamente com atividade administrativa, e não só administrativa, eu tinha que continuar publicando, aquelas coisas, então eu não tinha tanto tempo. Mas exatamente no fim de 99, começo de 99 quando resolveu propor, você já ta com mandato do Sarney, não sei o que, já ta na hora, vamos preparar uma transição ai, um novo regimento, então vamo que vamo. E foi bom, ai peguei umas férias com a mulher, queimar milhagem em Portugal. E voltei e já tinha solicitação de apresentar, por exemplo, projeto de um curso de especialização, e já era e já tinha passado da hora, porque o mercado já exigia, só o que a gente da não é o suficiente. Então você vai hoje pro mercado, o personal, o individuo que é dono de sua própria sala de ginástica que é dele, ele é o pequeno empresário que faz atendimento especializado ele precisa desta formação. Então eu procurei ir acompanhando estas evoluções e fazendo abordagens. Então no momento que estava se encarando a fibromialgia precisava se ter alguma coisa de fibromialgia. De uma forma geral, abordar os quatro grandes temas digamos motora, visual, auditiva e intelectual, mas também os distúrbios da saúde vamos chamar assim, os distúrbios da saúde de uma forma genérica, e ai eu também tenho que ter escolha, o que hoje tem de grande exigência? Osteoartrite, sim, obesidade sim, diabetes sim, fibromialgia sim, então a gente procura dar um pouquinho mais de atenção pra ele ter uma formação um pouco mais substancial pra ir pro mercado. E sinceramente eu também passei por todas estas fases eu não fico, às vezes eu vejo programas que fica numa discussão filosófica desgraçada e eu não to, não que as coisas teóricas não tenham que ser discutidas, sim, mas tem tanta coisa pra ser abordada que a gente, olha, eu gasto literalmente uma tarde apenas, talvez uma tarde e meia ou duas pra introduzi-los neste mundo da adaptada. Eu começo dizendo, afinal de contas quais são as relações do homem com o ser diferente? Como é que isso começou? Lá nos tempos bíblicos tinha o vale dos leprosos e pra saber sobre isso assiste a aquele filme antigo que você nunca ouviu falar: Ben Hur. E eu vou dando os exemplos. Depois você vai ver Esparta, tribos na África faziam isto, uns abandonam e etc. E eu vou num crescendo ate chegar nos tempos atuais. Olha assim, faz muito tempo era assim que acontecia e hoje como é que é? Vocês estão vendo as rampas? Você pensa o que? Começou quando? Faz muito tempo, mesmo assim as pessoas não têm educação. Veja aqui na frente da escola, o cara estaciona ai na frente. Então eu dou um banho para eles entrarem para este mundo, e vou colocando os exemplos. Olha neste momento aconteceu isto. Olha quando houve mudanças pra quebra de barreiras arquitetônicas e etc. Quando surgiu a norma da ABNT, esta aqui ó tem a norma antiga, hoje tem uma norma, hoje esta assim e etc. A USP tem um programa próprio de acessibilidade, tem um projeto

arquitetônico, eu participei disto, esta aqui o projeto. É assim que funciona, tá ok? Gente daqui pra frente vocês tem que buscar, eu não posso perder meu tempo com vocês falando da história da adaptada. Então numa tarde eu dou realmente um banho, e mostro um filme. Atualmente eu estou mostrando aquele filme 'Murdeball', já assistiu 'Muderball', se não assistiu você tem que assistir, é que não está aqui, deve estar emprestado, porque é uma coisa super muito atual, é um documentário. Tem toda uma problemática envolvendo psicólogo, tem. Eu vivi os dois momentos. Desde quando os caras estavam brigando pra ter acesso a uma simples prótese, ou uma bolinha pro uripen, e vocês não sabem o que é uripen? Uripen é uma espécie de camisinha que o cara tem que vestir ir pro coletor e etc. Quando vazar tem uma bolinha, e aquela bolinha é importada, e os caras ficavam usando tintura de benjoim, não sei o que e descascava o pirulito do cara, mas é a problemática envolvendo a deficiência. Então eu dou um banho com exemplos da problemática com eventos..., envolvendo a deficiência até chegar nos dias de hoje sabe, tem toda esta história, o ano internacional, a década do deficiente, quem foram os países membros que assinaram um documento se comprometendo em mudar o seu país em dez anos, mudar em questão de acessibilidade, acessibilidade é tudo, quebra de barreiras, preconceito, aí eu dou um exemplo de cada um. Esta é a história, hoje o momento é assim, pá. Então chegamos aqui, olha o mercado hoje é assim, academias aí estão grandes contratando os pessoais, né. E aí que eu dou o foco e procuro dar aplicação prática. Então hoje, você passou no salão e estava tendo uma última praticazinha ali, eles estavam amarrados e etc. Eles tinham que montar aquilo porque neste momento, neste mês, um grupo teve que abordar, por exemplo, deficiência motora, eles tem que falar de definição, causas e conseqüências, uma abordagem ampla. Um segundo grupo tem que falar de desenvolvimento motor e aprendizagem motora pra aquele grupo, quais são as implicações. E aí o terceiro grupo tem que fazer uma aplicação prática. Escolhem uma deficiência, porque não dá pra abordar todas, escolheram amputado não sei o que e tal o vôlei sentado. Aí a gente discute um pouquinho e encerra a temática assistindo um filme sobre portador de deficiência que normalmente eu gosto de Gabi uma história verdadeira que é paralisia cerebral também, mas envolve o ambiente escolar, no caso deles, que é o negócio escolar, mas como eles já assistiram no começo comigo, aí hoje eu to com outro paralisado cerebral. Então na realidade aquele programa básico e etc, mas eu procuro adequar algumas coisas, trago algumas pessoas que são expoentes em algum tema, às vezes ex-alunos meus mestrandos, doutorandos, porque eu cuido dos cursos de pós graduação e especialização da gama filho, porque faço isso há dez anos, porque eu vi, mudei, e aí eu estava livre em termos de tempo de envolvimento administrativo e eu implantei estes cursos. Eu tenho uma equipe de uns 20 professores que trabalham com os mais diversos temas. Então até temas que estão aí assim aparecendo, então eu tenho ex-aluno que tá fazendo doutoramento com a Mayana Zats, célula tronco, por exemplo, um negócio novíssimo. E tem outra coisa que eu falo pra eles em aula: 'Gente to dando umas picotadas lá pra cima pra vocês porque eu tenho certeza absoluta que muitas coisas que eu to falando aqui nos próximos 4 anos não vai ter mais utilidade. Tá indo mui rápido. Então célula tronco tá, os miméticos da atividade física estão tá, e é isto que vocês tem que olhar, e eu ainda aviso, estarei comendo costelinha de porco e dirigindo meu jipão nas trilhas lá em Minas e vocês estarão estudando isso, tá mudando. Então atualmente eu to sentindo que próprio to mudando algumas coisas, que eu to fazendo algumas abordagens que são clássicas e etc, mas estou remetendo a um futuro que não está distante, e ele está chegando mais rápido do que eu imaginava. Então as questões ligadas a nanotecnologia, que vai já tá ligado a

diabetes ta super avançado ligado a célula tronco, e eu até me espantei, outro dia ai, dois três, quatro dias, saiu uma reportagem na folha um rato com lesão etc etc, célula tronco, e o que eles fizeram pra ter maior aporte na área lesada? Atividade física, natação. Voltou à estaca zero, botava ratinho pra nadar em 1980 e agora tão botando ratinho pra nadar com a célula tronco. Então, com certeza, com certeza eu vejo esta área como sempre foi muito dinâmica, o que é bom, o que é bom, tem que ser dinâmica tem que mudar, muda o tempo, novos conhecimentos, não só isso os novos conhecimentos sobre, e coisas agora que nem é saber se o aeróbio resistido ou a combinação destes tem mais efeito hipotensor, porque várias já estão muito bem estabelecidas e conhecidas, e talvez você só caminhe um pouquinho, ao invés de 60% de aeróbio e 40% de resistido talvez seja 45 e 55, mas isto é firula, um pouquinho mais, ta bom, e o conhecimento caminha assim. Então o programa, eu diria que pelo menos comigo não é e nunca foi um programa fechado e eu nunca consigo pra ser sincero cumprir, cumpro o básico, mas a cada ano, este ano eu encostei estes meninos na parede e tem artrite psoriatica que é um negócio impressionante tai ta acontecendo. As mudanças que estão acontecendo em termos das manifestações das auto – imunes por várias razões não é. E não adianta é isto que vai aparecer cara. Esta molecada que eu estou formando vai enfrentar isto daqui a pouco. Então eu tenho feito isto e tenho trazido célula tronco e não sei o que, a gente ta dando uma avançada. Então o meu programa eu tenho que abordar aquilo que ta la previsto e eu abordo, mas eu dou uma avançada razoável, e atualmente é isto e eu diria que talvez nestes últimos quinze, vinte anos o avanço foi razoável, muito bom. E ta dando um ritmo que eu até consegui fazer algumas previsões, mas agora eu me senti atropelado com os novos conhecimentos e com as novas coisas. Me senti atropelado assim, porque eu me mantenho ativo to lendo to fazendo as coisas, tenho que coordenar pós graduação, tem que estar sempre ali e as coisas estão saltando aos olhos. Então eu diria que este programa é muito dinâmico e ele continua se modificando.

3.1 - E na questão licenciatura e bacharelado, o senhor consegue trabalhar com estas especificidades, com as questões da escola e estas questões mais emergentes com o bacharelado?

Sim, sim eu consigo. Eu não vejo que talvez seja fácil, pra alguém, ta chegando uma professora nova ai e ela é fisioterapeuta, e eu acho que ela vai ter dificuldades, vai ter dificuldades. Não sei e não vou questionar as razões, mas vai ter dificuldades. E eu olho assim, caramba né, que caminho que eu já percorri o que eu já fiz, como que as coisas estão estabelecidas. Agora eu não vou dar nenhum passo atrás, não vou, entende? Eu não tenho este tempo. Até eu tenho dito, olha gente eu me dedico a isto que eu to me dedicando aqui, mas a minha grande coisa, o meu grande foco com certeza será a pós graduação, é que a gente ta fazendo, não que to abandonando a graduação porque vou ficar aqui por muito tempo. E na realidade o que eu to fazendo principalmente com este pessoal da escolar porque inicialmente eles iam ficar um semestre comigo, ai eu literalmente concentrei as coisas em cima deles que eu falei assim: ‘ Não sei se semestre que vem eles estarão comigo e eu vou despejar.’ Despejei nos meninos, mas agora não, agora eu sei que vão ficar, ai então eu dei uma relaxada. Mas é..., são muitos os conteúdos, são muitas coisas que precisam ser abordadas, mesmo tendo lá a adaptada 1 e a adaptada 2, mas esta turma que chega, quem opta pela licenciatura, ainda tem muita coisa, não se esgota lá, e depois lá é uma abordagem bem ampla e geral e que talvez tenha estas novas dificuldades. E eu agora vou viver uma nova fase, porque alguém que não é da área vai dar uma informação, não é. E é este povo que eu vou receber. E eu literalmente eu chuto a bola mais alto. Então talvez eu vá enfrentar uma nova fase, talvez eu tenha que cobrir

alguns lapsos pra eles poderem entender da onde eu quero partir. Mas tudo bem também, ninguém morre por causa disto. Então o que eu fiz com este pessoal, o que eu faço com este e aonde eu queria chegar. Fiz um curso pra eles bem na característica de curso de pós graduação que é o que eu faço fora e faço razoavelmente bem, modéstia a parte. Você não acessou o blog ainda, você vai dar uma olhada no blog e vou te dar a senha pra entrar numa área especial. Ao percorrer o blog você tem uma idéia da minha história de vida, porque tudo eu pus ali. Pus e abri e abri. É lógico que não ta aberto pra quem entra pelo Google. Mas quem é aluno, ex-aluno e quem de alguma forma tem contato eu dou acesso a banco de aulas e banco de textos, o que eu produzi, e não só o que eu produzi, mas tudo que eu montei ta ali. Quando escrevi o livro, este livro ai que é recente, e na realidade este livro é exatamente o curso da pós graduação. Ele foi feito pra isto. Inicialmente eu ai fazer uma pequena coletânea de livros textos que eram os temas da pós graduação. Vamos fazer um único que fica mais etc etc, acabou saindo este livrão ai. Mas ele é desde a parte teórica até os programas personalizados que são aplicações práticas, exatamente, até os slides que são usados no curso eles estão aqui. Então o que eu fiz, eu pego esta menina e literalmente carrego no mesmo estilo e ritmo que eu dou na pós graduação porque eu dou acesso a eles destas coisas. Então se eu dou uma aula sobre alguma coisa, ta aqui, ó agora pode ir no blog na pasta tal e leia os arquivos. Agora eu sou claro, se você vai ler ou não vai ler eu não to sabendo ta bem? Isto eu saber no final. Mas, recomendo que leia. Mostro e ta tudo aqui. E quando eu dou sei lá alergia, alergias respiratórias e quando tem de falar de alergia alimentar etc. Você tem de falar de corantes e conservantes dos alimentos ta aqui, é isto que acontece. Os alimentos que tem os corantes, os conservantes e os aditivos, ok é isso. Agora você quer saber o que é corante natural, orgânico. O que faz mal pra saúde? Qual é o corante proibido no país tal? O que é usado aqui e não sei o que, ta aqui o blog, corantes e conservantes. Olha quantos artigos tem aqui, olha os textos de apoio que eu fiz pra público leigo e pra você entender afinal de contas o que é uma sigla de um negócio, o que são os corantes utilizados em medicamentos? Ta vendo, é isto ai. 'Ahmm Alergia ao leite, intolerância', você não sabe qual é a diferença entre alergia e intolerância alimentar. Conta aqui, pasta: alergia alimentar. Ta vendo aqui ó: 'Intolerância a lactose, alergia ao leite', como o mecanismo... então leia e toca o pau em frente ta ok. Então eu tenho avisado o pessoal olha: 'Vocês estão na graduação e etc, mas eu vou carregar no colo às vezes, mas eu to no ritmo do pós. Vocês tem que ler, ta tudo montado, eu to dando acesso, eu to dando a senha, porque pra mim fica confortável, porque eu podia fazer o ritmo do que se faz ainda muitos ai. Pego dois textos ponho na pastinha, chamo de adaptada e ponho no Xerox pra tirar Xerox. Eu não faço isso, não faço. Vou abrir o blog e você vai ver uma imensidão. O que eu falo pra eles: ' Gente eu vou montar uma mesa de aniversário com todos os brigadeiros, beijinhos e etc.' Eu vou acender alguns holofotizinhos e dizer: 'Aquele ali é gostoso e etc, sirvam-se.' Quando eu abro e dou a senha eu estou servindo. Já comeu ou não? Por que senão não da pra dar conta, não da pra acompanhar todos os avanços e mesmo assim ainda acho que é capenga. Mas eu também falo pra eles: 'Olha, se você cometer uma insanidade ai, falar uma besteira muito grande, e eu ouvir uma besteira muito grande, você não vai poder dizer que foi meu aluno cabloco, porque você teve acesso à informação.' Eu sempre to brincando com eles, eu sou chato, mas eu brinco, pra eles entenderem que o mundo ta caminhando muito rápido, ta bem? O meu livro foi publicado agora faz um ano, mas ele não vai agüentar ai cinco anos, nem isso. Ta muito rápida a mudança, a minha filha ta reescrevendo, só esperando acabarem os volumes que tem, e a gente ta colocando outro ai, com conceitos e

coisas absolutamente novas e já na versão eletrônica, também, e é este o ritmo. Então o que eu tento fazer, pra você ver, como é que eu vou falar de um programa fechado, eu não consigo mais, to em outra, eu abro e a coisa é muito ampla, tem muitos assuntos, abordo, trago um cara especialista e ele da uma aula, normalmente um ex-aluno meu ou professor do curso. É literalmente passar o mel na boca e depois tem que se servir. Então se eu falo de intelectual, eu consigo dar uma aula de autismo, separar de uma aula de asperger, uma de hiperatividade, uma de dislexia, não consigo, não da, não ha tempo suficiente e coloco existe. 'Oh professor mas eu interesse é autismo.' Então ta bom, ai eu pego ele no colo. Então ta bom, então vem cá, então ta bom, vai fazer isso, tem isso, vai ler isso. Então eu falo: 'Se você tem uma coisa muito especial e acontece. 'Professor eu já to envolvido com não sei o que, eu gostaria de aprender isso, é síndrome de Edward que eu quero.' Cacilda eu tenho, mas 'por que?', 'porque eu tenho um aluno', então ta bom. Então fizemos síndrome de Edwards só pra ela. Pra que que eu vou dar síndrome de Edwards, quantos daqui vão trabalhar com síndrome de Edwards na vida. Ontem eu estava em Campinas dando aula, e uma menina chegou: 'Rett, eu quero Rett. ' Ta bom, então, vou atendê-la especialmente, só síndrome de Rett. Porque os outros nunca nem ouviram falar, ficaram olhando pra mim assim: 'Rett, o que, que é isto?' Então esqueçam. Então a gente procura dar este foco, até que meio que personalizar o que eles precisam na área. Então vamos repassar você quer saber de estratégias que eu utilizo pra eles aprenderem isto? Olha eu sou de uma turma que eu não consigo desvincular as coisas, e eu até, eu mesmo me analisando eu lembro quando eu optei por separar adaptada 1 e adaptada 2. A 1 sendo eminentemente teórica e a outra sendo prática, na metade do semestre eu tava literalmente desesperado sabe, com coceira, eu não consegui mais ficar só falando e coisa ta. Eu lembro um dia, sabe um dia de fúria e falei e citei um exemplo qualquer e os caras ficaram me olhando assim: 'Como é vocês nunca fizeram isso?' E os alunos: 'Não professor a gente não sabe o que é isso.' Era uma aplicação prática qualquer, alguma coisa de uma evolução em níveis de complexidade, alguma coisa envolvendo coordenação com crianças adolescentes, alguma coisa assim. E os caras ficaram me olhando como cara de jogador de pocker, parei a aula e falei assim: 'Vamos embora lá pra quadra todo mundo, vamos lá pro salão.' Ai eu falei é isso, acrescenta tal movimento, acrescenta isso, pronto é isso: 'Pô nunca ninguém falo isto pra gente.' Bom, então talvez eu seja de uma geração que bem ou mal, se fez mal ou se fez bem, mas eu ainda aprendi os 64 movimentos da sueca antiga e não sei o que né, a Joinville Le Pont e etc, por mais que seja muito histórico, mas é uma coisa tão incorporada e você consegue fazer tantas ligações depois, e eu não estou advogando a prática pela prática não. Então eu não consigo mais, embora mesmo no 1º semestre, eu já faço com algumas aplicações práticas. Numa mudança de currículo aqui que literalmente teorizaram tudo e satanizaram as práticas e isto foi cruel. As turmas seguintes que eu recebi eram uns coitados em termos de movimento. Eu levava lá pra quadra, eu dei aula que não devia e não precisava ter dado, não era coisa minha e eles agradeciam. Tardes inteiras, dava umas cinco atividades sobre o empurrar e o tracionar e tudo o que você pode extrair de uma dessa, seja pra adolescente, seja pra quem for, e os alunos: 'Mas professor não da pra o senhor fazer uns desenhinhos pra gente.' Eu prometi até hoje, não da tempo. Eu tenho ai guardado. Então isso precisa ser feito. Então eu na realidade faço isso. Se eu dou a respiratória, não tem como, e ainda mais é uma coisa que eu ainda gosto muito, não tem como a gente já vai dando, já vai dando as aplicações, aplicação na escola, aplicação lá se é o personal, etc, etc. Quando eu trago alguém, a Milena, ta me fazendo falta hoje, ta la em Salvador. A Milena tem uma aplicação prática

maravilhosa né. Então ela já mostra no ato, a gente faz e se só aquilo que fez e mostrou não deu certo a gente já vai pro salão ou como nós damos aula no CEPEUSP onde tem todas as aplicações, então vai lá de segunda a quarta das 17h00 às 19h00 de tantas as tantas nós estamos lá, vai lá, vai lá que você vai ver o que que é um cara com ombro, uma mulher com osteoartrose, a coluna tal, a escoliose não sei das quantas, a gestante, vai lá, vai lá que a gente explica pra você. Então ele tem vivência aqui, tem o grupo de mental, e teve um momento anterior, não sei se você conheceu a famosa estação especial da Lapa. Aquilo era uma maravilha, agora virou um centro de reabilitação e durante uns quinze anos eu fui conselheiro ali, trabalhei muito. Então levava os alunos pra lá, passavam lá uma tarde, duas tardes inteiras e lá tinham todas as deficiências, tinham todas os tipos de atividade desde a convivência aonde ta fazendo uma atividade profissionalizante e la ele via a diferença que podia fazer um curso profissionalizante e ter um diploma do SENAI que a deficiência permitia que ele tivesse com adaptação desta ou daquela máquina de costura ou qualquer coisa né. Até aquele que tinha uma limitação absurda e que não consegui ser profissionalizado, mas ele consegui fazer uma atividade digamos meio artística ou tecer alguma coisa, e estes todos se encontravam na piscina na quadra, e grupos de PC que faziam corrida. Então eles tinham uma experiência maluca, absurda de ver todas estas deficiências né. Quando a gente tinha tempo leva na AACD, no Lar Escola São Francisco que são ícones. Então isto tudo a gente já fez. É lógico que o crescimento, o trânsito, tudo isso foi limitando, as questões de segurança. A AACD começou a colocar muitas barreiras pra gente chegar lá com um grupo de 30, 40 alunos. Então a gente tem limitações, ai a gente fica mais restrito, mas eles têm aqui o CEPEUSP que eles podem ver gestante, artrite, artrose sei la o que, deficientes mentais, da pra ver bastante coisa. Atravessando a rua aqui tem a ABIDIM que é só distrofia muscular que pertence à USP. Então da pra ter uma vivência, a gente remete a estes lugares. Alguns que gostam acompanham um ou outro mestrando meu que ta fazendo alguma coisa, que ta coletando dados. Então vários participaram de um trabalho grande que a gente fez ai com mulheres pós menopausadas, leucometria de coluna, então eles , tem uma experiência interessante. Ai também é aquilo que eu faço, tenho tudo pra todo mundo, indico, levo, faz isso, faz aquilo, é, mas uma brincadeira que eu sempre faço e falo pra eles, olha eu também só acendo vela pra defunto certo. Então se o indivíduo chega pra mim e me diz: 'Professor, eu quero aprender sobre isso.' Ai eu enfio o indivíduo até o pescoço no que ele quer.' Mas tem aquele que, tudo bem, ele quer aquilo que é da disciplina, ele quer ter alguma experiência prática, aprender alguma coisa e só e é o suficiente pra ele, porque o foco dele é outro, tá tranquilo. E aquele que diz: 'Professor é isto que eu quero.', tá comigo. Com certeza ta comigo em algum lugar, tem três comigo la fazendo aula, dando uma ou outra aulinha, o outro que veio do sul, de porto alegre, ele já ta no mestrado em reumatologia, pronto. Então a gente vai dando esta canalizada. Tem aquilo que é teórico e tem aplicação prática lá em sala, tem as relações com a prática. É..., a prática lá fora, ex- alunos meus que de alguma forma estão em academias, são gerentes de academia que tem atendimento, eu tenho a liberdade de encaminhar aluno. Pode ir no lugar tal que tem o fulano lá que é ex-aluno e que esta fazendo um belo trabalho. Os meninos vão lá, horas de estágio eles tem que cumprir eles vão fazem o estágio, e é isso que a gente procura passar pra que eles tenham a maior vivência. E eu tenho a plena consciência de quem é formado por aqui é..., mesmo não sendo o foco dele, mas ele tem o suficiente de conhecimento e de segurança. E também deixo sempre a porta aberta. E falo assim, olha: 'O meu email não muda, o meu blog não muda', e se lá na frente você sentir apertado e não são poucos.

'Professor lembra eu sou da turma de 2002.' 'Professor recebi um aqui e agora e não sei, o senhor tem alguma coisa?' Normalmente eu tenho, eu já abasteço. 'Oh professor chegou um aqui com um tal de slap de ombro professor, o que é isto? O senhor não deu isto na aula.' Não é lógico que eu não dei, é específico de uma lesão de ombro, mas eu tenho tudo sobre slap de ombro aqui, mando tudo pro cara. 'Ve se é esta a leitura que te satisfaz?' 'Po professor é exatamente disto que eu precisava e eu não sabia e tal.' Então são coisas..., no pós graduação acontece a mesma coisa, especialização. Eu digo pra eles que é um rito de passagem esses nossos contatos, as aulas, o aspecto formal da finalização do curso, mas não se esgota ali, a gente continua mantendo contato. Se eu posso abastecer eu continuo abastecendo. O blog é um negócio muito dinâmico porque todo o dia tem uma coisa nova, todo dia tem uma coisa. O cara terminou a especialização o ano passado, o professor que da obesidade mudou a aula, a aula nova ta no blog, ele vai lá e acessa a aula nova. Então pelo amor de Deus você não se mantém atualizado se você não quiser você tem que ser muito burro e muito acomodado pra não ter né. Burro eu uso a palavra assim de uma forma na brincadeira com eles né, quer dizer, ta ali e você não acessa, porque eu tenho bastante liberdade com eles. Então na realidade não é só a aula formal, não é só cumprir aquele programa, não é só, olha a prática é esta, é fazer isso e sair, sair literalmente das quatro paredes. Eu vejo que eles ficam assim impressionados quando eles me vêem, eu, eu na prática eu dando aula, ou eu com alguém, ou eu orientando, a Milena dando aula e ai tem uma orientação particular, quer dizer, o professor não fala só lá não to vendo ele fazer. Na parte respiratória nem se fala. Então é isto que gente procura fazer. Esta tem sido a minha prática na formação, eu acho que a formação profissional tem estas particularidades.

4- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos: Esporte; Teoria do treinamento e Educação Física Escolar?

O que eu faço é o seguinte é..., se você for trabalhar com isso ou lá na escola que você estiver ai separando cada academia não sei o que. Se vai ter uma prática esportiva ela adaptada ou não tem isso já existe, vamos falar aqui de pan-americano e olimpíada e isso aqui é com a Beth. Se você quer regra, posso até mostrar olha tem adaptação pra isso aqui existe uma pontuação, o cara do basquete é classificado em pontos, desta e desta forma em função do nível de lesão, da avaliação funcional é isto. Isso é o esporte pa pa.... E numa escola você vai precisar classificar desta forma, não pense bem você tem que incluir tem isto tem aquilo e não sei o que. Muito bem você vai lá usar um jogo qualquer, um goalball, vai adaptar alguma coisa, nem vamos chamar isso de goalball você vai dar alguma coisa que vai trabalhar orientação e mobilidade do seu aluno, o que eu sugiro que você faça isso com todos numa forma de você fazer uma inclusão ao revés não é. Mostra pra metade da sala como é viver a dificuldade de um outro lá e depois inverte e tal. Então você pode dar. Tem esporte com estas regrinhas e etc. Você quer ensinar uma regrinha, tem como ensinar, tem, eu dou, mostro, mostro uns filmes, tem um do comitê paraolímpico muito interessante, um cdzinho, que tem: um manual de como ensinar aquela prática, é, um livrinho de regras e um filminho sobre. Você quer saber ta aqui, manual de como ensinar o goalball, as regrinhas do goalball e um filminho mostrando o jogo como ele é, e isto pra mim é o suficiente, pra mim é, pra Beth não. Então isso eu faço, eu carrego já o cd, dou cópia né, é porque se não eu tenho que dar uma aula de regra de não sei das quantas, uma aula de não sei das quantas, não, existe ta aqui eu mostro todos eles, ta vendo é assim que funciona. Então esta é a digamos é a passagem pelo esporte,

porque vai ter, se for na escola, vai ter um jogo, vai ter alguma coisa, como é que é esse jogo pra esse ou pra aquele indivíduo? De repente o menino fica perdido, como é que faço pra dar um jogo? Isso já tem, tá aqui, isso começou quando a gente fez aquelas fitas lá e 1900 e alguma coisa e tem lá as aplicações antigas pra caramba. Então é isso, mas realmente o meu foco não é esporte. Quando eu vou dar aula de respiratória fica aquela coisa porque isso é bem forte, afinal de contas e o atleta que tem não sei o que, bom aí é outra coisa, o bronco espasmo em atleta é assim, é assado, o comitê olímpico libera esse, este medicamento, a prática tem essas, essas implicações, ele precisa tomar esse, esse preventivo pra não ter tal coisa.

5- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (licenciatura e/ou bacharelado), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

Não é como deveria ser, não é, mas você não tem culpa disso e nem tem que se envolver numa coisa que eu diria caseira. Coisas não resolvidas ou mal resolvidas, mas as coisas tem que servir. Não, mas deveria ser melhor, muitas vezes a coisa existe num certo discurso, mas na realidade ela acaba não acontecendo. Então fica às vezes a seu critério, a seu cargo, e eu procuro fazer isso porque a minha responsabilidade é de formar e eu sei de algumas relações que precisam ser feitas, e eu sem alarde e eu sem dizer olha : 'Alguém deveria estar fazendo isso.' Eu simplesmente faço. Olha se eu to, e já quando eu peço se você olhar, nas aplicações agora que este no 2º semestre nas aplicações práticas que eu peço olha, eu poderia parar ali definição, causas, conseqüências, etc, etc. Mas quando eu entro em desenvolvimento, aprendizagem motora, as implicações, estruturação de ambiente, eu já to relacionando e só aí eu já relacionei um monte. E nunca ninguém a não ser, vamos dar nome aos bois, o Prof. Luiz Teixeira que estuda adaptativo e etc. Eles faz inter- relações e diz , o processamento de informação, o indivíduo com isto ou aquilo deve ser desta forma, é a área dele, ele estabelece as relações. Agora tem gente que só discursa porque aprendizagem motora e pa pa Ra ra..... Bom, mas fala pra mim e num mental leve aí como é que é? Como que é o processamento de informação dele se você tá dando lá uma técnica, uma tática de jogo? Ele entendeu, ele não entendeu. O que chama aquela prática que a gente chama de unificada que vem lá das olimpíadas especiais onde metade do time é intelectual e metade não é que são os parceiros. Como que essas coisas acontecem? E aí o pessoal fica assim... olha então eu procuro fazer assim: 'Estas são as relações é assim que acontece.' Mas eu não sou nenhum mágico tá bem? De buscar todas as relações. Do lado fisiológico, melhorou um pouco porque acabaram de colocar uma disciplina aí sobre doenças crônicas e etc. Mas o pessoal é bem focado mesmo, eu diria que é quase uma coisa hospitalar. Tem um pessoal bem ótimo e tem que ser. Fala de atividade física fala, mas é aquele negócio, qual é a carga de trabalho, qual é isso? Qual é aquilo? Não tem muito da nossa Educação Física, tá bem? Não to desmerecendo, mas quem da doença crônica nunca conversou comigo sobre como que a gente poderia fazer alguma coisa e etc. Eu sou especialista numa doença crônica que é asma, rinite e etc. Nunca falei sobre esta doença crônica numa disciplina, nunca ninguém perguntou sobre avaliação. Eu faço avaliação e faço muito bem feita. Eu diria que numa universidade desta, numa escola desta com este nome deixa muito a desejar que é uma pena. Mas isso eu to poupando você pra não ser uma pesquisa com nenhum viés, e é exatamente isto que eu penso e é isto que está acontecendo.

6- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.

Engajadas com relação a muitas disciplinas. Com algumas dá-se a impressão que não sabem da existência da 'adaptada'. De uma forma geral/ampla, sim, esta engajada. Os alunos estabelecem relações entre conteúdos e vêem aplicabilidade.

7- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?

Olha vai haver uma mudança agora. Até esse momento eu carreguei as duas e por vinte e cinco anos eu carreguei as duas adaptadas, e eu vou ficar literalmente com a área escolar. Uma nova mudança, eu vou ficar com a área escolar, é... eu diria que até então respondendo por mim, não sei se eu diria institucionalmente, eu não sei se o departamento tem o discurso dele que é uma coisa, mas eu diria assim eu to falando eu Luzimar da área, com formação e liberdade pra falar e responder alguma coisa. Se eu sou responsável da disciplina eu posso responder porque é isso que eu faço. Eu não sei se eu assino embaixo algumas coisas da instituição e não sei se a instituição assina embaixo algumas coisas que eu falo, é... A gente forma sim eu pelo menos dentro daquilo que é possível formei até então o bacharel com uma formação interessante voltado pra aquilo que é aquilo que ele precisa no mercado. Aqueles que tinham pendor e queriam um pouco mais voltam pra licenciatura e não são poucos e é aquela turma que você viu ali, sempre 12, 15 que dão esta continuidade e ali a gente pode aprofundar algumas coisas mais e ir mais pro ambiente escolar e ver alguma coisa a mais, estruturar um ambiente com uma aula mais no foco escolar, reproduzir algumas coisas, em todas nós tivemos que reproduzir, a ultima até como reprodução interessante porque era pra intelectual e a coisa tava rolando muito fácil, e ai eu tirei os três que estavam dando aula da sala, do salão: 'Vocês três vão ter que sair agora.' Sai e chamei a turma e disse escuta: ' Vocês não estão se comportando como deficientes intelectuais. Ta muito fácil pra eles darem aula pra vocês. ' Falei assim: 'Deficiente intelectual não entende tudo desta forma e a turma esta diversificada. Então não entendam determinadas coisas que eles explicarem sejam dispersos. ' Montei o esquema e os meninos voltaram pra dar aula, arregalaram o olho deste tamanho, não conseguiram dominar a turma, falaram uma coisa e os indivíduos faziam outra. E ai no fim sentamos, não aconteceu a aula, a aula foi um desastre total. Dai discutimos ta vendo, é isso, esta é uma situação real. É uma única experiência, duas experiências, mas juro que voces não vão esquecer esta experiência, principalmente os quatro que estavam tentando dar a aula, em quatro voces não conseguiram dominar a sala. Esta é a vida real. E quando eu ia pra estação especial da lapa com muita gente na quadra, esta era a situação real. Então eu acredito que eu tenha conseguido, e ai tem uma coisa minha que é pessoal, da minha bagagem pessoal, da minha visão sobre isso de colocar esses meninos dentro de uma situação mais real possível e trazer as coisas mais atuais e que estão acontecendo, porque eu não vivo as quatro paredes da academia. Minha vida lá fora é extremamente intensa, sempre foi, envolvido em jogos, jogos mundiais, olimpíadas especiais anos e anos, eu fiz tudo e atualmente, pelo amor de Deus eu não paro. Se você perguntar pra mim: ' Tem um fim de semana livre em março pra dar uma palestra sobre curso de nataçao de não sei das quantas. Se for março de 2012 tudo bem.' Porque até março de 2012 eu não tenho nenhum fim de semana livre. Então é bastante intenso. E é isso também que eu acabo trazendo pra eles, não tem como. Agora viver só as quatro paredes, discutir e falar de desenvolvimento, desenvolvimento motor de adaptação, discutindo só aqui dentro ou vendo o comportamento dos ratos e sei la o que, não estou desmerecendo o laboratório também longe disso, ai é difícil. Eu vou sair daqui, daqui

a pouquinho e eu to dando aula, aula lá no CEPEUSP com as pessoas que tem as mais diferentes limitações. Então e isso eu ponho na mesa, isso da pra por na mesa e isso faz parte da formação deles. Não tem quem, quem não passa por mim e não tenha um contato, uma experiência prática de fazer, de ser obrigado a estruturar um ambiente ou sentar e ver as coisas acontecendo. Nesta turma escolar, tem uma menina que é albina. Primeiro dia de aula no ano passado, eu tinha que ensinar como é que o ser diferente, aquele papo inicial, porque eu sabia que eles não tinham tido. Ai eu disse pra ela: 'Posso literalmente usar você?' Aluna: 'Claro professor, tudo bem.' Ai eu falei: 'Quanto tempo vocês conhecem a Andressa?' Alunos: 'Uns dois anos, três anos'. Luzimar: 'Vocês sabem o que ela tem?' Vocês sabem quais as comorbidades que um albino tem? Vocês já olharam nos olhos da Andressa? Três anos que vocês estão com ela, vocês já olharam nos olhos dela?' Alunos: 'As vezes tem não sei o que...' Luzimar: 'Nada mais vocês viram?' Então gente, 3 anos e vocês não sabem quem é ela? Andressa da uma aula de 10 minutos pra eles sobre o que é albinismo. 'Ela levantou e soltou o verbo. Luzimar: 'Hoje à noite vocês entrem no blog na pasta albinismo e veja o que é. Vejam o que acontece com os albinos na África. Vocês vão ter uma visão do século passado 300 anos atrás. Vocês sabiam que na África o albino é tido como ser diferente e tem os curandeiros que quando nas CE uma criança albina eles invadem a casa de noite e cortam a perna ou um braço da criança pra fazer magia negra. Alunos: 'Oh professor você ta brincando!' Luzimar: 'Vai lá ver!' É gente é assim mesmo. ' Pronto. Peguei alguém que tava na sala, e foi a maior aula prática que eles tiveram. Então não é difícil de você dar uma aula prática. Despertei o interesse deles, e agora tem os outros seres ai que são tratados das mais diferentes formas e não necessariamente se corta o braço ou a perna, mas você pode cortar o braço ou a perna dele pra alegar algumas coisas. Se o indivíduo sai daqui e não se formou e não sabe o que é, talvez ele seja deficiente intelectual certo, rrsrsr.

8- Em sua opinião, a carga horária e a (s) temática(s) que fazem parte do conteúdo programático das suas disciplinas na licenciatura e no bacharelado, o senhor considera ideal?

Sim, mas nunca é ideal. E eu digo gente: 'Eu acho que ta suficiente pro um curso de graduação porque se não vai ter aluno aqui que vai ter outro interesse e a carga vai ser até exagerada. Eu vejo de uma forma muito simples, eu acho que é suficiente. Sempre poderia ser mais, poderia, mas literalmente cada um faz o seu currículo, vão ter aqui aqueles que vão aprender, vão aprender mais sobre, outros vão aprender menos pouco. Mas se você quer algo mais é muito simples, tem curso de pós graduação e não necessariamente mestrado. E o mercado ta tão bom que tem só um de obesidade, um só de cardio vascular, um só de postura. O que eu coordeno é uma abordagem ampla, ele tem 20 horas, 40 horas de cada tema num programa de 360. Tomo contato com isso, puxa agora vou ser fera vou trabalhar num SPA, ai você pega só o de obesidade, faz o só de obesidade, já tem corpo de conhecimento, pesquisa, tem tudo suficiente só pro um curso de obesidade. E a cada ano que passa é uma descoberta, se era a leptina a bola da vez, agora são as relações leptina e glicina, leptina e glicina e exercício físico, acabou pronto.

Entrevistado: Docente 3 (D3)
Data: 02 de dezembro de 2010.
Duração: 27' 49"
Sexo: Masculino
Formação acadêmica: Mestrado e Doutorado em Atividade Física, Adaptação e Saúde.
Tempo de docência na disciplina: 20 anos

1 - Quanto tempo você atua como professor da disciplina?

Bom, trabalho com deficientes há 23 anos, desde 1987. Na Universidade como docente desde 1991. Então já faz praticamente 20 anos. Sempre nas duas atuações, no bacharelado e na licenciatura.

2 - Ao longo do tempo houve alteração na nomenclatura da disciplina?

Nesse período em meados de 80 e início de 90 a gente utilizava muito o termo Educação Física Especial. Eu mesmo quando eu comecei a lecionar na universidade a disciplina era essa a nomenclatura Educação Física Especial e ficou por muito tempo. E depois então década de 90 é que muda para a terminologia Educação Física Adaptada no Brasil. Isto porque sofre algumas influencias. Sofre a influencia americana e a influencia européia. A influência americana ela vem da atividade física adaptada que ao meu ver é o contexto melhor encaixado, é melhor utilizar atividade física adaptada a AFA. E a influencia européia ela vem dos portugueses mais dos portugueses na linha da atividade motora adaptada. Mas no Brasil especificamente a linha que a gente mais atua é Educação Física Adaptada. Então o termo Educação Física Adaptada me parece ser o mais coerente no momento. Mas ela teve uma evolução, da Educação Física Especial, mesmo porque a terminologia das deficiências mudam, por exemplo, antigamente era pessoa portadora de deficiência, depois vem pessoas com necessidades especiais. Então estas terminologias direcionaram pro grupos diferenciados, por exemplo, um hipertenso, um obeso e um cardíaco é um grupo diferenciado e passa a ser um grupo especial também. E a Educação Física Adaptada ela vem mais na linha da deficiência, mas também não deixa de ser uma especificidade pra outras áreas, por exemplo, uma adaptação de uma atividade para uma criança, uma adaptação de uma atividade para um obeso. Então o termo Educação Física Adaptada é o mais coerente, mas evolui da Educação Física Especial no Brasil para Educação Física Adaptada.

3- Como se estrutura a disciplina para o curso de licenciatura e bacharelado em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?

Hoje a carga horária na Educação Física Adaptada e no Esporte Adaptado é 60 horas, semestral. Então tem a Educação Física Adaptada no 1º semestre e Esporte Adaptado no 2º, então você tem por volta de 120 horas por ano, mas por disciplina 60 de carga horária. São 4 aulas por semana. Além disto só mais um apontamento que pode te ajudar que é um diferencial na nossa universidade. Nós temos uma outra, um outro viés que chama assim: Pesquisa em Educação Física que é uma disciplina.

Quando chega nesta disciplina pesquisa em Educação Física ela é dividida em 3 áreas, uma área é a adaptada. Então nós temos pesquisa em Educação Física Adaptada. Então há um grupo sempre de 10, 15 a 20 alunos que migram pra esta disciplina, então é mais uma disciplina.

3.1 - E esta disciplina a carga horária é de quanto?

São 2 horas por semana. São 30 horas por semestre. Então você vê nós temos o esporte adaptado com 60, Educação Física Adaptada com 60, a pesquisa com 30 e além disso mais uma, no estágio a gente obrigatoriamente mais uma linha da adaptada. Então são 4 áreas no estágio: o lazer, o esporte e o fitness, a área da saúde e a área da adaptada. Então obrigatoriamente o aluno tem que fazer 40 horas no estágio, é um estágio obrigatório, não é um estágio a vontade. Então você vê são 60 horas de ESPORTE ADAPTADO, 60 horas de EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA e 30 horas de PESQUISA, ai quem quiser, ai tem uns 10 a 20 alunos dos 50, 60 e é significativo hoje porque tem um departamento que só estuda isso e 40 horas no estágio obrigatório. Então você vê o aluno acaba passando 120, 160, 190 horas de adaptada, é um conjunto muito bom.

3.2 – Em termos de conteúdo, o que é trabalhado na licenciatura e no bacharel?

Normalmente é assim, na Educação Física Adaptada como ela antecede o ESPORTE ADAPTADO nós trabalhamos toda a base conceitual. Então há uma introdução do que é este universo da Educação Física Adaptada. Num segundo momento a gente caracteriza as deficiências. Então como temos a facilidade dos docentes que são especialistas numa área e na outra a gente acaba dividindo as disciplinas. Então num momento de falar sobre deficiência intelectual entra o professor Gorla, num momento de falar sobre deficiência física e síndromes entra o professor Edson. Então nesta Educação Física Adaptada a gente divide os conteúdos mais específicos, você trabalha um pouco mais a caracterização das deficiências. E também nós temos um conteúdo muito específico que é um pouco da minha especialidade que são as avaliações, ou seja, como avaliar isso, seja na escola especializada ou na chamada inclusão ou no próprio esporte adaptado. Ai quando entra pro esporte adaptado é especificamente esporte e trabalha praticamente todas as modalidades que são paraolímpicas ou como o handebol em cadeira de rodas que não é paraolímpico ou o badminton que não é paraolímpico, né..., um trabalho de cachoeira que o professor Gavião vai explicar melhor pra você. Mas então defini-se bem que Educação Física Adaptada a gente da toda a base conceitual e no esporte adaptado todas as modalidades.

3.3 - E aqui o aluno quando ele entra, ele faz a opção de licenciatura e bacharelado, ou tem um núcleo comum?

Ele tem um núcleo comum nos dois primeiros anos. Só que ai o que acontece o aluno faz 4 anos de licenciatura ou bacharelado, dai ele reingressa, normalmente todos os alunos reingressam e fazem mais um ano e meio ou dois anos. Então no período integral ele faz 4 anos com reingresso de ano e meio e no máximo dois. E no período noturno cinco anos com reingresso de mais um ano e meio ou dois.

3.4 - E disciplina Educação Física Adaptada e Esporte Adaptado ela entra a partir de que ano?

Do 3º ano. Mas normalmente todos passam pelas disciplinas, todos, todos passam. Todos eles fazem as duas disciplinas. É difícil um aluno que não tenha uma disciplina aqui que fale sobre deficiência. Mesmo porque aqui, não sei se você puxou pelo histórico até interessante que eu vou te passar, eu ajudei o menino a descrever o histórico da tese. A FEF tem um departamento desde 1992 que é o departamento de estudos da atividade física adaptada que tem 10 professores no departamento. Desses 10, 4 são especialistas na área da deficiência. Então a gente tem um conjunto muito grande de informação nessa área. Se você avançar um pouco mais, por exemplo, saindo da graduação, você tem especialização em atividade física adaptada, depois você tem um mestrado em atividade física adaptada, doutorado em atividade física adaptada. Quer dizer um aluno que sai da graduação com 190 horas e progride na área acadêmica se ele quiser ele sai daqui com 5, 6 anos depois da graduação com toda a base de Educação Física Adaptada, e aí tem pesquisa, tem processo de avaliação, tem metodologia em Educação Física Adaptada.

3.5 - Em termos de estratégias de ensino como se desenvolve as disciplinas?

Nós temos vários projetos de extensão dentro da faculdade. Hoje nós temos um projeto de rúgbi em cadeira de rodas jogado só por tetraplégico. O projeto de handebol em cadeira de rodas, o esgrima em cadeira de rodas. Tem uma modalidade que é o goalball que no momento tá um pouco parada, mas é uma modalidade que esta sempre ativa. Nós estamos iniciando o bocha paraolímpico, o ciclismo e este ano o voleibol sentado. Então todas estas atividades de extensão elas servem de práticas para as nossas disciplinas. Então por exemplo, a disciplina é teórico-prática, às vezes você dá duas teóricas lá na sala de aula sobre deficiência mental e aí você vai pra quadra e trabalha as atividades e demonstra as atividades práticas com o aluno de como trabalhar com o deficiente intelectual, por exemplo. Quando chega na parte das deficiências físicas nós sempre acabamos utilizando tanto do equipamento que são as cadeiras enfim como dos usuários de cadeira de rodas que são os atletas. Os atletas vem pra aula, os alunos vivenciam, experenciam estas atividades juntos com eles. E isso dá uma base tanto teórica quanto prática fantástica pro aluno, porque a gente tem estas iniciativas de extensão universitária. E aqui por ser uma região um pouco grande, tem um monte de opções, centros de reabilitação que as pessoas podem fazer seus estágios ali também e isso dá muita visibilidade pra área. Eu mesmo tenho o hábito de na disciplina Educação Física Adaptada quando eu vou trabalhar com intelectual eu ligo pra APAE, falo com o professor de Educação Física e ele me traz algumas crianças e a gente faz as práticas com as crianças.

3.6 - E a questão teoria e prática como se desenvolve?

É bem experienciado, porque às vezes, às vezes as pessoas estão tendo a disciplina, estão tendo conhecimento elas ainda não se voltam pra prática disso, por exemplo. Mas quando elas chegam no estágio que vem no ano seguinte no 4º ano e elas tem que fazer adaptada elas vem, todos eles passam pelos projetos. Então quer dizer, de certa forma toda aquela base teórica da disciplina sustentam eles nesta questão prática. Já não chega lá mais com um olhar diferenciado, pode até não saber como trabalhar, como desenvolver uma metodologia ali na prática com eles porque cada um

tem uma deficiência, cada um tem uma dificuldade e às vezes trabalha um por um. Mas eles não chegam assim apáticos já chegam, já tivemos isso, já vimos isso, já experimentamos isso, até o Profº Gavião vai falar até pela facilidade aqui da faculdade e das pessoas estarem envolvidas com o comitê paraolímpico, com esporte paraolímpico facilita bastante.

4- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos: Esporte; Teoria do treinamento e Educação Física Escolar?

É assim ó, com a facilidade de ter mestrado e doutorado, as pessoas que ficam pro mestrado e doutorado vão fazendo uma certa linha de atuação. Então ,por exemplo, até um tempo atrás aqui na Unicamp nós não tínhamos a linha de avaliação em esporte adaptado. Então da minha chegada aqui eu criei esta linha e tenho vários orientandos, quer dizer você vai formando uma base conceitual da linha. Hoje nós temos livros específicos de avaliação em esporte adaptado, que é o que vai acontecer daqui pra frente com treinamento adaptado. Na realidade todo o treinamento tem que ser adaptado porque você trabalha com cargas. Um treinamento específico pro rúgbi em cadeira de rodas, um treinamento específico para um paraplégico, um treinamento pro cego, então isto já estas acontecendo dentro da linha da pós graduação, e isso vai refletir lá na graduação. Então eu vejo que os conteúdos hoje, por exemplo, vamos trabalhar esporte, então o esporte já ta incluindo, você tem o esporte paraolímpico então já esta imbuído. A Educação Física escolar você tem a tal..., a chamada inclusão, inclusive nós temos uma disciplina que ainda perdura aqui que é a Educação Física Escolar inclusiva, Educação Física Escolar especial, ai e professor que trabalha com ela fala exatamente de inclusão. Ainda tem esta disciplina que me parece que é 30 horas a carga horária dela, e deve acabar por causa do novo currículo, mas ela ainda existe, ela teve por muito tempo. É, então na questão do treinamento e do esporte nós estamos nos consolidando na área. Na questão da inclusão ainda, ta um pouco... Não digo distante, mas por eu não acreditar muito na questão da inclusão como uma coisa prática e sim mais teórica, eu acho que ainda nós vamos levar um tempo pra criar estas metodologias específicas. Sempre digo pros meus alunos, você tem um cara que tem , vou até usar um termo nosso, tetraplegia, uma lesão cervical C4, C5, C6 como eu tenho atletas aqui. Você vai trabalhar um conteúdo de futebol em uma aula de Educação Física, o que esse menino vai fazer lá na quadra? Como se inclui esse menino? Ele ta incluído na escola, nos conteúdos de sala de aula, mas lá naquela hora como é que você inclui nesta atividade? Então isso é uma coisa que ta um pouco distante da nossa realidade. Existem teorias que estão sendo criadas a partir da LDB e dos conceitos dos PCNs, mas que ainda não é uma realidade prática na escola, isto até pela experiência que eu vivencio. Então com a Educação Física escolar eu acredito que vai levar um tempo, mas com esporte e treinamento, pra nós aqui já é uma realidade, tanto é que estivemos no congresso paraolímpico que teve uma mesa de treinamento específica pra esporte adaptado, uma mesa específica de avaliação, uma mesa específica e formação de profissionais na área do esporte. Eu acho que no esporte nós estamos no ponto mais alto. Na Educação Física Escolar ainda eu acredito que nós vamos levar algum tempo ainda pra consolidar esta área. Acredito que é realidade, vai acontecer bem devagar, com bastante dificuldade, mas ainda não é uma realidade de formação do aluno no currículo da graduação, mesmo porque a maioria das disciplinas são 60 horas no ano quando tem né, uma disciplina

que às vezes ela não passa no currículo, então nossa formação ainda não é uma coisa real a meu ver.

5- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (licenciatura e/ou bacharelado), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

Então penso assim, o certo, o certo não, mas acredito que assim numa visão futurista, numa visão bem futurista é que cada disciplina que abordasse, por exemplo, você tem la crescimento e desenvolvimento, então o que você fala em crescimento e desenvolvimento e num conteúdo crescimento e desenvolvimento para pessoas com deficiências. O professor da o handebol, então em determinado momento do conteúdo handebol para deficientes, assim como vôlei e basquete. Isto é uma visão futurista, porque às vezes você tem na formação destes professores, professores que não tiveram esta formação específica da área com deficiências. Então numa visão futurista acredito que esta interação poderia ser um pouco mais forte. O que a gente tem de interação aqui não é de conteúdos, mas, por exemplo, você tem la, vamos pegar como exemplo, o atletismo, então num determinado momento ele não fala de atletismo adaptado, mas nós podemos utilizar da base teórica de conhecimento de atletismo do aluno pra falar do atletismo adaptado. Então é um pouco diferente, nós falamos utilizando a base teórica das outras disciplinas, mas ao contrário penso que não é verdadeiro. O professor de atletismo não vai falar de deficiência no conteúdo dele. Então ainda hoje não acredito que seja só na Unicamp, mas acredito que a grande maioria das universidades tem o professor específico, trabalha com aqueles conceitos específicos, e a gente ta muito ainda naquela coisa médica sabe? Conceito de deficiência mental, agora intelectual, físico, auditivo e visual. Então todo mundo leva estes quatro conteúdos o ano inteiro. Hoje fala um pouquinho de inclusão, fala um pouquinho de esporte, e é isto que esta acontecendo. Mas falar especificamente, assim olha nós temos la o professor de handebol, basquete, vôlei interagindo, não. Acontece um pouco esta interação na metodologia de pesquisa que eu acho que é mais, como eu falei pra você, tem olhos pra isto, na metodologia de pesquisa e nos estágios. Agora nas disciplinas específicas eu não acredito. O Professor Gavião pode ter outra visão, tem mais tempo de casa. Mas eles não dão os conteúdos, que fique isto claro, eles não dão os conteúdos, mas que há uma interação entre as disciplinas sempre há.

6- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.

Neste sentido não. A disciplina esta engajada no currículo e vejo muito forte no currículo. Aqui na Unicamp ela é muito forte.

7- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?

A idéia é que o aluno tenha no mínimo um conhecimento específico pra não deixar de atuar, acho que esta é a palavra mais correta. Mas se pensar hoje um pouquinho no

nosso currículo a formação esta mais voltada pro esporte adaptado. É claro que na Educação Física Adaptada você pode levar um pouco pra APAE, um centro especializado, e assim até pelas 60 horas ou 120 horas não da esta formação ou perfil pra isto. Como também nas outras disciplinas que não são tão especificas. Agora o que a gente tem percebido na formação de nossos alunos aqui é que muitos deles gostam da área, se envolvem, e principalmente nos projetos de extensão, e saem de fato bem formados já pra atuar em, muitos deles vão pra APAE, centro especializado, muitos estão dentro do comitê paraolímpico na formação de atletas, como técnicos, coordenadores de modalidades.

7.1 - Há uma tendência para o esporte paraolímpico para ter uma formação do técnico desportivo?

Acho que não pra formação de técnico, mas é pra eles terem uma base, como exemplo, depois você pense como você escreve isso, por exemplo, nós temos aqui o rúgbi em cadeira de rodas, a equipe bi-campeã brasileira, nós temos o técnico da seleção brasileira aqui. Nós temos cinco ou seis atletas que sustentam a seleção brasileira, formação. Só que o menino saiu da graduação, mas por conta da extensão ele teve toda esta formação. Além disto, têm muitos outros, tem o pessoal da esgrima que ta na seleção brasileira, do futebol de cinco, do goalball, o pessoal do atletismo e todos passaram por aqui. Então não é uma tendência, a maior visibilidade esta no esporte adaptado. Agora um cara que vai pra uma APAE e vai pra cidade dele a gente não tem este retorno. Como eu te disse há uma formação continuada pra mestrado e doutorado e estes que passam pela formação continuada a gente tem o retorno deles e a maioria esta no esporte adaptado.

8- Em sua opinião, a carga horária e a (s) temática(s) que são abordados dentro dos conteúdos o senhor considera ideal?

Eu acredito assim, há vinte anos atrás não tinha nada. Há quinze anos atrás começou coisa. Na década de 2000 a 2010 a maioria das universidades tem pelo menos uma disciplina no currículo de formação. Eu quando me formei em 1987 eu não tive a disciplina na escola então enfim a tendência é melhorar. Mas se você pensar 60 horas ano não é suficiente. No conjunto pro crescimento desta área não é suficiente. Agora é menos mal. Então com o tempo e a exigência do mercado, com o crescimento desta área, com esta questão do esporte paraolímpico crescendo, com as paraolimpíadas sendo no Brasil em 2016 então ta crescendo. Agora se perguntar se é suficiente 60 horas ano, não, não é suficiente.

Entrevistado: Docente 4 (D4)
Data: 02 de dezembro de 2010.
Duração: 27' 40 ''
Sexo: Masculino
Formação acadêmica: Doutorado em Educação Física.
Tempo de docência na disciplina: 25 anos

1 - Quanto tempo você atua como professor da disciplina?

Aqui na Universidade comecei em 1986.

2 - Ao longo do tempo houve alteração na nomenclatura da disciplina?

Aqui tem várias disciplinas. Uma que trata mais no âmbito da licenciatura e outro também com foco mais geral e depois tem uma mais voltada pro bacharelado, o esporte adaptado.

A questão da terminologia é importante porque ela tem uma representação pro momento da história dela, mas também não é algo que nos traz muita preocupação e tão logo a gente percebe que a terminologia ela não se encaixe nos parâmetros nacionais ou internacionais a tendência é mudar sim, então muito mais de que uma preocupação terminológica precisa ser uma preocupação temática.

2.1 - O senhor trabalha nos dois cursos?

Mais efetivamente no esporte adaptado, e aqui o nosso grupo a gente tá aqui sempre trocando figurinha. Um chama o outro. Todo mundo participa tanto na licenciatura como no bacharelado, eu na disciplina de um professor, ele na minha, a gente pega vamos dizer assim o momento que cada um tem de mais específico traz pra dentro da disciplina também, por exemplo, na disciplina lá da licenciatura tá com o Professor Edson. Quando entra o módulo de deficiência visual como é o foco mais específico que eu me envolvo nos estudos, aí ele me chama pra eu estar indo lá e assim sucessivamente.

3- Como se estrutura a disciplina para o curso de bacharelado em Educação Física em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?

A carga horária é meio que padrão das disciplinas e cada uma destas modalidades e a adaptada a gente pode dizer que ela não tem menos espaço, muito pelo contrário, como a gente falou, ela tem um bom espaço uma vez que se integra tanto na licenciatura como no bacharelado, mais do que em um único momento.

3.1 - E como o senhor trabalha os conteúdos?

Uma preocupação que a gente teve desde o início é fazer uma relação direta do conteúdo teórico com o prático, então daí a gente criou dentro da extensão já que a universidade tem esta perspectiva de trabalho num equilíbrio ensino, pesquisa e extensão. Então a gente trouxe pra dentro da universidade as atividades de extensão, aquelas atividades já discutidas de certa forma dentro do possível nos cursos de ensino e isso tava servindo tanto de laboratório pros alunos vivenciarem ou conhecerem né, quanto também de suporte pra algumas pesquisas que aparecerem e se fizerem necessárias ai, neste fórum possível ai. Mas isso não significa que os conteúdos teóricos relacionados a disciplina se resumem às atividades de extensão, por exemplo, na disciplina esporte adaptado né, a gente trabalha o esporte nas mais variadas formas de manifestação, tanto no escolar, no lazer e no alto rendimento. E o alto rendimento a gente não consegue trazer isso pra a atividade de extensão, mesmo que a gente traga professores convidados ou atletas convidados pra ta falando de algumas modalidades desportivas né, a gente tenta trazer muito mais do que isso lógico, através de filme, atualizações das competições, dos eventos, ou até por vezes participação dos alunos em eventos dentro de um raio geográfico possível ai.

3.2 - E as estratégias que o senhor mais utiliza?

Então as estratégias de ensino eu falei um pouco mais antes. Mas assim, os conteúdos eles permeiam a iniciação da Educação Física quer seja com o conteúdo esporte ou outros até com as pessoas com deficiência, é.., no lazer também e no esporte nas diferentes formas de manifestação como a gente falou. Então esse é basicamente assim o conteúdo. Lembrando que aqui na universidade a gente tem praticamente o mesmo numero de alunos de graduação, a gente tem de pós graduação. Então não da pra gente imaginar dentro das estratégias de ensino e aprendizagem, colocar o foco só na, o foco vamos dizer assim, de saída do aluno só no trabalho, mas também na perspectiva de fazer pesquisa depois.

3.3 - Professor fale sobre a relação teoria e prática e as possibilidades de vivências por parte dos alunos:

Então, até em função do que eu falei acaba sendo intensa né, mas isso é bastante aberta, a gente não força esse lado, mas a gente tem aqui desde uma equipe competitiva, como é o caso do time de rúgbi lá, ou de algumas pessoas que foram para as paraolimpíadas em modalidades individuais. Então a gente tem desde esta possibilidade de participação, vamos falar mais especificamente do esporte primeiro, ou até na possibilidade de estar participando de eventos como cursos de arbitragem, competições, só pra você ter uma idéia nas ultimas paraolimpíadas nós tivemos na equipe técnica da delegação nacional, nós tivemos 16 pessoas entre alunos e ex-alunos aqui da FEF tanto da graduação quanto da pós graduação. Então é... este leque ta aberto né, e os alunos lógico que tiverem o interesse de se envolverem na área, então eles tem este espaço. No outro aspecto como o do lazer ou de atividades que não sejam esportes paraolímpicos, por exemplo, isto também acontece, nós tivemos aqui duas teses de esportes na natureza, uma de doutorado, uma de mestrado e tivemos um trabalho de graduação também com um grupo grande de pessoas com deficiências, e isso envolveu lógico até por necessidade vários alunos do curso de graduação e tudo mais. Só pra você ter uma idéia no encerramento da disciplina esporte adaptado que vai ser este semestre, que passou desde competições e possibilidades de freqüência de alunos em competições da federação

paulista de desporto pra cego é..., e de outros eventos como os jogos paraolímpicos escolares e o próprio congresso científico né, nós vamos finalizar com uma atividade que não é do paraolímpico que vai ser o cascanyonning, ou seja, os alunos vão pra uma cachoeira fazer o cascanyonning, alguns vendados outros não, alguns alunos, alguns alunos não, alguns convidados com deficiência física e motora, outros com deficiência visual, então o, é a soma vamos dizer assim das discussões teóricas com o desenvolvimento prático nas várias perspectivas ai. Confesso pra dizer bem a verdade por força das atuais circunstancias que um grande elemento a favor que a gente tem atualmente e lógico a gente aproveita pra trazer pra dentro da sala de aula e discutir é o envolvimento da FEF como o comitê paraolímpico brasileiro e conseqüentemente com as modalidades de esporte paraolímpico.

4- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação aos eixos temáticos: Esporte e Teoria do treinamento?

Então, como a gente falou essas coisas acabam sendo preocupação da disciplina. É lógico que a faculdade ela não se resume a uma área, no nosso caso aqui a área de Educação Física Adaptada e Esporte Adaptado. Então nós temos outros professores que são especialistas em treinamento, outros com foco mais na área pedagógica e tudo mais. Então o que a gente acaba fazendo, na medida do possível acaba entrelaçando todas estas coisas. Tanto alunos que trazem os conhecimentos deles absorvidos nestas outras disciplinas e que são tratadas com mais profundidade pra dentro da adaptada, quanto o contrário, eles vão levar a discussão da adaptada pra dentro da outra disciplina. Isso por uma questão cultural ela acontece também de diferentes formas, por exemplo, nós temos algumas disciplinas de modalidades desportivas onde dentro destas modalidades desportivas elas são, são abordados alguns conteúdos de adaptada, por exemplo, na disciplina de basquetebol, o professor de basquetebol traz pra dentro da disciplina também em algum momento o basquetebol adaptado ou o basquetebol em cadeira de rodas. No atletismo a mesma coisa, na nataçãõ a mesma coisa, mas é que às vezes isso não é suficiente pra esgotar o assunto, então ainda a gente tem a necessidade deste espaço de discutir a adaptada de uma forma também mais ampla. Então cabe o basquete em cadeira de rodas na disciplina basquete como na disciplina esporte adaptado.

5- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (bacharelado), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

Faz sim, é, hoje o departamento de adaptada tem um relacionamento muito saudável com outros departamentos, com outros professores mais especificamente. Mas neste ultimo congresso paraolímpico, por exemplo, só pra você ter uma idéia, nós tivemos assim uma participação até bem efetiva né de envolvimento e de construção até do próprio congresso de outras áreas e de outros departamentos. Então, e outra coisa, sabe o que acontece pra dizer bem a verdade, o nível que hoje alcança, vou pegar o exemplo do esporte paraolímpico, o nível que se consegui alcançar da FEF hoje com o esporte paraolímpico de alto rendimento não da de forma alguma pra gente ficar restrito, nem ao departamento, nem a nossa faculdade tanto é que hoje nós temos uma relação bastante estreita com a Universidade Federal de São Paulo né, e a de Uberlândia, tanto é que no comitê paraolímpico a gente tem a academia científica paraolímpica e estas 3 universidades estão trabalhando juntas lá é, então não da pra

gente pensar em continuar crescendo sem envolvimento de busca né do que há de melhor no mundo inteiro e nem só no Brasil.

6- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.

Não, engajada ela esta. Nós, por exemplo, aqui na faculdade nós tivemos e eu não lembro a data direito, mas de algum tempo pra cá já umas duas ou três mudanças curriculares ai. E isso se faz necessário sempre né, e as coisas ao redor vão solicitando mudanças, então eu não to, eu não acho que nós estamos cem por cento adequados às nossas expectativas, mas a gente procura sempre..., ta mudando agora, e quando a gente fala que ta mudando isso significa que nós temos que acompanhar as mudanças das outras áreas. Um exemplo aqui, o pessoal da biomecânica, até não muito tempo atrás a gente não tinha uma relação muito estreita. Mais recentemente o pessoal da biomecânica fez algumas avaliações, alguns saltos com a adaptada né, numa relação de trabalho com essa nossa área, e a gente não ia fazer, e a gente aprendeu muito né. E agora não significa que isso é crie uma necessidade de mudança curricular, mas no mínimo uma perspectiva de visão diferente do que a gente vai querer depois numa próxima mudança e assim por diante.

7- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?

Então como eu estava comentando aqui na universidade a gente tem um numero muito grande de alunos de graduação quanto de pós graduação. Então os alunos de graduação acabam convivendo com este ambiente de pesquisa, e isso acaba sendo uma realidade às vezes na perspectiva da formação de alguns alunos. Então a idéia é..., acaba se voltando pra mais de um caminho, não só de um caminho da visão de trabalho, de formação para o trabalho imediatamente, mas também para a pesquisa imediatamente, não que o aluno que tem esta perspectiva de ir para o campo de trabalho, depois ele não possa até dar continuidade pra alguma idéia de pesquisa que ele já começou a cultivar ou até voltar pra área mais acadêmica de pesquisa fazendo com mais intensidade o curso de mestrado e de doutorado, uma coisa não impede a outra, mas vamos dizer assim que a primeira vista pro aluno que sai são duas perspectivas assim que não precisam estar amarradas e até podem estar amarradas, mas não necessariamente precisam estar amarradas. Eu posso ir pro campo de trabalho sem precisar me envolver com a pesquisa, e posso ir pro campo de pesquisa sem necessariamente estar trabalhando ou indo pro mercado de trabalho.

8- Na opinião do senhor a carga horária e as temáticas que fazem parte do conteúdo programático, o senhor considera ideal?

Então, é mais ou menos aquilo que nós já comentamos, é..., a gente sempre busca mudanças aqui, e é lógico que a gente sempre busca a idéia de melhoria não só no aspecto de mais tempo pra lidar com as coisas, mas às vezes de melhores condições pra cuidar de algumas coisas, vamos resumir, vamos dizer que eu pegue aqui uma disciplina de esporte adaptado como a gente comentou. Melhorar a disciplina não

significa necessariamente aumentar a carga horária, pode ser aumentar as possíveis relações com esta disciplina com outros departamentos, com outras disciplinas, ou até no aspecto físico de proporcionar de mais pessoas da comunidade ta transitando por aqui. Eu lembro que muita gente contava e não era na minha época né, mas que fazia faculdade de Educação Física em épocas que a faculdade deles tinha só sala de aula, então pra fazer parte prática eles tinham que se deslocar pra clubes ou pra outros lugares distantes, então você veja, mesmo que você tenha horário pra entrar e sair e ir lá no clube relacionado a carga horária, você acaba deixando de conviver. Então aqui os alunos na hora do intervalo, ou fora do ambiente normal de aula deles, de repente eles estão convivendo com uma atividade extra aula com o pessoal que lida mais com a Educação Física escolar, com crianças que estão transitando e fazem parte da extensão, no caso da adaptada pessoas com deficiências chegando com o carro adaptado, saindo com o carro adaptado, chegando com a cadeira na cantina. Agora eu acho que simplesmente discutir carga horária não é uma coisa que pode ser pensada de forma tão isolada em relação ao tempo, então eu diria que a carga horária deveria ser uma soma entre tempo e espaço e o que rodeia tudo isso.

8.1 - E quanto às temáticas e conteúdos?

Eu acho que esta bom. Volto a repetir, por exemplo, a disciplina que a gente deu este semestre ela provavelmente não vai ser igualzinha no ano que vem. Conta muito com a idéia de sermos todos nós sermos agentes influenciadores e influenciados, influenciado pelos alunos, pelos bolsistas, por todo esse pessoal que também este papel de fazer com que na próxima vez, não é que seja diferente, mas que seja boa inclusive nas coisas que não foram.

Entrevistado: Docente 5 (D5)
Data: 02 de dezembro de 2010.
Duração: '
Sexo: Masculino
Formação acadêmica: Livre docente
Tempo de docência na disciplina: 25 anos

1 - Quanto tempo você atua como professor da disciplina?

Eu trabalho na área há 30 anos, vou completar agora em março. Agora na graduação eu assumi essa disciplina a partir da nossa reformulação curricular. Na realidade é o seguinte, ta um pouco ligada essa nossa abertura aqui, ta um pouco ligada com aquela prática desportiva que tinha paralela com os cursos superiores. E em 87 ela baixa de Educação Física desportiva, ela baixa de quatro semestres para um, e ai um grupo de professores grande aqui, nós abrimos aqui as chamadas disciplinas eletivas. O professor José Luiz Rodrigues abriu uma disciplina que chamava Educação Física Especial. O que o José Luiz queria com isso? Ele queria na verdade era resgatar aquele aluno universitário que num momento ou outro, ele usava este termo, num momento ou outro estava, ficou de mal da Educação Física, ou pela proposta, ou pela dificuldade, ou pela, é, uma situação, outras razões, ele queria resgatar esse aluno, porque ai nós ficamos com um espaço e ai nós abrimos várias disciplinas, mas só que a população que nos foi atribuída eram alunos da Unicamp com deficiência física, e como o Zé tinha esta prática lá fora e eu já tinha toda essa prática, o Zé poxa vida, não era bem isso, mas vamos conversar com esta população, vieram duas alunas e depois umas de economia, eram basicamente três alunas, uma das ciências sociais, uma da faculdade de educação e outra da economia. Ai ele achou que devia abrir esta Educação Física especial para o aluno também com deficiência. Então, comecei esta conversação em 87, abre-se, e já tinha uma disciplina na graduação aqui que o Zé Luiz e a Ana Isabel que tocavam Jose Luiz Rodrigues e Ana Isabel. E ai em 1988 nós abrimos, liderados pelo professor Zé Luiz, eu e o Edson Duarte abrimos o projeto de extensão com isso em busca de informações na Universidade Federal de Uberlândia. Fizemos um módulo como ouvinte no curso de especialização e nós começamos este atendimento não só do aluno, mas sim do deficiente que era amigo destes alunos lá fora e ai foram buscar estes alunos la numa igreja e trouxeram estes alunos pra cá. Então começa ai atendimento com o grupo de extensão, e com este atendimento vamos dizer assim começa a ter influencia no curso de graduação. Logo depois na outra reformulação curricular, então ai nós já colocamos as disciplinas, mais disciplinas, inclusive o desporto adaptado, isso por volta dos anos 90, então faz 18 anos que estamos na graduação, 92 exatamente. Ai veio a 03/87 a legislação que ela aponta para a necessidade de se colocar e estabelecer conteúdo. Então naquela reformulação da 03/87 nós já tínhamos disciplina.

2 - Ao longo do tempo houve alteração na nomenclatura da disciplina?

Olha nós já criamos disciplina, inclusive pra faculdade de educação. As daqui elas foram na verdade elas foram crescendo e no momento que cresceu a ultima a ser

criada foi desporto adaptado, porque esta questão do desporto também acontecia na recreação e lazer e dentro desta a Educação Física escolar e tinha até o desporto. Hoje até eu brinco que às vezes teve que mudar de MH514 que agora ta na EF723, e quando às vezes quando tem aluno eu mostro a ementa aqui o desporto virou disciplina, a ultima a ser criada e não se trata dentro da Educação Física escolar o desporto no contexto paraolímpico não.

3 - Como se estrutura a disciplina para o curso de licenciatura em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?

Hoje ela esta com 4 horas semanais de quatro créditos com 60 horas e ela acontece no primeiro semestre do ano. Nós fazemos mais ou menos como se fosse a pessoa deficiente no contexto escolar da Educação Física na escola, a questão da deficiência e a questão de repente das necessidades, das adaptações e ai eu faço todo tipo de adaptação e ai a gente ela gira em torno destas questões, não só da pessoa, mas da questão de adaptação, dessa escola estar se organizando para receber o deficiente, a questão da inclusão, ai eu foco o aluno deficiente e o aluno não deficiente, seja nas atitudes, seja no desenvolvimento de alguma prática. O professor enquanto condutor deste processo, a escola enquanto espaço de discussão e espaço de diferentes manifestações que vão desde a participação em uma atividade física até estas questões de lidar com essas diferenças.

3.1 - E quanto às estratégias de ensino e a relação teoria e prática?

Olha é o seguinte, o nosso aluno quando chega nesta disciplina ele já tem algumas informações. E hoje o aluno ele é muito receptivo, porque há vinte anos, quinze anos atrás o aluno que vinha fazer Educação Física: "Eu não vim fazer Educação Física pra trabalhar com deficiente." Isso já era uma barreira que você ia aos poucos eliminando. Então o nosso aluno ele é muito receptivo e ele é às vezes muito sensibilizado por estas questões e até porque nosso objetivo, da questão da deficiência, isso já foi, já foi feito ou já foi superado a questão da classificação. Agora quando dos problemas da questão da Educação Física escolar então fica mais tranquilo você lidar com isso, e esta relação entre teoria e prática por ele passar por estas situações aqui esta parte da teoria eu acho que é mais tranquila. Nós trabalhamos sempre assim, com uns textos, uma série de textos seja nosso, seja de outros profissionais com eles esta teoria toda, e depois esta prática nós procuramos focá-lo numa situação real e não mais uma simulação la naquela que ta o Edson e o Gorla. Ou nós vamos pra uma situação real, e o dia que eu for falar sobre acessibilidade, eu vou pra uma situação real, vamos identificar quais são os problemas. O dia que eu vou tratar de repente das questões de conteúdo tá, de conteúdo, qual o foco? Qual o conteúdo? O que é excludente? O que se pode mexer neste conteúdo? Por que este conteúdo tem que estar neste momento e não pode estar em outro momento? Por que esta prática desportiva tem que ta aqui? A gente convida às vezes as escolas e ai em cima disso recebemos esse aluno sabendo qual é a deficiência, qual o grau da deficiência, fazemos um planejamento e vamos fazer de repente uma vivência e um situação e retomar isso depois como uma forma de reflexão ta, seja na FEF, seja fora da FEF, seja la no ambiente escolar. E então nós temos algumas estratégias nesta disciplina para colocar este aluno em contato com a realidade.

3.3 - E as possibilidades de vivências por parte dos alunos?

Você simula você pode simular, de repente, a situação do cego, mas o que acontece há uma transposição rapidamente daquela bagagem que nós temos pra uma situação que.., mas de repente, você coloca pessoa sentada pra fazer alguma prática como basquete, handebol ou rúgbi nunca é, mas uma situação do surdo é praticamente impossível, melhor você de repente trabalhar com o surdo na comunidade e de repente você tem contato com uma situação e isso da pra gente poder, vamos dizer assim da um passo a frente, sempre naquela perspectiva tipo assim olha logo na primeira aula eu digo: “Se você vai ou não trabalhar com deficiente não é problema meu, e com certeza você passando por estas situações você vai se tornar uma pessoa mais flexível e mais paciente para com os diferentes que as vezes passa despercebido ou deixado de lado, então esse é o momento de pegar o aluno que vai pro segmento escolar.

4- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina com relação ao eixo temático: Educação Física Escolar?

Acaba acontecendo outras coisas mas não é o foco central, porque de repente você vai fazer uma situação e acaba caindo num conteúdo mais focado no esporte, mas a gente faz isso com as possibilidades na escola.

5- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (licenciatura), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

Sim porque ela tem que trazer os pré-requisitos lá do Edson, agora mudou o número, depois eu pego a sigla pra você, então ela faz sim porque quando você vai falar de repente de um conteúdo você pega lá deficiência mental, o que foi trabalhado lá, então vamos pra cá, trabalhar hoje em cima de comportamento adaptativo e não essa situação, então você pega ali, você tem como parâmetro do que foi estabelecido lá, a deficiência, o grau, então fica mais fácil. E ela faz também dentro de uma formação de professor dentro do segmento escolar, ela já prepara o aluno para os momentos seguintes que são os estágios dentro do segmento escolar, então a identificação deste tipo de problema tem esta possibilidade. Então ela pega desde as formações iniciais até o contato lá fora, então dentro do estágio supervisionado ou as atividades complementares ele já tem as informações dentro da, para o segmento escolar.

5.1 - A disciplina Educação Física escolar não faz essas abordagens sobre necessidades especiais?

Hoje aqui na FEF nós vivemos uma situação um pouco diferente, eles quando lidam com essas diferenças vamos dizer, eles não falam das deficiências, mas fala desta população em geral, mas com certeza eles não falam da deficiência.

6- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.

Sim. Não, de forma alguma porque é o seguinte, lá no estágio de cara ele já tem o estágio, a gente chama de estágio. Então este estágio ele é dividido em segmentos, lá o nosso aluno independente pra onde ele for caminhar ele já vai ter contato com a população em diferentes situações, em situações de lazer, população em geral, em situação de repente de escolas especiais, em situações na questão da saúde e qualidade de vida, então nesse estágio ele vai deparar com quatro professores. Tem quatro professores tomando conta da disciplina. Entra os quatro na sala de aula e esse grupo vai girar com esse professor, vai passar por você, vai passar pelo outro, pelo outro e chega aqui, todos eles, e nós vamos requerer conteúdo e possibilidades diversas, então acho que começa ali. Aquele que caminhou primeiro só para de repente ai ele passa por essa disciplina do Gorla e do Edson ta. Aquele que caminhou para o desporto ele já tem uma formação de esporte e tudo mais e quando ele chega ali e o desporto adaptado acontece de forma muito tranqüila e hoje tem que tomar cuidado aqui porque até demais já, esta até abafando outras situações. E se você vem pra licenciatura primeiro, a maioria dos nossos alunos noventa por cento faz as duas, faz uma, termina e faz a outra. Então ela acaba não ficando isolada pela proximidade de atuação diretamente dentro dos projetos de extensão nossos aqui, a atuação dos projetos que estão dentro da escola ou entidades que são orientados por nós, essas possibilidades que você conseguiu entender das disciplinas, então esta disciplina ela acaba não ficando isolada.

7- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?

Bom, é só você pensar na questão do conteúdo que trabalha com a pessoa deficiente, ela é o caminho diferente do que fizeram com a pessoa não deficiente. Então a partir do momento que as pessoas estavam longe fora de um convívio mais amplo com a sociedade que a gente chama de exclusão né, as oportunidades com esta população aconteciam aqui. A partir do momento que você mostra para o aluno que quem tinha este conteúdo nos anos 60 era a área médica. Todo conteúdo ligado a pessoa com deficiência em alguma situação ou condição de deficiência era o médico. Depois chegaram os terapeutas, fisioterapeutas e tal e você foi chegando. O ultimo a chegar ai foram os pedagogos que a gente não encaixou ai neste numero. Hoje quando você fala de algumas situações e você fala de qualquer situação o professor de Educação Física entende. Então eu tenho que formar quem? Eu tenho que formar um profissional de atuar diretamente com esta população seja ela isolada, seja ela em grupo, mas ao mesmo tempo de ser parte de uma discussão maior que engloba o que? Os outros profissionais. Que também pode ter outros, mas que o médico nunca chega aqui nesta pratica. O fisioterapeuta bate com essa mesma situação que é o campo dele mesmo, eu jamais vou fazer nenhuma crítica da atuação dele aqui, mas de repente tem aquela parte mais pedagógica, mais de grupo juntamente aqui com o professor de Educação Física, mas esse profissional também deve ter uma formação pró-ativa, seja ele atuando, seja ele discutindo, seja ele pesquisando, seja ele promovendo a área da Educação Física para com a pessoa deficiente, e não só com a pessoa deficiente, mas em toda situação que for necessário, e não tenho a intenção de formar o cara para atuar com a pessoa deficiente, não é isso, é para atuar em

situações que exigem e funcione. E nossa esperança é que não precise ser uma disciplina. E isto não está longe, daqui a pouco outros profissionais vão ter esta capacidade. Se você é um especialista em basquete, então você deve dar conta de todo o conteúdo de basquete seja com a criança, o jovem, o idoso, isso, aquilo e tá. No nosso meio aqui ela tá começando, você quer ver como identificar essas ações? Hoje nós temos o congresso ciências do esporte, com todos, e de três anos pra cá no congresso de ciências do esporte eu fui o primeiro a falar e eu falei isso lá sobre desporto, qual? Esse, esse. E isso era uma barreira principalmente para o desporto convencional. Há quinze anos atrás falar sobre desporto e deficiência há vinte anos atrás era outra coisa, e hoje é tranquilo por que? Porque desenvolveu de certa forma que eles estão sentando na mesma mesa pra discutir políticas públicas do governo federal, não estão discutindo se é o ideal, não é isso, mas se discute. Hoje senta o presidente do comitê olímpico e o presidente do comitê paraolímpico. Hoje eu tenho a olimpíada e a paraolimpíada. Hoje eu tenho a comissão que faz estes dois eventos. Isto com o tempo vai acabar tendo este profissional, vamos dizer assim com aquela formação, este é o nosso foco.

8- Na opinião do senhor a carga horária e as temáticas que fazem parte do conteúdo programático da sua disciplina, o senhor considera que é ideal?

Sim eu acho. Antes ela era de duas horas semanais, trinta horas, mas essa de 60 você pode colocar o aluno um pouquinho fora da sala de aula, do que as vezes só ficar trazendo situações pra sala de aula. Eu tenho quinze encontros, e se eu puder deixar três encontros desses pra deixar o aluno fora, eu estou dizendo que eu tenho três dias pra sair com o aluno fora daqui, pra ir numa entidade, numa visita, já com o roteiro estabelecido, o que eu quero ver, o que eu não quero ver e isso acaba enriquecendo e em um curso de duas horas você acaba não saindo, é mais fácil entrar numa sala de aula com um vídeo ou transparência.

Entrevistado: Docente 6 (D6)
Data: 14 de janeiro de 2011.
Duração: 49' 14"
Sexo: Feminino
Formação acadêmica: Livre docente
Tempo de docência na disciplina: 23 anos

1- Quanto tempo de atuação com a disciplina na Universidade

Desde 87, então são 23 anos.

2- Como se estrutura a disciplina para o curso de licenciatura e bacharelado em termos de carga horária, conteúdo, estratégias de ensino, relação teoria-prática, possibilidades de vivência por parte dos alunos da graduação (e/ou algo mais que você queira saber)?

No passado ela foi assim, até dois anos atrás antes da reestruturação curricular ela era oferecida no primeiro ano em conjunto com uma disciplina básica pra as duas formações: licenciatura e bacharelado. E a partir do ano retrasado em 2009 nós tivemos a reestruturação, quer dizer em 2008 tivemos a reestruturação, e em 2009 eu peguei a primeira turma que então a disciplina migrou para o 2º ano. Então eu não tenho aluno ainda e conforme a nossa definição curricular é assim: ela é genérica até o 2º ano e depois os alunos escolhem o bacharelado e outros escolhem a licenciatura. Então até o momento quando eu lido com eles no 2º ano, eles tem até intenção de serem bacharéis ou licenciados, mas eles estão no mesmo barco em outras palavras. Não mudou muito porque o conteúdo pras duas foi no sentido de atender necessidades básicas de informação, capacitação e inclusive atitudes com relação a esta área pra que mais pra frente quem quiser atuar vai fazer uma especialização ou escolhas as optativas na época tinha estudos avançados.

2.1 - A disciplina se denomina como neste momento?

Sempre foi desde 87 quando eu vim trabalhar aqui ela chama Educação Física Adaptada.

2.2 - Houve alteração de nomenclatura da disciplina?

Nunca houve mudança. O que houve alteração foi na optativa que no caso antes no currículo antigo, na primeira estrutura curricular que eu vim existir, não tinha outra disciplina complementar e nem eu ofereci na época disciplinas optativas na área e eu acabei me envolvendo com especialização, na época ainda existia especialização e depois quando houve a primeira mudança curricular, daí se criou bacharelado e licenciatura, daí apareceu a disciplina estudos avançados em Educação Física Adaptada que era inclusive uma disciplina de 120 horas, 60 horas de contato com aluno e 60 horas de estágio, sendo que a metade destes estágios quase pra todos eles, de todos os alunos que passaram pela minha mão acabavam fazendo o meu

projeto de extensão em programa de Educação Física Adaptada que se chama PROEFA e a outra metade eles faziam fora dos muros da universidade. Agora esta última mudança dois anos atrás, então eu criei duas disciplinas optativas, uma Educação Física e inclusão escolar e a outra Educação Física e esporte adaptado que vão ser oferecidas em anos alternados. Basicamente a disciplina obrigatória ela tem 60 horas e nos encontros com os alunos em aula a gente cem por cento dela não se refere a estágio. O estágio ele é previsto só na optativa, entretanto como eu acho importante contato com o deficiente uma das minhas estratégias dentro da formação deles é oferecer vivências de simulação de deficiências, pelo menos nas quatro grandes deficiências que é a intelectual, visual, auditiva e também a física. Eu só não crio condições na parte emocional porque é mais difícil de criar simulação nessa área, seriam os casos de distúrbios psiquiátricos e pra parte de vivência com o indivíduo deficiente eles são até o ano passado a gente fazia um festival onde as instituições de Rio Claro eram convidadas a virem na universidade por uma manhã e eles tinham que preparar as atividades, a organização inclusive deste evento desde a parte burocrática, convites, convidar as autoridades pra comparecer, reservar o local, levantar o dinheiro pra comprar lanche porque as crianças ficam até o final da manhã. Então esta é uma vivência estava incluída e muitas vezes extrapolam a carga horária, quase sempre a gente acaba extrapolando 4 horas da carga horária e tem também a preparação. E na parte de conteúdo no início da minha carreira aqui até por uma recomendação que a gente vê assim meio que implícita ou explícita na literatura, eu dividia a disciplina em áreas de deficiência. Então eu trabalhava a deficiência intelectual por um período de tempo, a sensorial trabalhando com surdo e cego e a parte física e depois comportamental. De uns anos pra cá, deve ter uns dez anos comecei a mudar este jeito de trabalhar. Comecei a inserir com a própria mudança da Educação Física criando mais e mais conteúdo enquanto disciplina, enquanto área do conhecimento me permitiu que esta questão das áreas que seriam importantes pra trabalhar a pessoa com deficiência independente de qual deficiência ela tenha, por exemplo, se eu estou trabalhando desenvolvimento motor, por exemplo, eu não preciso tratar desenvolvimento motor separadamente entre o cego, entre o físico porque se eles têm uma faixa etária semelhante e estão num contexto escolar semelhante entendeu? Se o assunto é esporte talvez a ênfase não seja tanto em desenvolvimento porque ele já está num ciclo relativamente estável de evolução, mas talvez trabalhar a parte de, por exemplo, biomecânica, fisiologia do exercício para a condição que ele apresenta, por exemplo, uma lesão medular. Então esse foco fica mais distribuído, por exemplo, de assuntos ligados mais ligados a parte biológica, assuntos ligados a parte psicológica, social, e neste item entraria assuntos sobre as atitudes em relação à diversidade, discriminação, preconceito, aspectos históricos porque ele reflete muito a trajetória sócio cultural e de como as coisas foram feitas no passado e porque a gente está onde está, por exemplo, a minha geração que se formou em 82 ela vem de uma Educação Física elitista que migrou de um período higienista para um período técnico onde Escolas de Educação Física que são famosas são aquelas que ganham jogos universitários e que tem os melhores atletas entre os seus alunos. Então este é o perfil que eu me formei porque eu era parte disso. Então não existia, exceto alguns pólos isolados no Brasil, não existia nenhuma preocupação em oferecer a capacitação pra trabalhar com deficiente, primeiro porque eles estavam escondidos, não se falava em trabalhar Educação Física, a própria fisioterapia foi criada nos anos 60 então você tem aí, vamos dizer assim entrosamento na área médica e muitos dentro de hospitais, então o atendimento na instituição era ainda muito precoce na parte motora, na parte de reabilitação física, por exemplo.

Então eu vim dessa geração, então imagine esta trajetória permeando mudanças atitudinais e tem uma história por trás disto então você na verdade esta falando com uma das primeiras que implantou Educação Física, que começou a desenvolver Educação Física no ensino superior. Na Unicamp nós temos o Edson que ele é o mais antigo de todos ali, ele entrou em 86 pelo que eu sei. Ai tem a Verena, o Luzimar foi mais ou menos à mesma época. E daí lá no estado de Minas Gerais você tem o pessoal, o Alberto e o Apolônio, acho que estão até aposentando, o Apolônio eu sei que já aposentou e que são também dessa época com a diferença que em Minas Gerais e em alguns estados, e algumas unidades no Rio de Janeiro e na própria USP acabaram oferecendo alguns cursos de especialização. Quem permaneceu oferecendo curso de especialização foi a, foi Uberlândia, eu não sei exatamente este ano como é que esta tem alguns comentários de que já não é a mesma coisa por causa da aposentadoria destes professores que eram líderes por lá. Então esta parte histórica não é todo mundo que registra, mas quem viveu este período todo eu estou indo pra terceira década viu bem de perto como foi essa evolução. E uma terceira parte que é a parte mais aplicada da minha disciplina, porque eu já falei um pouco das vivências, mas a minha preocupação não é só entreter alunos com a idéia de simular uma deficiência visual ou entender a comunicação do surdo ou a dificuldade de comunicação do deficiente intelectual, mas também preparar ele pra projetar atividades e organizar a estrutura curricular pra determinados assuntos, por exemplo, se ele esta trabalhando com escola como é que ele vai respeitar, por exemplo, a estrutura curricular que já é definida a nível estadual e lógico subordinada a uma federal e atender as diversidades e as necessidades do que ele vai encontrar inclusive imprevisíveis porque ele pode projetar um planejamento de aula, por exemplo, pra um semestre ou pra um ano inteiro numa escola e achar que ele ta pronto e ai durante o ano é transferido um aluno com deficiência, no ano que vem outro que ele já esta acostumado a trabalhar agora sai e vai pra outra escola e vem alguma outra condição diferente e numero de diferentes. Então esta questão é ainda muito frágil entre os professores inclusive da minha geração, os professores não conseguem ver como ajustar o currículo de uma forma híbrida pra atender as necessidades inesperadas e importantes num contexto inclusivo, que ele vai encontrar na escola, vai encontrar na comunidade. No esporte é diferente porque no esporte você já planeja em função de uma especialização, porque não tem iniciação esportiva você tem reabilitação no esporte pra deficientes. Ai você tem o contexto das APAES, das instituições que atende deficiente intelectual num volume muito grande, talvez o maior até, mas que ta longe de atender as expectativas das olimpíadas especiais (special olympics) internacional que seria disseminar pelo mundo inteiro programa de treinamento contínuo com deficiência intelectual. Então esta é minha preocupação de dar estes subsídios pro aluno se tornar não só familiarizado com a deficiência, mas que ele aproveite o ponta pé inicial que o exercício oferece, que o jogo oferece baseado no que ele vem sendo formado um programa ou mesmo uma aula que seja eficaz pra aquela criança, pra aquele adolescente, ou pro atleta entendeu? Esta é a parte mais trabalhosa porque conhecimento os alunos hoje com a internet tem acesso a muita coisa, não significa necessariamente que eles compreendem o que estão lendo o que estão estudando, então eles precisam da discussão, com um professor, com uma pessoa mais experiente, mas a parte aplicada essa é uma coisa que a gente nem vê como que acontece, eu vejo resultado quando eu saio pra dar curso de capacitação, como esta ruim a habilidade do professor de gerenciar grupos heterogêneos, ta ruim, a Educação Física hoje esta sedentária e ela esta excludente. Quando ela é sedentária ela ocorre porque o aluno que tem deficiência quando ele aparece naquela

determinada classe, ele é perseguido pelo professor como um incapaz e daí ele reduz pro denominador mais inferior que ele possa imaginar e faz o grupo que não tem deficiência pagar o preço pro uma aula fraca que não estimula o potencial de desafio para nenhum dos lados e acaba tornando esta Educação Física sedentária e excludente no sentido que muitas delas, porque ele tem uma dificuldade de avaliar desempenho, ele não tem a capacidade, assim alguns lógico tem, mas nem todo professor ou aluno de Educação Física tem a capacidade de olhar um contexto e dizer o que está errado naquele contexto que é a análise da atividade. E se ele for bom nisso que é uma coisa me preocupa na formação, ele tem que mudar, ele tem que entrar e intervir, não deixar as coisas soltas na aprendizagem, ele tem que mediar esta aprendizagem. Como que eu faço isso na disciplina? Além de persuasão, eu posso garantir que eu sou bem persuasiva, a gente convida as pessoas com deficiências pra participar das aulas práticas e vídeos que resgatam um pouco das atividades da nossa extensão demonstrando, por exemplo, situações de sucesso e fracasso e estimulando o aluno a perceber desde uma análise do ponto de vista do movimento, por exemplo, biomecânico até uma análise de motivação individual, motivação do grupo, o relacionamento com o professor, aonde está surgindo na relação professor-aluno e se está entendendo? Ela atende o objetivo do currículo? Se não atende onde ela pode ser mudada, basicamente é isso.

3- Quais as temáticas e conhecimentos priorizados no conteúdo programático da disciplina?

Bom, na disciplina geral eles têm que ver a parte histórica e contextualizar isso num cenário de pobreza, violência, influência da mídia em padrões de estética corporal porque isto afeta a forma como a gente percebe corpos deficientes, corpos diferentes, performance, entender que a mecânica de movimento de um amputado não é a mesma de uma pessoa que tem todos os segmentos corporais intactos, ou mesmo de um amputado que nasceu faltando um membro e outro que perdeu durante a vida, então este é um contexto assim da parte que eu chamo de sócio cultural e que indiretamente eu espero que modifique também a percepção nas atitudes do aluno com relação ao grupos minoritários, não só deficientes, mas em outros aspectos. Então tem um aspecto político envolvido nessas aulas, elas são as primeiras oferecidas na disciplina, logo que o aluno chega ele já é confrontado com este tipo de informação. Depois a gente entra nas informações técnicas, ela segue obviamente um pouco do modelo médico que é um modelo que resume informações sobre classificação, sobre perdas, sobre agentes etiológicos que causam aquela condição, o processo evolutivo dela quase sempre enfocando a parte motora e psicomotora porque é a nossa praia. Não me interessa muito a ênfase de personalidade, por exemplo, os aspectos cognitivos, embora indiretamente a Educação Física atinja estes domínios, e lá eles vão ver então as deficiências: intelectual, as deficiências neuromotoras como paralisia cerebral, condições progressivas ligadas a distrofia, condições entre os idosos, eu não abordo o assunto envelhecimento, mas eu abordo o assunto das condições incapacitantes do envelhecimento que afetam a sua saúde e as suas funções adaptativas causadas pela doença de Alzheimer principalmente, mal de Parkinson e outras demências de fatores degenerativos ou demenciais associados a um AVC. Ai o aluno vai também ver aspectos da comunicação em surdos porque os surdos não diferenciam na parte motora dos seus pares não deficientes, os cegos enfatizando a diferença congênita e adquirida, especialmente na congênita a questão

do desenvolvimento na ausência da visão, na parte da deficiência física nós falamos dos amputados, dos lesados medulares e de algumas condições fisiológicas ligada a altura de lesão medular e como ela afeta e é afetada pelo exercício, pelo esporte, condições associadas a paralisia cerebral que leva um individuo a ter um problema físico e daí o esporte entra também porque não da pra falar de todos os assuntos em uma aula especifica, o que acontece assim eu distribuo entre aulas teóricas que eu dou e seminários e chega até a ultima parte que é avaliação. Na parte de avaliação ela é bem sintética porque 60 horas cada aula, se você olhou minha programação ela tem tema especifico a ser abordado e nos seminários inclui-se isso também, e algumas coisas da prática discutidas teoricamente vão aparecer nos seminários, por exemplo, dança em cadeira de rodas, apesar de que a gente faz experiências também com outras modalidades: esporte, atividades aquáticas e atividades alternativas e nas alternativas a gente tem algumas que não da apresentar em sala, então a gente apresenta em sala de vídeo, discussão e a parte de organização da estrutura. Então na verdade são três partes: uma sócio cultural, política, outra parte técnica de cunho médico clínico e esta terceira parte que é mais pedagógica que é onde o aluno vê como é uma estrutura curricular, eu mostro a estrutura do nosso programa aqui, a gente discute a estrutura também, não tanto nesta introdução, vai ser na parte de inclusão escolar que vai ser abordado mais detalhes o currículo da escola, das escolas estaduais de São Paulo que tem uma diretriz aprovada e que a gente deve seguir nos vários níveis de ensino, então ele vai ver mais aprofundadamente na optativa. Nas disciplinas optativas que são duas, a de inclusão na escola e a de esporte, elas são obviamente pelo perfil uma mais voltada pra licenciatura e a de esporte obviamente mais voltada pro bacharelado. Como vai ser a primeira vez, eu ainda não desenvolvi ela, eu tenho tudo a nível teórico, só no papel, é previsão do que eles vão fazer. Então no caso da inclusão escolar o formato vai seguir um pouco da tendência da geral só que agora com aprofundamentos, obviamente pensando agora no contexto escolar, então quando eu falar de aspectos políticos, sócio culturais ele vai ser já focando a escola, por exemplo, as grandes contribuições de pensadores e teóricos dentro dos métodos pedagógicos que são retomados dentro da Educação Física, por exemplo, Piaget, Montessori que começou com este interesse na área da deficiência porque ela era médica e daí enveredou pela parte pedagógica, até coisas mais atuais como a influencia do Paulo Freire neste contexto. Daí a parte aplicada vai ta ligada mais à estruturação de propostas de vários níveis de desenvolvimento da criança na escola, e aqui entra o estágio. Então o aluno vai ter o estágio supervisionado dentro do meu projeto e uma parte do estágio, na verdade nem sei se vai precisar, mas ele vai ter liberdade pra ir pra fazer visitas na escola e ver como esta sendo implantada a inclusão por lá e sistematizar a avaliação. Aqui sim a avaliação vai ser abordada já com experiências práticas, por exemplo, pra criança da pré-escola que tipo de avaliação vai ser mais eficaz pra avaliar o progresso dela evolutivo até, por exemplo, sete anos. Depois dos sete anos o que é mais importante avaliar? Então os alunos vão mexer com ferramentas e coletar dados visitando escolas ou até nos nossos atendimentos, na própria APAE que tem várias faixas etárias de crianças com deficiência intelectual. Obviamente a ênfase vai ser mais mesmo em deficiência intelectual porque ela é mais prolifera, assim entre todas as deficiências o numero de incidências, o numero de deficiência leve ela é muito mais freqüente do que as outras deficiências. Então não adianta ficar focando em áreas que são excepcionais, por exemplo, é mais interessante em vez de eu focar na avaliação do deficiente físico em termos de adaptação de atividade desportiva que envolva este deficiente físico porque ele ta tendo avaliação na parte fisioterápica, na parte clínica. Agora este aluno que já

fez a outra disciplina ele tem que ter a mesma linguagem pra compreender quando um pai traz um dado da avaliação clínica pra ele entender como se reflete na aula dele. E tem a outra disciplina que vai ser ministrada no ano que vem, eu vou falar assim bem geral sobre ela qual é a minha meta com esta disciplina, uma delas ta ligada obviamente ao fato de que logo a gente vai hospedar os jogos paraolímpicos em 2016 e também porque o CPP (Comitê Paraolímpico Brasileiro) tem incentivado muito a implantação dos esportes adaptados, não implantação mas pelo menos contato do esporte adaptado na escola, embora a disciplina não seja voltada pra escola ela tem uma abertura aqui, mas essencialmente quando tratar de desporto vai ser obviamente olhando a trajetória histórica aqui no Brasil e no exterior, avaliar as diferentes modalidades paraolímpicas, as modalidades olímpicas de verão e de inverno, de inverno apenas pra conhecimento porque a gente não tem muito a oportunidade de trabalhar essas modalidades. Na special olympics o modelo filosófico dela, que embora também envolva competição ele é muito mais amplo e mexe com um leque de participação e a Educação Física, e a Atividade Física na verdade influenciando na vida diária, inclusive saúde, com hábitos de saúde e higiene vinculados ou derivados da participação esportiva ou da participação em atividades físicas, e o espectro inteiro não só a deficiência leve, mas também a deficiência mais grave com atividades de desenvolvimento, e ai a idéia é olhar algumas coisas de periodização de treinamento pra se ter uma idéia do esporte de alto rendimento pelo menos nas modalidades individuais, como que ele pode aplicar o que ele viu na outra disciplina de treinamento como ele pode trazer pra esta disciplina de prática. E ai a gente a idéia é ter o estágio porque ela tem 30 horas de estágio pra que ele possa aplicar algumas estratégias de treinamento. Aplicar em esportes com cadeira de rodas, esportes aquáticos, esportes atléticos e modalidades coletivas, voleibol, coisas que hoje a gente tem condições de fazer aqui na UNESP.

4- Em relação ao currículo do curso de Educação Física que você ministra (licenciatura e/ou bacharelado), existe interação da disciplina com outras disciplinas. Quais? E de que forma?

A disciplina em vários níveis ela poderia ser distribuída em disciplinas que não são chamadas de Educação Física Adaptada, vou te dar um exemplo, se estou trabalhando com atividades aquáticas seria muito interessante incorporar aquela unidade nas aulas de natação, atividades aquáticas previstas no programa, basquetebol também. Mas não é ainda uma realidade porque depende muito da motivação dos pares pra fazer isso. Ela não excluiria a minha disciplina, ela só daria maiores oportunidades de eu aprofundar em tópicos que eu não consigo entrar por causa da limitação da carga horária. Agora em termos de pré-requisito pra minha disciplina é muito importante algumas vivencias em outras disciplinas como, por exemplo, neurofisiologia, neuroanatomia, desenvolvimento e crescimento são fundamentais, basicamente a disciplina, vamos dizer assim, uns dois terços da disciplina depende da informação sobre desenvolvimento humano e desenvolvimento motor, biomecânica, lamentavelmente os alunos não vão ter biomecânica antes de passar pela minha mão, mas é uma situação assim por conta da formação, eles vão ver nas optativas e ai eu vou ter o reflexo desta vivência o que me ajuda na parte de análise de atividade de movimento essa fundamentação. A parte didática, na verdade muitas das disciplinas elas influenciam e eu influencio principalmente nas práticas e obviamente no perfil do aluno final por causa desta questão política que é inerente a disciplina, ela provoca umas discussões pro aluno mais maduro, por exemplo, a

questão da preocupação excessiva com forma, com aparência, estados nutricionais que acabam migrando um pouco pro lado obsessivo e pro lado da mudança de atitudes e valores que fazem que um aluno incorpore dietas patogênicas ou se envolva com substâncias perigosas pro organismo dele. Então este tipo de assunto ele veicula na minha disciplina, é demonstrado e provocado na verdade pros alunos pensarem e discutirem a respeito porque mexe um pouco com o perfil atitudinal dele enquanto profissional, seja ele licenciado ou bacharelado, acho que influencia nos dois casos porque hoje a gente tem uma incidência de distúrbios de imagem muito grande na meninada que tá na escola e o professor de Educação Física tem uma responsabilidade muito grande em lidar com isso, e aí vem a questão do surgimento de doenças que vão virar deficiências ou incapacidades e acabam aumentando a minha estatística de necessidades especiais entendeu? Então neste sentido a disciplina ela é bem, ela não é pontual, não existe um assunto específico que interfere naquela disciplina 'x', mas ela tem um leque bastante grande que vai mexer com a parte técnica e vai mexer com a parte atitudinal e com a parte de competências dele enquanto profissional que obviamente você vai ver se é boa ou não quando ele estiver estagiando ou ele estiver trabalhando.

4.1 - E aí, você não percebe que os demais professores tocam no assunto ou fazem uma abordagem, por exemplo, lá na natação ele nem toca no assunto?

Eu não sei eu tô falando coisas que a gente ouve falar. Eu não tenho hábito de ir atrás do professor, da aula que ele tá dando pra verificar se ele tá abordando ou não, se ele tem interesse ou não, eu falo assim que no contexto da maioria ainda é uma carência porque não é que o professor seja incapaz de fazer isso entendeu, porque nós assim como eu, nós viemos, muitos dos meus colegas vem desta geração tecnicista da Educação Física. É bem possível que um professor que formou nos últimos dez anos e que agora tá tendo seu mestrado, sua capacitação e que vai dar aula na Educação Física e não vai trabalhar com Educação Física Adaptada e vai trabalhar sei lá com basquete, que ele se sinta motivado de incluir um tópico esporte em cadeira de rodas, basquete em cadeira de rodas, por exemplo, se ele sabe que tem um colega atuando com formação básica em Educação Física e ele teve também ele é capaz de administrar. A minha geração não teve, se você olhar meu currículo, meu histórico escolar não tem absolutamente nada que ateste que era capaz de dar aula de Educação Física Adaptada quando eu dei em 87, não existiam, as poucas pessoas que estavam fazendo curso de capacitação estavam fazendo com pessoas que estavam aprendendo por tentativa e erro, por exemplo, os meus colegas o Apolônio e o Alberto eles não tiveram uma disciplina de Educação Física Adaptada ou nome semelhante, mas eles criaram um curso de especialização, então eles estavam na verdade se familiarizando, eu fiz muito estágio durante o primeiro e segundo ano que eu dei aula aqui, eu mesmo ia estagiar pra adquirir a cancha, contato com o deficiente, fui a hospital psiquiátrico, não existia exceto a literatura que era pobre nós não tínhamos muito por aonde ir, tinha que ir na verdade experimentando com seus alunos, então esse foi início. Então não é de se surpreender, não é que haja resistência, é que as pessoas não foram habilitadas na sua formação e também não foram questionadas atitudinalmente pra mudar isso. Eu acho que as pessoas estão abertas, assim que elas, se elas forem expostas a uma experiência positiva tenho certeza que, aqui a gente teve a Suraya a gente inseriu várias vezes o basquete em cadeira de rodas, os alunos trouxeram o assunto, em estudos, e tem uma disciplina aí que é, não sei se é projetos integradores ou atividades complementares enfim, mas

eles fizeram uma tarde inteira de esporte adaptado, eu acompanhei, cedi material, mas era pra uma outra disciplina de um outro colega meu, então esta havendo uma diversificação e quem trabalha escola esta vendo isso porque a inclusão taí e os pais e não esta escapando.

5- Você considera a disciplina engajada no currículo de Educação Física, ou é uma disciplina isolada do mesmo. Justifique por gentileza sua resposta.

Não absolutamente, não é isolada, não tem como ser. Acho que se alguém falar que é isolada vai ter que ter muito vocabulário pra argumentar porque ela seria isolada, não é não. Até porque o ser humano ele já é diverso por natureza. Hoje nós temos uma tendência secular acontecendo em termos de insatisfação corporal e que ta no nível epidêmico. Então a pessoa que esta costumada a trabalhar com as diferenças ela esta mais apta a reconhecer esta situação e oferecer alternativas de resolução com seu corpo, com a sua saúde. Dai nós temos as questões de doenças metabólicas ela é também assunto da minha disciplina. A gente não entra a fundo em todas por causa da limitação do tempo, mas nós temos que falar, por exemplo, uma criança que tem uma deficiência intelectual e tem diabetes ou um adulto que tem osteoporose, tem criança com osteoporose também, então como lidar com essa questão, perdas visuais decorrente da diabetes e que o torna deficiente visual. Então é lógico que estes alunos estão tendo um suporte enorme com o pessoal da fisiologia que aborda esse assunto e que pesquisa inclusive esses assuntos. Aqui nós temos o projeto de extensão nos postos de saúde que atendem problemas metabólicos, então pra mim é lógico que reflete positivamente na minha disciplina, porque ela complementa assuntos que acabam surgindo.

6- Que perfil profissional o curso quer alcançar para a capacitação profissional em Educação Física Adaptada?

Olha um perfil fechado é difícil de oferecer, mas basicamente é um perfil em cima de saúde. Ai vem a questão eu posso definir a direção do curso em cima de saúde, o perfil dele em cima disso, mas o meu contexto de saúde ele é muito amplo porque ele envolve a questão de bem estar, envolve a questão de saúde com relação à sua saúde individual e o coletivo. E ai envolve questões ambientais, envolve questões sociais, percebe? Não acho que a Educação Física Adaptada seja voltada pra uma questão técnica só, por exemplo, se eu tivesse a preocupação de trabalhar com esporte de alto rendimento e este fosse o tom eu diria que o perfil é então, nós vamos estar formando um técnico extremamente capacitado com informações na fisiologia, na modalidade, nos programas e métodos de treinamento, não é isso, eu acho que o perfil pra qual o aluno ta saindo é pelo menos é este o meu esforço, não sei se traduz que é o curso como um todo, eu acho que tem momentos que eu vejo a Educação Física nossa voltada pra mais pra parte pedagógica, em outros momentos mais pra parte tecnicista voltada pro exercício como forma de atingir qualidade de vida, eu acho que o exercício é um assunto chato do jeito que esta sendo colocado hoje, entendeu? As academias estão violando premissas básicas de saúde e ninguém ta se dando conta disto, por que? Por causa desta super valorização em cima da estética, esta afiliação corporativa entre áreas da medicina, áreas da parte de saúde e médica e que estão só voltadas em cima do capital, em cima de fazer dinheiro, é importante ganhar

dinheiro, mas eu acho que você pode atingir metas semelhantes através do esporte que ta abandonando na minha opinião. Eu tenho voltado demais este assunto, tenho trazido experiências com esporte dentro da minha disciplina o máximo que eu posso, e demonstro que os meus alunos se eles acham que são incapazes de jogar um basquete, um handebol porque tem deficiência intelectual, tem síndrome de Down são capazes de fazer gestos muito melhores do que os seus pares sem deficiências. Então por quê? Porque tem algo motivador por trás disso. Então este perfil de saúde ele pode ser oferecido pra ser trabalhado de maneira socializadora, de maneira prazerosa, inclusiva respeitando as diferenças individuais. Então este é um perfil que eu acho o ideal num contexto de saúde mais amplo, não só voltado pra parte de valores metabólicos, valores de nutrição entendeu? Aparência, mas também o bem estar, a ausência de pensamentos obsessivos que hoje permeia não só a pessoa com deficiência, obviamente ela é atingida, mas predominantemente todos os outros, se você entrar nas escolas hoje as meninas e os meninos estão insatisfeitos com o jeito que eles se parecem, estão sedentários, estão obesos ou perigosamente magros entendeu? Se envolvendo com atividades ilícitas. Então este é pra mim é o perfil que eu acho que deve ser valorizado através da minha disciplina, não sei se o jogo geral das outras disciplinas com os outros docentes atinge este perfil. Eu sei, por exemplo, que a escola da USP, as duas, a de São Paulo e a de Ribeirão Preto têm esta meta bem especifica voltada pra saúde, mas é muito técnico, a parte pedagógica vem, mas é secundária, e eu acho que você pode incorporar a parte pedagógica também pra atingir metas de saúde e qualidade de vida, porque, veja bem, qual o numero de anos que você gasta na sua vida, principalmente os iniciais, senão dentro da escola, ali você se socializa com seus pares, ali você recebe influencias, porque trabalhar com metas que você acha que só podem serem trabalhadas quando esta na comunidade, quando esta na academia, por que não levar la pra dentro? Sem precisar necessariamente trabalhar com métodos de academia, neste formato de exercício repetitivo, tedioso, onde você fica..., é importante você considerar o formato do exercício, mas não com essa mensagem enviesada de estereótipos de beleza que é o que esta sendo valorizado na televisão nos programas voltados pra saúde e condicionamento físico e atividade física e obviamente nesses negócios que são as academias e centros de fitness.

7- Em sua opinião, qual a carga horária e as temáticas que você consideraria como sendo ideal dentro do conteúdo programático de sua disciplina?

Olha 60 horas é pouco pra trabalhar tudo que tem que ser trabalhado, mesmo a nível introdutório. Se você aumentar muito mais esta carga horária acaba tornando assim é, a relação com o professor, com o docente acaba ficando desgastada porque é muito prolongada, quantos encontros semanais é possível? Eu tenho quatro encontros, quatro horas aula com esses alunos. Então se você oferece muito mais que isso acaba ficando intenso no convívio, não em termos de atendimento do conteúdo. Agora se mais da metade destes alunos fizerem essas 60 horas e forem pras 60 horas de uma das optativas eu acho que ta ideal entendeu? É possível você dar conta desta demanda, porque se fizer estágio e a escola tiver se comportando do jeito que eu prevejo, se a comunidade tiver ampliando o olho de escuta, até por uma questão política de momento que esta acontecendo, o Brasil ta hospedando a copa, ta hospedando os jogos olímpicos, então por uma década quase nós vamos ter esse

fenômeno de pluralidade de grupos, particularmente as olimpíadas porque tem a paraolimpíada atrelada a ela. Se o movimento cultural e social se comportar do jeito que a gente tá achando que vai acontecer a gente vai ter o aluno, o futuro professor de Educação Física confrontado o tempo inteiro, ele vai ver na mídia, vai ver na televisão, ele vai ver na escola dele, ele vai ver as pessoas falando sobre isso. Então isso pra mim é muito positivo. No passado era assim, era um assunto tratado na disciplina e depois o aluno se forma e aí não vai ver mais, embora a inclusão esteja num sentido mais obrigatório desde 96, a gente ainda sabe que ela tá não está sendo implantada eficazmente ainda, não é todo o lugar que tem esta eficiência neste plano de implantação da inclusão, mas muito mais do que foi no passado, então este contexto sócio cultural externo aos muros da universidade acaba criando experiências particulares que eu acho que vão dar uma boa vivência no sentido técnico de oferecer uma boa formação para grupos heterogêneos e no sentido atitudinal, uma visão mais política, uma visão mais integradora e uma visão menos preconceituosa sobre as diferenças.